



ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

CATÁLOGO DE ARTES VISUAIS

Rodolfo Ward
organizador

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

321

SENADO FEDERAL



Rodolfo Ward
Organizador

Arte e inovação em tempos de pandemia

Catálogo de artes visuais

Edições do Senado Federal
vol. 321

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL
Mesa
Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo
1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha
2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho
1º SECRETÁRIO

Senador Weverton
2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrielli
Senadora Ivete da Silveira
Senador Dr. Hiran
Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues
PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque
VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flavia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont

de Miranda

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 321

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira
Capa: Thomas Gonçalves e Rodrigo Ribeiro

© Senado Federal, 2024
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº
CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.leg.br
[https://www12.senado.leg.br/publicacoes/
conselho-editorial-1](https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1)
Todos os direitos reservados

Arte e inovação em tempos de pandemia :
catálogo de artes visuais / Rodolfo Ward
org. — Brasília : Senado Federal, 2024.
224 p. : il., fots., gravs. — (Edições do
Senado Federal ; v. 321)

Texto em português, espanhol, inglês e
francês.

ISBN: 978-65-5676-442-9

1. Obra de arte, catálogo. 2. Arte, catá-
logo. 3. Artista, entrevista. 4. Artista,
ensaio. I. Ward, Rodolfo, org. II. Série.

CDD 709.810905

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia
Coimbra Diniz – CRB1-1179

* Este é o catálogo, o capítulo 2, da Obra Arte e Inovação em Tempos de Pandemia, publicado pela Editora do Senado Federal Brasileiro (2023).

* This is the catalog, chapter 2, of the Work Art and Innovation in Times of Pandemic, published by the Publisher of the Brazilian Federal Senate (2023).

* Este es el catálogo, capítulo 2, de la Obra Arte e Innovación en Tiempos de Pandemia, publicado por la Editorial del Senado Federal Brasileño (2023).

* Ceci est le catalogue, chapitre 2, de l'Oeuvre Art et Innovation en Temps de Pandémie, publié par l'Éditeur du Sénat Fédéral Brésilien (2023).

Projeto financiado pela Lei Aldir Blanc, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Tocantins (Adetuc), pelo Decanato de Pesquisa e Inovação da UnB e Pela Editora do Senado Federal Brasileiro (Segraf).

Project funded by the Aldir Blanc Law, Secretary of State for Culture and Creative Economy of the Federal District (SECEC-DF), Development Agency for Tourism, Culture and Creative Economy of Tocantins (Adetuc), by the Dean's Office of Research and Innovation of UnB, and by the Publisher of the Brazilian Federal Senate (Segraf).

Proyecto financiado por la Ley Aldir Blanc, Secretaría de Estado de Cultura y Economía Creativa del Distrito Federal (SECEC-DF), Agencia de Desarrollo de Turismo, Cultura y Economía Creativa de Tocantins (Adetuc), por el Decanato de Investigación e Innovación de UnB y por la Editorial del Senado Federal Brasileño (Segraf).

Projet financé par la Loi Aldir Blanc, Secrétariat d'État à la Culture et à l'Économie Créative du District Fédéral (SECEC-DF), Agence de Développement du Tourisme, de la Culture et de l'Économie Créative du Tocantins (Adetuc), par le Doyen de la Recherche et de l'Innovation de l'UnB et par l'Éditeur du Sénat Fédéral Brésilien (Segraf).

Conselho Científico da Publicação Original

Alex Ungprateeb Flynn (World Arts-UCLA)

German Labrador Mendez (Princeton University)

Ami Schiess (Stanford University)

José Geraldo de Sousa Junior (FD-UnB)

Suzete Venturelli (IDA-UnB/UAM)

Ingrid Koudella (ECA-USP)

Gilbertto Prado (ECA-USP/UAM)

Walescka Pino-Ojeda (NZCLAS-The University of Auckland)

Natalia Castro Picón (Princeton University)

Eliane Potiguara (Honoris Causa UFRJ)

Susana Dobal (FAC/UnB)

Elimar Nascimento (CDS/UnB)

In Memoriam

Das mais de 700 mil vítimas do COVID-19 no Brasil.

Da Professora da UnB Dra. Lourdes Bandeira, referência nos estudos sobre a mulher que nos deixou seu último artigo nesta publicação (1949-2021).

Do brilhante Polímata e Artista Indígena Contemporâneo, Jaider Esbell. Referência na arte indígena e brasileira. (1979-2021).

In Memoriam

To the more than 700,000 victims of COVID-19 in Brazil.

To the Professor at UnB, Dr. Lourdes Bandeira, a reference in studies on women who left us her last article in this publication (1949-2021).

To the brilliant Polymath and Contemporary Indigenous Artist, Jaider Esbell. A reference in indigenous and Brazilian art. (1979-2021).

En Mémoire

Des plus de 700 000 victimes du COVID-19 au Brésil.

De la Professeure Dr. Lourdes Bandeira, référence dans les études sur la femme, qui nous a laissé son dernier article dans cette publication (1949-2021).

Du brillant Polymathe et Artiste Indigène Contemporain, Jaider Esbell. Référence dans l'art indigène et brésilien. (1979-2021).

En Memoria

De las más de 700.000 víctimas del COVID-19 en Brasil.

De la Profesora Dra. Lourdes Bandeira, referente en estudios sobre la mujer que nos dejó su último artículo en esta publicación (1949-2021).

Del brillante Polímata y Artista Indígena Contemporáneo, Jaider Esbell. Referencia en el arte indígena y brasileño. (1979-2021).

SUMÁRIO

Parecer da Obra <i>German Labrador Mendez</i>	7
Arte e Inovação em Tempos de Pandemia <i>Rodolfo Ward</i>	11
Tristes sonhos, ou o inconsciente político da pandemia <i>Ian Erickson-Kery</i>	15
Sobre um móvel de casa ou Natureza Morta, tendu, bonecas e máscaras <i>Gilberto Prado</i>	28
Mídia Índia <i>Mídia Índia</i>	38
Arte Indígena Contemporânea <i>Jaidar Esbell</i>	57
Mitos e lendas do Brasil em Cordel <i>Nireuda Longobardi</i>	71
Narrativa Verbo-Visual Pandêmica <i>Luisa Gunther</i>	85
Diáspora Africana <i>Christus Nóbrega</i>	99

O que o vento ainda não levou <i>Susana Dobal</i>	111
Fotografia, Fantasia: imaginação dos extraquadros <i>Duda Bentes</i>	125
Novo Modernismo: cor e espiritualidade pós-humana <i>Rodolfo Ward</i>	138
Arte Indígena Contemporânea <i>Daiara Tukano</i>	159
Máscaras para rituais do mundo em crise <i>Denilson Baniwa</i>	170
Desgaste <i>Ester Cruz</i>	189
Folclore Afroamerindio e a Vida Cotidiana <i>Jackeline Romio</i>	199
Labfront <i>Pablo Gobira, Antônio Mozelli, Emanuelle Silva, Ítalo Travenzoli, Priscila Rezende Portugal, Luiz Carlos de Oliveira Ferreira</i>	212

Parecer

Sinopse

A obra visa abarcar, como o próprio título indica, a arte e inovação em tempos de pandemia de uma perspectiva transdisciplinar e decolonial. Para tal, as vozes advêm de pesquisadoras e pesquisadores que, em muitos casos, representam distintos grupos indenítiários com formações e pesquisas em diversas áreas de conhecimentos. A obra foi pensada e está diretamente ligada a proposta do tempo em questão, de isolamento social, do livro virtual (e-book), por isso, sua forma lembra “os clássicos”, a “era dos polímatas”, que eram obras extensas, entretanto extremamente relevantes para seu tempo. A obra é composta por 4 seções, cada qual com um prefácio escrita por pesquisadores de prestigiosas universidades internacionais, separadas na seguinte ordem. A primeira sessão composta de 11 entrevistas (*lives*) mediada pelo proponente. A segunda seção é composta por 11 ensaios visuais. A terceira sessão é composta por 10 artigos, e, por fim a quarta sessão composta por 12 poetas.

Qualidade do Conteúdo

O projeto trata de Arte, Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital e Inovação. Recorre ao Decolonialismo e a transdisciplinaridade como eixos centrais para justificar os diversos formatos e enfoques que compõe a obra. Para tal são envolvidos(as), autores (as), pesquisadores(as), artistas e membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Percebe-se a relevância da Obra, a atualidade temática, a grande abrangência e seu vasto público alvo em potencial.

Atualidade do Tema

Vivemos a proposta. Ao abordar questões artísticas relacionadas aos indígenas, ao feminicídio, ao machismo, as tecnologias contemporâneas pode interagir com todas as pessoas.

Justificativa

"A liberdade humana vem do conhecimento dos afetos. Para isso é importante saber como produzir afetos. A partir dos entendimentos deleuziano e gattariano (1992) que uniu arte, ciência e filosofia em conjunto com outra vanguarda do conhecimento, à emergente implantação da cultura da inovação tem seu curso estabelecido com o surgimento da obra Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. A inovação vem para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo, criar ou recriar modelos de negócios para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é "a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas" (OCDE, 2005, p. 55). "

Atualmente, a sociedade não se interessa mais por produtos acadêmicos e técnicos que se limitam a um pequeno número de indivíduos visto como "elite do conhecimento". Esse distanciamento da academia com a sociedade é um dos fatores que contribui para a ascensão do obscurantismo da atualidade. Tal evento permeia a facilidade com que as fake news são absorvidas pela população brasileira. Vivemos, sim, tempos incertos e algo obscuro. Em tempos de avanço do negacionismo, este é um grande aprendizado para a sociedade brasileira: compreender a importância da Universidade, o lugar imprescindível da ciência, do conhecimento, do saber. A academia deve olhar para dentro e se inovar. Ser capaz de criar novos tipos de afeto. Vivemos a era da Cultura Digital em que o consumidor de informações é ao mesmo tempo produtor de conteúdo."

Muitas das línguas indígenas se perderam no tempo e foram extintas pois era uma cultura oral. Ou seja, aquele conhecimento não foi escrito. Era passada de geração para geração por meio da oralidade. Pela não publicação perdemos inúmeras culturas e línguas de povos indígenas. "O projeto "Arte e Inovação em Tempos de Pandemia" conversa com a

forma positiva proposta por Halbwachs (1986), que “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, denominada de “comunidade afetiva” e também com a vertente denominada “memória subterrânea” que, por meio da história oral¹, parte integrante das “culturas minoritárias e dominadas” se opõe à “memória oficial” e privilegia os excluídos, marginalizados e minorias.

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpomos para a linguagem escrita uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva - tão em voga nas discussões contemporâneas - e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada à aristocracia que ainda oprime povos e raças.”

Abrangência

A abrangência é muito ampla. Esta se dá pela presença de vozes tão múltiplas somadas à temática que nos atravessa globalmente e ainda pelos formatos tão diversificados que são apresentados nas quatro sessões.

Tipo de público

Pessoas interessadas em artes, em docência, em “causas identitárias”, em tecnologias contemporâneas e em muitos outros temas.

¹ “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.” (POLLACK, 1989, p. 6).



Department of Spanish and Portuguese
Languages and Cultures

359 East Pyne
Princeton, New Jersey 08544-5264
T 609.258.7180
F 609.258.7155

Conclusão

A Obra apresenta relevância, possui temática atual, grande abrangência e vasto público alvo em potencial. Foge dos padrões unicamente tecnicistas e academicistas que por vezes afastam a academia e a ciência da sociedade em geral e como é enfatizado pelo autor “é uma das consequências da ascensão do obscurantismo que vivemos atualmente”. Nosso parecer é favorável para a publicação.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "German Labrador Mendez".

German Labrador Mendez,

Professor

labrador@princeton.edu

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia - Artes Visuais

Na minha obra “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, eu busquei capturar as emoções e reflexões psicológicas provocadas pela pandemia da COVID-19, utilizando a arte como meio de expressão e exploração. Esta compilação transdisciplinar e inclusiva reúne contribuições de diversos artistas e pensadores, refletindo uma ampla gama de experiências durante o período de isolamento. Este catálogo é o segundo capítulo da Obra “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, publicado pela Editora do Senado Federal (2023).

Entre os artistas que destaco, está o fotógrafo Duda Bentes, cujas obras exploram a ausência humana em espaços domésticos, vegetais e urbanos, evocando sentimentos de isolamento e introspecção. Além disso, contribuo com minhas próprias fotografias, que desafiam as percepções comuns de espaço e tempo, refletindo sobre a condição humana em tempos de crise.

Christus Nóbrega oferece uma foto-performance minimalista, mas rica em simbolismo, utilizando elementos cotidianos para criar uma narrativa visual impactante. Gilberto Prado, por outro lado, emprega a técnica da raiografia para transformar objetos domésticos em ícones de confinamento e introspecção, usando cores pastel suaves.

Daidara Tukano traz as suas pinturas de hidrocor e jenipapo, que ressoam com a memória e a espiritualidade indígena, destacando a conexão profunda com a terra e o sonho ancestral. Nireuda Longobardi apresenta xilogravuras que homenageiam figuras, principalmente mulheres, em uma narrativa visual entrelaçada com a técnica do cordel. Jaider Esbell, com suas pinturas abstratas, mergulha o espectador na realidade vibrante, mas frágil, da floresta e do cosmos.

Além disso, o LABFRONT, com seu trabalho inovador em processos algorítmicos, oferece uma perspectiva única sobre a intersecção entre tecnologia, arte e sociedade. A Mídia Índia, uma plataforma de comunicação indígena, traz histórias e imagens que destacam as lutas e resiliências dos povos indígenas. Denilson Baniwa, um artista indígena notável, desafia as narrativas convencionais e oferece uma representação autêntica da vida e das crenças indígenas.

Jackeline Romio contribui com uma análise incisiva sobre o impacto da pandemia, especialmente em relação às questões de gênero e desigualdade. Ester Cruz, por sua vez, aborda as nuances do confinamento e seus efeitos psicológicos e sociais.

Esses artistas e colaboradores criam um mosaico de expressões artísticas que refletem a complexidade do momento histórico vivido. Eles expressam não apenas as angústias e desafios trazidos pela pandemia, mas também a resiliência, a esperança e a capacidade de reinvenção. “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” não é apenas uma coleção de obras artísticas; é um documento histórico que captura a essência de um período desafiador, proporcionando insights e reflexões profundas sobre o impacto da pandemia na sociedade e no indivíduo. É uma celebração da arte como uma força vital para enfrentar, compreender e transformar as experiências da vida.

Rodolfo “*The South American Sensation*” Ward

Artista, produtor cultural e pesquisador transdisciplinar. Doutor em Artes Visuais (2023) e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019) com período de bolsa Sanduíche no Departamento de World Arts and Cultures/Dance da University of California, Los Angeles - UCLA (2022-2023), financiado pelo CNPq. Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018). Cursou como aluno regular o Mestrado em Ciências do Ambiente, linha de pesquisa: Natureza, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2015). Autor das obras Arte e Inovação em Tempos de Pandemia (2023), Wawekrurê: distintos olhares (1. ed. em 2015 e 2. ed. em 2019), ambas, editadas pela editora do Senado Federal. Do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT (2017) e Organizador dos Cadernos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares Ceam/UnB eds. 36, 37, 38 e 39 (2022). Foi Primeiro Secretário da Associação de Artistas Visuais do Estado do Tocantins (Avisto) e Membro do Conselho de Cultura do Município de Palmas-TO. Participou de mais de 40 exposições no Brasil e exterior.

Art and Innovation in Times of Pandemic - Visual Arts

In my work “Art and Innovation in Times of Pandemic”, I sought to capture the emotions and psychological reflections provoked by the COVID-19 pandemic, using art as a means of expression and exploration. This transdisciplinary and inclusive compilation brings together contributions from various artists and thinkers, reflecting a wide range of experiences during the period of isolation. This catalog is the second chapter of the work “Art and Innovation in Times of Pandemic”, published by the Federal Senate Publisher (2023).

Among the artists I highlight is photographer Duda Bentes, whose works explore the absence of humans in domestic, vegetal, and urban spaces, evoking feelings of isolation and introspection. In addition, I contribute my own photographs, which challenge common perceptions of space and time, reflecting on the human condition in times of crisis.

Christus Nóbrega offers a minimalist but symbolically rich photo-performance, using everyday elements to create a visually impactful narrative. Gilberto Prado, on the other hand, employs the technique of rayography to transform domestic objects into icons of confinement and introspection, using soft pastel colors.

Daidara Tukano brings her watercolor and genipapo paintings, which resonate with indigenous memory and spirituality, highlighting the deep connection with the land and ancestral dreaming. Nireuda Longobardi presents woodcuts that honor figures, mainly women, in a visual narrative intertwined with the technique of cordel. Jaider Esbell, with his abstract paintings, immerses the viewer in the vibrant but fragile reality of the forest and cosmos.

Furthermore, LABFRONT, with its innovative work in algorithmic processes, offers a unique perspective on the intersection between technology, art, and society. Media Índia, an indigenous communication platform, brings stories and images that highlight the struggles and resilience of indigenous peoples. Denilson Baniwa, a notable indigenous artist, challenges conventional narratives and offers an authentic representation of indigenous life and beliefs.

Jackeline Romio contributes an incisive analysis of the pandemic’s impact, especially in relation to gender and inequality issues. Ester Cruz, in turn, addresses the nuances of confinement and its psychological and social effects.

These artists and collaborators create a mosaic of artistic expressions that reflect the complexity of the historical moment we are living through. They express not only the anguish and challenges brought about by the pandemic but also resilience, hope, and the capacity for reinvention. “Art and Innovation in Times of Pandemic” is not just a collection of artistic works; it is a historical document that captures the essence of a challenging period, providing deep insights and reflections on the pandemic’s impact on society and the individual. It is a celebration of art as a vital force to confront, understand, and transform life experiences.

Rodolfo “*The South American Sensation*” Ward

Artist, cultural producer, and transdisciplinary researcher. PhD in Visual Arts (2023) and Master in Contemporary Art through the research line of Art and Technology at the University of Brasília - UnB (2019), with a Sandwich Scholarship period at the Department of World Arts and Cultures/Dance at the University of California, Los Angeles - UCLA (2022-2023), funded by CNPq. Postgraduate in International Relations from the Institute of International Relations IREL/UnB (2020). Postgraduate in Political Analysis and Public Policies from the Institute of Political Science - IPOL/UnB (2018). Attended as a regular student the Master’s program in Environmental Sciences, research line: Nature, Culture and Society at the Federal University of Tocantins - UFT (2015). Author of the works *Art and Innovation in Times of Pandemic* (2023), *Wawekrurê: Distinct Looks* (1st ed. in 2015 and 2nd ed. in 2019), both published by the Federal Senate Publisher. Author of *Narratives and Representativities: Interdisciplinarity in Communication* published by the Publisher of the Federal University of Tocantins - EDUFT (2017) and Organizer of the Notebooks of the Center for Advanced Multidisciplinary Studies Ceam/UnB eds. 36, 37, 38 and 39 (2022). Former First Secretary of the Association of Visual Artists of the State of Tocantins (Avisto) and Member of the Culture Council of the Municipality of Palmas-TO. Participated in more than 40 exhibitions in Brazil and abroad.

Tristes sonhos, ou o inconsciente político da pandemia

Nos meses após o começo do isolamento em 2020, apareciam reportagens—primeiramente especulações na esfera do Twitter, e logo depois estudos científicos—que afirmavam uma mudança coletiva na lembrança e conteúdo dos sonhos. A psiquiatra e neurocientista Natália Mota, por exemplo, observou as narrações dos sonhos de 67 sujeitos brasileiros antes e depois da eclosão da pandemia, e achou um aumento marcado de expressões de raiva e tristeza, além de referências à contaminação e limpeza.¹ Um estudo assinado por Elizaveta Solomonova e Rebecca Robillard sugeriu que mais de um terço da população norte-americana tinha os chamados “sonhos pandêmicos” durante o período de distanciamento social, e que muitos desses sonhos exibiam o medo de ataques físicos ou psicológicos, ou notavelmente, de não cumprir as tarefas cotidianas.² Essa última ansiedade parece corroborar a hipótese do psicanalista Gabriel Tupinambá de que o trabalho remoto aumenta o poder simbólico do chefe, que se aloja no inconsciente enquanto não monitora o trabalhador fisicamente.³

O conjunto desses estudos e reflexões, apesar de tirar conclusões distintas, desenha uma imagem de uma sociedade global chocada não apenas em relação ao habitus da prática cotidiana, mas também, e talvez mais profundamente, no nível do inconsciente. Essa imagem—que de certa forma corresponde à imagem do “home office” pequeno-burguês, e das ruas vazias salvo os movimentos dos motoboys e trabalhadores precários—corre o risco de impor um idealismo que ignora a materialidade brutal da pandemia. Trata-se da crítica feita por Fredric Jameson a Sigmund Freud, para quem os sonhos sempre têm raiz na *Wunscherfüllung* (satisfação do anseio) dentro do sujeito.⁴ Para Jameson, não é possível delimitar o inconsciente nem o desejo dentro de um indivíduo, pois o sujeito em si sempre resulta de um processo histórico: aparece só com a consolidação de uma sociedade no qual o valor alcance abstração suficiente. Por isso,

-
- 1 Mota, Natália Bezerra, et. al. “Dreaming during the Covid-19 pandemic: Computational assessment of dream reports reveals mental suffering related to fear of contagion.” *PLoS ONE* 15, no. 11 (Nov. 2020), <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242903>.
 - 2 Nielsen, Tore. “The COVID-19 Pandemic Is Changing Our Dreams,” *Scientific American*, 1 Oct. 2020, <https://www.scientificamerican.com/article/the-covid-19-pandemic-is-changing-our-dreams/>.
 - 3 Žižek, Slavoj. “Slavoj Zizek’s Covid-19 lockdown survival guide,” RT, 28 Mar. 2020, <https://www.rt.com/op-ed/484270-covid-zizek-survival-guide/>.
 - 4 Sigmund Freud, *A interpretação dos sonhos*, trad. Walderedo Ismael de Oliveira, 20a ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018).

segundo Jameson, “não se pode falar de satisfação do anseio ou desejo exceto por meio de uma poderosa abstração realizada a partir de uma infinidade de vontades ou desejos concretos e irreduzíveis... só podemos estudar o mundo de forma abstraída até o ponto em que o próprio mundo já se tornou abstrato.”⁵ O materialismo de Jameson insiste que o inconsciente político sempre ultrapassa o inconsciente privado, e no final das contas, “a História é o que fere, o que recusa o desejo e impõe limites inexoráveis ao indivíduo e à práxis coletiva.”⁶ O vírus se torna matéria bruta da história, no qual o inconsciente e a política se tornam indistinguíveis.

Em um gesto teórico curioso, Jameson contrapõe o inconsciente Freudiano com o inconsciente dos Kadiwéu do Mato Grosso do Sul, ou pelo menos sua mediação em *Tristes Trópicos* de Claude Lévi-Strauss. Na leitura de Lévi-Strauss, a requintada iconografia na pintura de rosto dos Kadiwéu funciona como uma espécie de *Wunscherfüllung*: resolve as contradições sociais latentes na sociedade, que no caso dos Kadiwéu é altamente hierárquica, por meio do “sonho” e a “projeção no imaginário.”⁷ Essa satisfação do anseio toma forma diferente do qual assume em Freud; para o neurologista austríaco, o sonho individual lê como texto coerente. A pintura Kadiwéu, ao contrário, é um texto que abre para o sistema social no seu conjunto. Uma leitura jamesoniana dos “sonhos da pandemia,” atravessando Lévi-Strauss e os Kadiwéu, assim iria além do lar privado, e na última análise carregaria traços das contradições de sociedade na sua totalidade.

Mas qual é essa totalidade? Em Jameson de *O Inconsciente Político* (1981), o motor da história é a “causa ausente”, em termos althusserianos, que determina como estrutura-se a totalidade. Ela mantém nesse texto uma forma progressista, de estágios sequenciais, no qual a pintura Kadiwéu pode revelar a estrutura ideológica do capitalismo avançado por ser sua versão primitiva, ou *pensée sauvage*. Essa teleologia linear nunca desaparece em Jameson, mas ultimamente tem assumido uma forma mais calamitosa. Afirma, no artigo “Cidade do Futuro” (2003), que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o fim do e capitalismo,” um sentimento também atribuído a Slavoj Žižek e ao qual Mark Fischer conecta à noção do “realismo capitalista.”⁸ Os “sonhos de pandemia,” mais do que satisfações de anseios, são ilustrações desse realismo

5 Fredric Jameson, *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*, trad. Valter Lellis Siqueira (São Paulo: Ática, 1992), 60.

6 Jameson, *O inconsciente político*, 93.

7 Jameson, *O inconsciente político*, 71.

8 Jameson, “Cidade do Futuro,” *Libertas* 10, no. 1 (Jan. – Jul. 2010), 195; Mark Fischer, *Realismo Capitalista*, trad. Rodrigo Gonsalves, et. al. São Paulo: Autonomia Literaria, 2020.

capitalista. Enquanto o habitus do trabalho dissolve quase de um dia para o outro, pelo menos para a pessoas mais privilegiadas, é mais provável que elas sonham com uma tarefa perdida ou um erro em frente ao chefe do que o esfacelamento do sistema no seu conjunto, mesmo se isso acontece no outro lado de suas janelas. Trata-se de uma repressão: em vez de enfrentar o fim do mundo, contenta-se ansiosamente com uma “nova normalidade.”

Voltando a Lévi-Strauss: *Tristes Trópicos* (1955) é obra monumental na disciplina de Antropologia em parte por narrar, em primeira pessoa, os deslocamentos que compõem os ritos de trabalho em campo. O antropólogo francês se desloca de uma cansada capital imperial, Paris, para uma nova capital na periferia do capitalismo, São Paulo, que passa por um período de expansão e modernização no período Vargasista. Em vez do ufanismo que acompanha o crescimento da “cidade que não pode parar,” lá também Lévi-Strauss encontra um cansaço difuso, uma qualidade compartilhada com outros capitais do novo mundo: “não foi pois a novidade que primeiramente me espantou, mas a precocidade dos estragos do tempo... os únicos atavios a que [os bairros da cidade] poderiam pretender seriam os da juventude, fugitiva para eles como para as vivos⁹.” O que impressiona nesse trecho é o sentido que o “novo” dentro da produção capitalista sempre nasce já morto, que a novidade sempre é uma velhice. Lévi-Strauss continua para dentro do campo mais profundo, o interior brasileiro, onde a novidade, ou pelo menos a diferença cultural, também sempre se subordina à estrutura do mito.

Nas últimas décadas, o campo antropológico tem reconhecido, de certa maneira, os limites do olhar etnográfico, inclusive com o alto grau de reflexividade que exibem as etnografias acadêmicas mais recentes. Uma resposta, tanto na produção textual como na audiovisual, é a etnografia reversa: consideramos, por exemplo, os esforços dos cineastas Vincent Carelli e Mari Corrêa, entre outros, para colocar ferramentas audiovisuais nas mãos de povos indígenas no Brasil. Em 2010, o xamã ianomâmi Davi Kopenowa publicou sua obra *A Queda do Céu*, primeiro em francês e cinco anos depois em português. Kopenowa, como Lévi-Strauss, narra seus deslocamentos, no seu caso entre o território ianomâmi, os postos avançados da expansão capitalista e estatal na Amazônia, e as capitais ocidentais no sudeste do Brasil, na Europa, e nos Estados Unidos. A observação reiterada ao longo de *A Queda do Céu* é mais alarmante do que podemos tirar do estruturalismo melancólico de Lévi-Strauss: Kopenowa nos ensina que se o povo ianomâmi

9 Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, trad. Wilson Martins (São Paulo: Anhembi, 1957), 97.

já sofreu o fim do mundo pelas armas, economias e epidemias ocidentais, dessa vez o mundo branco, o mundo do Capital, também vai colapsar com a queda do céu da floresta amazônica.

Se o destino do mundo capitalista e os territórios indígenas é agora plenamente interligado— inclusive em relação à circulação de imagens, notícias e vacinas—Kopenowa não deixa ambíguo que o sonho permanece um campo de diferenciação. Ele primeiro distingue o sonho dos xamãs com o dos índios comuns: enquanto os xamãs recebem as imagens dos xapiri (os espíritos) no sonho, o resto do povo falta a sabedoria que essas imagens trazem. Por isso, não enxergam a floresta no seu conjunto vivo, que é, ao mesmo tempo, seu limite. Os xamãs, a través do sonho, apreendem a floresta como totalidade precária, que já acabou no passado e está propensa a acabar num futuro próximo. A floresta, arriscamos dizer, tem uma força parecida a o que Jameson entende como a História—é o limite do desejo na sua forma reduzida no indivíduo. Kopenowa afirma, quanto ao branco: “seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem... Os brancos, quando dormem, só devem ver suas esposas, seus filhos e suas mercadorias. Devem pensar com preocupação em seu trabalho e em suas viagens.¹⁰” As palavras de Kopenowa reforçam a hipótese de Jonathan Crary em 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono: que a intensificação da obsessão tecnológica é uma sentença de morte às capacidades regenerativas do sono. A tecnologia não é, contudo, “a causa ausente¹¹” dessa mazela; essa causa tem a ver com a forma do desejo em si.

A produção artística é um termômetro das lógicas de visibilidade e opacidade dentro de uma conjuntura histórica. Além disso, carrega traços, muitas vezes quase imperceptíveis, do que temos chamado o inconsciente político. Quase imperceptíveis porque a figura do artista, pelo menos dentro de capitalismo avançado e seus sistemas de produção burgueses, é chamado para expressar o desejo na sua forma proclamada “autônoma” ou individual. O confinamento, no entanto, produz algumas mutações inesperadas nesse regime de produção: a psique, enfrentado com um choque tão súbito no ritmo e no horizonte da vida, exhibe sintomas anteriormente não reconhecidos e ainda mal definidos: as vezes resultam numa letargia ou depressão, outras vezes

10 Davi Kopenowa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, trans. Beatriz Perrone-Moisés (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

11 Jonathan Crary, *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, trad. Joaquim Toledo Jr. (São Paulo: Ubu, 2016).

numa explosão coletiva que resiste o enquadramento da palavra—um painel ou, como vimos em cidades como Minneapolis em junho de 2020, o fogo de rebelião.

Os ensaios visuais nesse dossiê formam uma constelação—em diversas mídias—que mapeia as tensões de um período de anseio aumentado e em vários sentidos reinventado. Mostram o esforço—bem-vindo ou não—de fazer arte sem o respaldo de espaços coletivos e os afetos comunicados na sociabilidade corporal. As fotografias de Duda Bentes, Luisa Günther e Rodolfo Ward enfrentam espaços—domésticos, vegetais e urbanos—quase sempre vazados de corpos humanos, ou presentes apenas na efemeridade da sombra, da reflexão no espelho, ou do espectro produzido pelo longo tempo de exposição. Se o primeiro aparato de mediação é a câmara, o segundo é a janela da casa, cujas vidraças ameaçam tanto quanto fornecem os únicos vislumbres do espanto do mundo de fora. Em outros ensaios, como os de Christus Nóbrega e Gilberto Prado, a materialidade da obra tanto quanto seu conteúdo comunica a situação de confinamento. Prado faz uma série de radiografias matizadas com cores pastéis suavizadas; elas homenageiam, com suas camadas e dobras delicadas, um relicário de objetos domésticos—entre eles, máscaras e outros produtos higiênicos espalhados pelo espaço onírico do lar.

Nóbrega, por sua vez, apresenta uma foto-performance minimalista com profundos subtextos alegóricos. Utiliza um mineral doméstico comum, o sal, para encurralar um caramujo africano, espécie “invasora” na terra sul-americana, num círculo no chão. Uma condenação à morte num cercado solitário que repercute as macabras histórias de extração salina e do tráfico negreiro. Há, em obras como a foto-performance de Nóbrega, um recuso ao inconsciente ensimesmado que há prevalecido em momentos anteriores à pandemia e pode aparecer como a solução mais imediata às angústias de um choque como o distanciamento social. Outras obras no dossiê também empregam técnicas adequadas à produção em casa para entrar em espaços oníricos da coletividade. As pinturas de hidrocor e jenipapo de Daidara Tukano evocam a memória contida nos padrões geométricos, o sonho profundo e o contato com a terra (ver bela adormecida). As xilogravuras de Nireuda Longobardi homenagem diversas figuras, na sua maioria mulheres, por meio da técnica estilística e narrativa do cordel. Jaider Esbell pinta com geometrias de abstração complexa, quase fractal, que mergulham de modo onírico na plenitude vibrante, mas frágil, da floresta e do cosmos.

O conjunto de imagens nesse dossiê resiste, sem dúvida, às fáceis distinções entre realismo e invenção, e entre figuração e abstração. Ao mesmo tempo, buscam entrar na complexidade do momento histórico que atravessamos sem fugir das desigualdades monumentais que o define. O

modo documentário permanece indispensável nessa conjuntura, tanto na sua forma metacrítica quanto na sua forma humanitária. Na primeira categoria, cabem a colagens digitais de Susana Dobal, que imitam o bombardeamento de notícias na televisão, e de LABFRONT, que resultam de processos algorítmicos—aquelas construções virtuais que se inserem de forma cada vez mais profunda na realidade cotidiana. Atos simples como a lavagem de mãos viram, ao mesmo tempo, marcadores de uma temporalidade mecânica, fontes potenciais para a extração de data, e nos tempos pandêmicos, cenas primordiais de anseio (“navega quintessência escatológica”, o poema nos diz). O código acossa nossos desejos, e a pandemia representa um auge nessa perseguição. Os projetos de LABFRONT evidenciam a força da tela na constituição de nós, como sujeitos. Suas imagens de chamadas e células virais nos aterrorizam, tanto quanto a tela em si nos seduz. O pesadelo e o sonho se confundem nessa superfície plana e refletiva, e no delírio retratado em código nos projetos do coletivo.

Mas a imagem não reflete apenas o desejo captado nas redes tecnológicas, como nos lembram as imagens produzidas por fotógrafos indígenas sob os auspícios técnicos da Mídia Índia. Nelas, enxergamos a devastação intensificada do interior brasileiro sob o atual regime da acumulação e gestão política, e ao mesmo tempo os esforços que se opõem às ameaças do fogo e do vírus dentro dos territórios indígenas. A pandemia explicitou o fato que o sistema respiratório não é apenas um órgão dentro de um ser individual, mas também é uma totalidade compartilhada entre todos. Com sorte, essa pandemia também nos ensinará, como é evidente nas palavras de Kopenowa, que o sonho também ultrapassa nossos desejos isolados, mesmo enquanto vivemos em isolamento.

Ian Erickson-Kery
Duke University

Durham, Carolina do Norte, EUA, 28 de fevereiro 2021

Ian Erickson-Kery é PhD no departamento de Romance Studies na Duke University (EUA). Sua tese, *Contested Territories: The Aesthetics and Politics of Urban Design in Mexico City and São Paulo, 1967-88*, examina os contatos entre arquitetos, diretores de cinema e artistas visuais trabalhando em zona periféricas na passagem de projetos de planejamento modernistas. Atualmente é bolsista Fulbright-García Robles na Universidad Nacional Autónoma de México, e sua investigação conta com o apoio anterior da Henry Luce Foundation, a Kenan Institute for Ethics, a Mellon Humanities Unbounded Initiative, e a bolsa James B. Duke.

Sad Dreams, or the Political Unconscious of the Pandemic

In the months following the start of isolation in 2020, reports began to emerge—first as speculations on Twitter, then as scientific studies—claiming a collective change in the memory and content of dreams. Psychiatrist and neuroscientist Natália Mota, for example, observed the dream narratives of 67 Brazilian subjects before and after the outbreak of the pandemic, and found a marked increase in expressions of anger and sadness, as well as references to contamination and cleanliness. A study by Elizaveta Solomonova and Rebecca Robillard suggested that more than a third of the North American population had what were called “pandemic dreams” during the social distancing period, and that many of these dreams exhibited fears of physical or psychological attacks, or notably, of failing to complete daily tasks. This latter anxiety seems to corroborate the hypothesis of psychoanalyst Gabriel Tupinambá that remote work increases the symbolic power of the boss, who lodges in the unconscious while not physically monitoring the worker.

The collection of these studies and reflections, although drawing distinct conclusions, paints a picture of a global society shocked not only in relation to the habitus of daily practice, but also, and perhaps more deeply, at the level of the unconscious. This image—which in some ways corresponds to the image of the petty-bourgeois “home office” and the empty streets except for the movements of delivery drivers and precarious workers—risks imposing an idealism that ignores the brutal materiality of the pandemic. This is the criticism made by Fredric Jameson of Sigmund Freud, for whom dreams always have their root in *Wunscherfüllung* (wish fulfillment) within the subject. For Jameson, it is impossible to delimit the unconscious or desire within an individual, as the subject itself always results from a historical process: it only appears with the consolidation of a society in which value reaches sufficient abstraction. Therefore, according to Jameson, “one cannot speak of wish fulfillment or desire except through a powerful abstraction made from an infinity of concrete and irreducible wills or desires... we can only study the world in an abstracted way to the extent that the world itself has already become abstract.” Jameson’s materialism insists that the political unconscious always surpasses the private unconscious, and in the end, “History is what hurts, what refuses desire and imposes inexorable limits on the individual and collective praxis.” The virus becomes raw material of history, in which the unconscious and politics become indistinguishable.

In a curious theoretical gesture, Jameson contrasts the Freudian unconscious with that of the Kadiwéu of Mato Grosso do Sul, or at least its mediation in Claude Lévi-Strauss's *Tristes Tropiques*. In Lévi-Strauss's reading, the refined iconography in Kadiwéu face painting functions as a kind of *Wunscherfüllung*: it resolves the latent social contradictions in society, which in the case of the Kadiwéu is highly hierarchical, through "dream" and "projection into the imaginary." This fulfillment of desire takes a different form than it does in Freud; for the Austrian neurologist, the individual dream reads as a coherent text. The Kadiwéu painting, on the other hand, is a text that opens up to the social system as a whole. A Jamesonian reading of "pandemic dreams," crossing Lévi-Strauss and the Kadiwéu, would thus go beyond the private home, and in the final analysis would bear traces of the contradictions of society as a whole.

But what is this totality? In Jameson's *The Political Unconscious* (1981), the engine of history is the "absent cause," in Althusserian terms, that determines how the totality is structured. It maintains in this text a progressive form, of sequential stages, in which Kadiwéu painting can reveal the ideological structure of advanced capitalism by being its primitive version, or *pensée sauvage*. This linear teleology never disappears in Jameson, but ultimately has taken a more calamitous form. He states in the article "Future City" (2003) that "it is easier to imagine the end of the world than to imagine the end of capitalism," a sentiment also attributed to Slavoj Žižek and to which Mark Fisher connects the notion of "capitalist realism." The "pandemic dreams," more than fulfillments of desire, are illustrations of this capitalist realism. While the habitus of work dissolves almost overnight, at least for more privileged people, it is more likely that they dream of a missed task or an error in front of the boss than of the collapse of the system as a whole, even if it happens on the other side of their windows. This is a repression: instead of facing the end of the world, one anxiously contents oneself with a "new normality."

Returning to Lévi-Strauss: *Tristes Tropiques* (1955) is a monumental work in the discipline of Anthropology in part because it narrates, in the first person, the displacements that make up the rites of fieldwork. The French anthropologist moves from a tired imperial capital, Paris, to a new capital on the periphery of capitalism, São Paulo, which is undergoing a period of expansion and modernization during the Vargas era. Instead of the euphoria that accompanies the growth of the "city that cannot stop," there Lévi-Strauss also finds a diffuse tiredness, a quality shared with other capitals of the new world: "it was not therefore novelty that first amazed me, but the precocity of the ravages of time... the only adornments to which [the city's neighborhoods] could aspire would be those of youth, fleeting for them as for the living." What is striking in this

passage is the sense that the “new” within capitalist production is always already dead, that novelty is always old age. Lévi-Strauss continues deeper into the field, the Brazilian interior, where novelty, or at least cultural difference, also always subordinates itself to the structure of myth.

In recent decades, the anthropological field has recognized, in a way, the limits of the ethnographic gaze, including with the high degree of reflexivity exhibited by the most recent academic ethnographies. One response, both in textual and audiovisual production, is reverse ethnography: consider, for example, the efforts of filmmakers Vincent Carelli and Mari Corrêa, among others, to put audiovisual tools in the hands of indigenous peoples in Brazil. In 2010, Yanomami shaman Davi Kopenawa published his work *The Falling Sky*, first in French and five years later in Portuguese. Kopenawa, like Lévi-Strauss, narrates his displacements, in his case between Yanomami territory, the outposts of capitalist and state expansion in the Amazon, and the Western capitals in southeastern Brazil, Europe, and the United States. The recurring observation throughout *The Falling Sky* is more alarming than we can draw from Lévi-Strauss’s melancholic structuralism: Kopenawa teaches us that if the Yanomami people have already suffered the end of the world through Western weapons, economies, and epidemics, this time the white world, the world of Capital, will also collapse with the fall of the sky of the Amazon rainforest.

If the fate of the capitalist world and indigenous territories is now fully intertwined—including in relation to the circulation of images, news, and vaccines—Kopenawa leaves no ambiguity that the dream remains a field of differentiation. He first distinguishes the dream of the shamans from that of the common Indians: while the shamans receive the images of the xapiri (the spirits) in the dream, the rest of the people lack the wisdom that these images bring. Therefore, they do not see the forest in its living totality, which is, at the same time, its limit. The shamans, through the dream, apprehend the forest as a precarious totality, which has already ended in the past and is prone to end in the near future. The forest, we venture to say, has a force similar to what Jameson understands as History—it is the limit of desire in its reduced form in the individual. Kopenawa states, regarding the white man: “their sleep is bad and their dream is slow to come. And when it finally arrives, it never goes far and ends very quickly. There is no doubt that they have many antennas and radios in their cities, but these only serve to listen to themselves. Their knowledge does not go beyond the words they address to each other in all the places where they live... When whites sleep, they must only see their wives, their children, and their goods. They must think anxiously about their work and their travels.” Kopenawa’s words reinforce Jonathan Crary’s hypothesis in 24/7: *Late Capitalism and the Ends of Sleep*: that the

intensification of technological obsession is a death sentence to the regenerative capacities of sleep. Technology is not, however, “the absent cause” of this ailment; this cause has to do with the form of desire itself.

Artistic production is a thermometer of the logics of visibility and opacity within a historical conjuncture. It also carries traces, often almost imperceptible, of what we have called the political unconscious. These are almost imperceptible because the figure of the artist, at least within advanced capitalism and its bourgeois production systems, is called upon to express desire in its proclaimed “autonomous” or individual form. Confinement, however, produces some unexpected mutations in this production regime: the psyche, facing such a sudden shock in the rhythm and horizon of life, exhibits previously unrecognized and still poorly defined symptoms: sometimes resulting in lethargy or depression, other times in a collective explosion that resists the framing of the word—a pot-banging protest or, as we saw in cities like Minneapolis in June 2020, the fire of rebellion.

The visual essays in this dossier form a constellation—in various media—that maps the tensions of a period of increased longing and in many ways reinvented. They show the effort—welcome or not—of making art without the support of collective spaces and the affections communicated in bodily sociability. The photographs of Duda Bentes, Luisa Günther, and Rodolfo Ward face spaces—domestic, vegetal, and urban—almost always devoid of human bodies, or present only in the ephemerality of shadow, reflection in the mirror, or the spectrum produced by long exposure time. If the first mediation apparatus is the camera, the second is the house window, whose panes threaten as much as they provide the only glimpses of the astonishment of the outside world. In other essays, such as those by Christus Nóbrega and Gilberto Prado, the materiality of the work as much as its content communicates the situation of confinement. Prado creates a series of x-rays tinted with softened pastel colors; they honor, with their delicate layers and folds, a reliquary of domestic objects—including masks and other hygienic products scattered through the dreamlike space of the home.

Nóbrega, in turn, presents a minimalist photo-performance with deep allegorical subtexts. He uses a common household mineral, salt, to trap an African snail, an “invasive” species in South American land, in a circle on the ground. A death sentence in a solitary enclosure that echoes the macabre stories of salt extraction and the slave trade. In works like Nóbrega’s photo-performance, there is a recourse to the self-absorbed unconscious that has prevailed in moments prior to the pandemic and may appear as the most immediate solution to the anguishes of a shock like social

distancing. Other works in the dossier also employ techniques suitable for home production to enter the dreamlike spaces of the collective. The hydrocolor and jenipapo paintings of Daidara Tukano evoke the memory contained in geometric patterns, deep dreaming, and contact with the earth (see *Sleeping Beauty*). The woodcuts of Nireuda Longobardi pay homage to various figures, mostly women, through the stylistic and narrative technique of cordel literature. Jaider Esbell paints with geometries of complex abstraction, almost fractal, that plunge dreamily into the vibrant, yet fragile, fullness of the forest and the cosmos.

The set of images in this dossier undoubtedly resists easy distinctions between realism and invention, and between figuration and abstraction. At the same time, they seek to enter the complexity of the historical moment we are going through without shying away from the monumental inequalities that define it. The documentary mode remains indispensable in this juncture, both in its metacritical form and in its humanitarian form. In the first category are the digital collages of Susana Dobal, which mimic the bombardment of news on television, and of LABFRONT, which result from algorithmic processes—those virtual constructions that are inserted more and more deeply into everyday reality. Simple acts like hand washing become, at the same time, markers of a mechanical temporality, potential sources for data extraction, and in pandemic times, primal scenes of longing (“navigates eschatological quintessence,” the poem tells us). Code hounds our desires, and the pandemic represents a peak in this pursuit. LABFRONT’s projects highlight the power of the screen in the constitution of us, as subjects. Their images of flames and viral cells terrify us, as much as the screen itself seduces us. The nightmare and the dream merge on this flat, reflective surface, and in the delirium portrayed in code in the collective’s projects.

But the image does not only reflect the desire captured in technological networks, as the images produced by indigenous photographers under the technical auspices of Mídia Índia remind us. In them, we see the intensified devastation of the Brazilian interior under the current regime of accumulation and political management, and at the same time the efforts that oppose the threats of fire and the virus within indigenous territories. The pandemic has made it explicit that the respiratory system is not just an organ within an individual being, but is also a totality shared among all. Hopefully, this pandemic will also teach us, as is evident in Kopenowa’s words, that the dream also surpasses our isolated desires, even as we live in isolation.

Ian Erickson-Kery
Duke University

Durham, North Carolina, USA, February 28, 2021

Ian Erickson-Kery is a Ph.D. in the Romance Studies department at Duke University (USA). His thesis, *Contested Territories: The Aesthetics and Politics of Urban Design in Mexico City and São Paulo, 1967-88*, examines the contacts between architects, film directors, and visual artists working in peripheral zones during the transition of modernist planning projects. He is currently a Fulbright-García Robles fellow at the Universidad Nacional Autónoma de México, and his research has been previously supported by the Henry Luce Foundation, the Kenan Institute for Ethics, the Mellon Humanities Unbounded Initiative, and the James B. Duke scholarship.

Ensaaios Visuais

Visual Essays
Ensayos Visuales
Essais Visuels

Sobre um móvel de casa ou Natureza Morta, tendu, bonecas e máscaras

1 Tendu. Neste movimento uma das pernas fica esticada ao lado, à frente ou atrás do corpo. Afasta-se a perna na direção pretendida, arrastando também o respectivo pé. Levanta-se primeiro o calcanhar e, em seguida a planta do pé, mantendo a ponta do pé apoiada no chão.

2. Bonecas. As bonecas, e suas variantes masculinas, diferenciam-se de outros tipos de bonecos que representam outras formas de vida, como animais do mundo real, do mundo da fantasia, da literatura, do cinema ou do imaginário popular.

3. Natureza morta faz referência ao efeito terminal que resulta da extinção do processo homeostático em um ser vivo; e com ele o fim da vida dos seres que habitam no mundo.

4. Máscaras. A história do equipamento de proteção respiratória pode ser rastreada até o século 16, quando Leonardo da Vinci sugeriu que um pano de um fino tecido embebido em água poderia proteger os marinheiros de uma arma tóxica feita de pó que ele havia projetado.

Gilbertto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilbertto Prado, artista multimídia e professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP é coordenador do Grupo Poéticas Digitais. Estudou Engenharia e Artes Plásticas na Unicamp e em 1994 obteve seu doutorado em Artes na Universidade Paris I – Panthéon Sorbonne. Foi professor do Instituto de Artes da Unicamp e professor convidado da Universidade Paris 8. Tem realizado e participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior. Recebeu o 9º Prix Möbius International des Multimédias, Beijin, 2001 (Menção Especial) e o 6º Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, 2006, entre outros. Publicou em 2003 o livro Arte Telemática, pelo Itaú Cultural. Trabalha com arte em rede e instalações interativas.

About a Household Object or Still Life, Tendu, Dolls, and Masks

1. Tendu. In this movement, one leg is stretched out to the side, in front, or behind the body. The leg is extended in the intended direction, also dragging the respective foot. First, lift the heel and then the sole of the foot, keeping the toe on the ground.

2. Dolls. Dolls, and their male counterparts, differ from other types of puppets that represent other forms of life, such as animals from the real world, fantasy, literature, cinema, or popular imagination.

3. Still Life refers to the terminal effect resulting from the extinction of the homeostatic process in a living being; and with it, the end of life of beings that inhabit the world.

4. Masks. The history of respiratory protection equipment can be traced back to the 16th century, when Leonardo da Vinci suggested that a cloth of a fine fabric soaked in water could protect sailors from a toxic weapon made of powder he had designed.

Gilberto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilberto Prado, multimedia artist and professor at the Department of Visual Arts of ECA-USP, is the coordinator of the Digital Poetics Group. He studied Engineering and Visual Arts at Unicamp and obtained his doctorate in Arts at the University Paris I – Panthéon Sorbonne in 1994. He was a professor at the Institute of Arts of Unicamp and a visiting professor at the University of Paris 8. He has realized and participated in numerous exhibitions in Brazil and abroad. He received the 9th Möbius International Multimédias Prix, Beijing, 2001 (Special Mention), and the 6th Sergio Motta Award for Art and Technology, 2006, among others. In 2003, he published the book “Telematic Art” by Itaú Cultural. He works with network art and interactive installations.

Sobre un Objeto Doméstico o Naturaleza Muerta, Tendu, Muñecas y Máscaras

1. Tendu. En este movimiento, una de las piernas se extiende hacia el lado, al frente o detrás del cuerpo. La pierna se extiende en la dirección pretendida, arrastrando también el respectivo pie. Primero se levanta el talón y luego la planta del pie, manteniendo la punta del pie en el suelo.

2. Muñecas. Las muñecas, y sus variantes masculinas, se diferencian de otros tipos de marionetas que representan otras formas de vida, como animales del mundo real, de fantasía, literatura, cine o imaginario popular.

3. Naturaleza Muerta hace referencia al efecto terminal que resulta de la extinción del proceso homeostático en un ser vivo; y con él, el fin de la vida de los seres que habitan en el mundo.

4. Máscaras. La historia del equipo de protección respiratoria se remonta al siglo XVI, cuando Leonardo da Vinci sugirió que un paño de tejido fino empapado en agua podría proteger a los marineros de un arma tóxica hecha de polvo que él había diseñado.

Gilbertto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilbertto Prado, artista multimedia y profesor del Departamento de Artes Plásticas de ECA-USP, es coordinador del Grupo de Poéticas Digitales. Estudió Ingeniería y Artes Plásticas en Unicamp y en 1994 obtuvo su doctorado en Artes en la Universidad París I – Panthéon Sorbonne. Fue profesor del Instituto de Artes de Unicamp y profesor invitado de la Universidad París 8. Ha realizado y participado en numerosas exposiciones en Brasil y en el extranjero. Recibió el 9º Prix Möbius International des Multimédias, Pekín, 2001 (Mención Especial) y el 6º Premio Sergio Motta de Arte y Tecnología, 2006, entre otros. Publicó en 2003 el libro “Arte Telemática” por Itaú Cultural. Trabaja con arte en red e instalaciones interactivas.

Sur un Objet Ménager ou Nature Morte, Tendu, Poupées et Masques

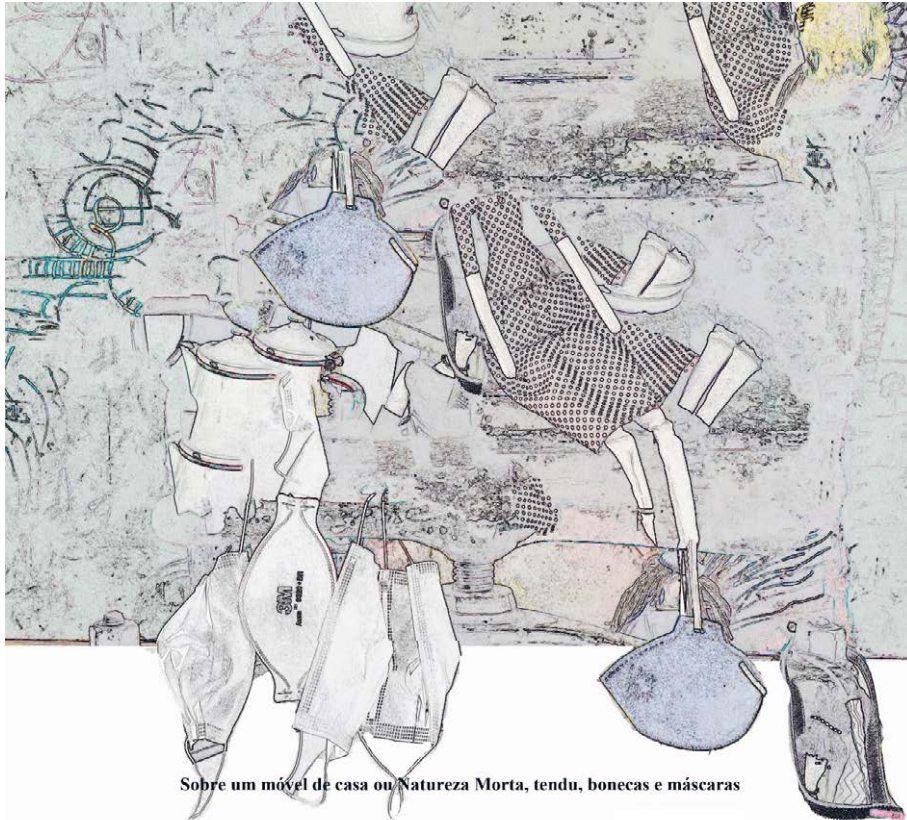
1. Tendu. Dans ce mouvement, une des jambes est étirée sur le côté, devant ou derrière le corps. La jambe est étendue dans la direction souhaitée, entraînant également le pied correspondant. On lève d'abord le talon, puis la plante du pied, en gardant la pointe du pied au sol.

2. Poupées. Les poupées, et leurs équivalents masculins, se distinguent des autres types de marionnettes qui représentent d'autres formes de vie, telles que les animaux du monde réel, de la fantaisie, de la littérature, du cinéma ou de l'imaginaire populaire.

3. Nature Morte fait référence à l'effet terminal résultant de l'extinction du processus homéostatique chez un être vivant ; et avec lui, la fin de la vie des êtres qui habitent le monde.

4. Masques. L'histoire de l'équipement de protection respiratoire remonte au XVI^e siècle, lorsque Léonard de Vinci a suggéré qu'un tissu de tissu fin trempé dans l'eau pourrait protéger les marins d'une arme toxique faite de poudre qu'il avait conçue.

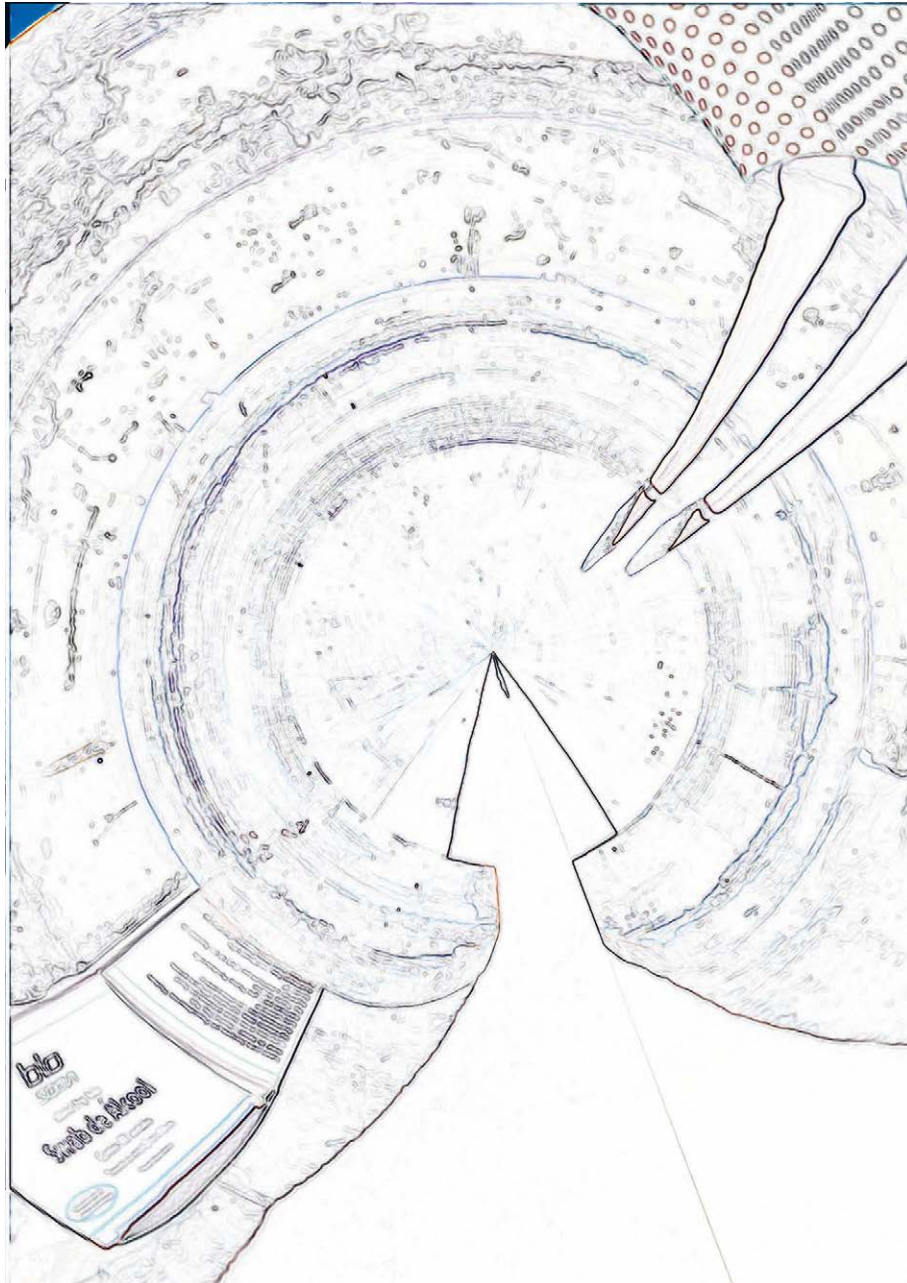
Gilberto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilberto Prado, artiste multimédia et professeur au Département des Arts Plastiques de ECA-USP, est coordinateur du Groupe Poétiques Digitales. Il a étudié l'Ingénierie et les Arts Plastiques à Unicamp et a obtenu son doctorat en Arts à l'Université Paris I – Panthéon Sorbonne en 1994. Il a été professeur à l'Institut des Arts de Unicamp et professeur invité à l'Université Paris 8. Il a réalisé et participé à de nombreuses expositions au Brésil et à l'étranger. Il a reçu le 9^{ème} Prix Möbius International des Multimédias, Pékin, 2001 (Mention Spéciale), et le 6^{ème} Prix Sergio Motta d'Art et Technologie, 2006, entre autres. En 2003, il a publié le livre "Art Télématique" par Itaú Cultural. Il travaille avec l'art en réseau et les installations interactives.



Sobre um móvel de casa ou Natureza Morta, tendu, bonecas e máscaras

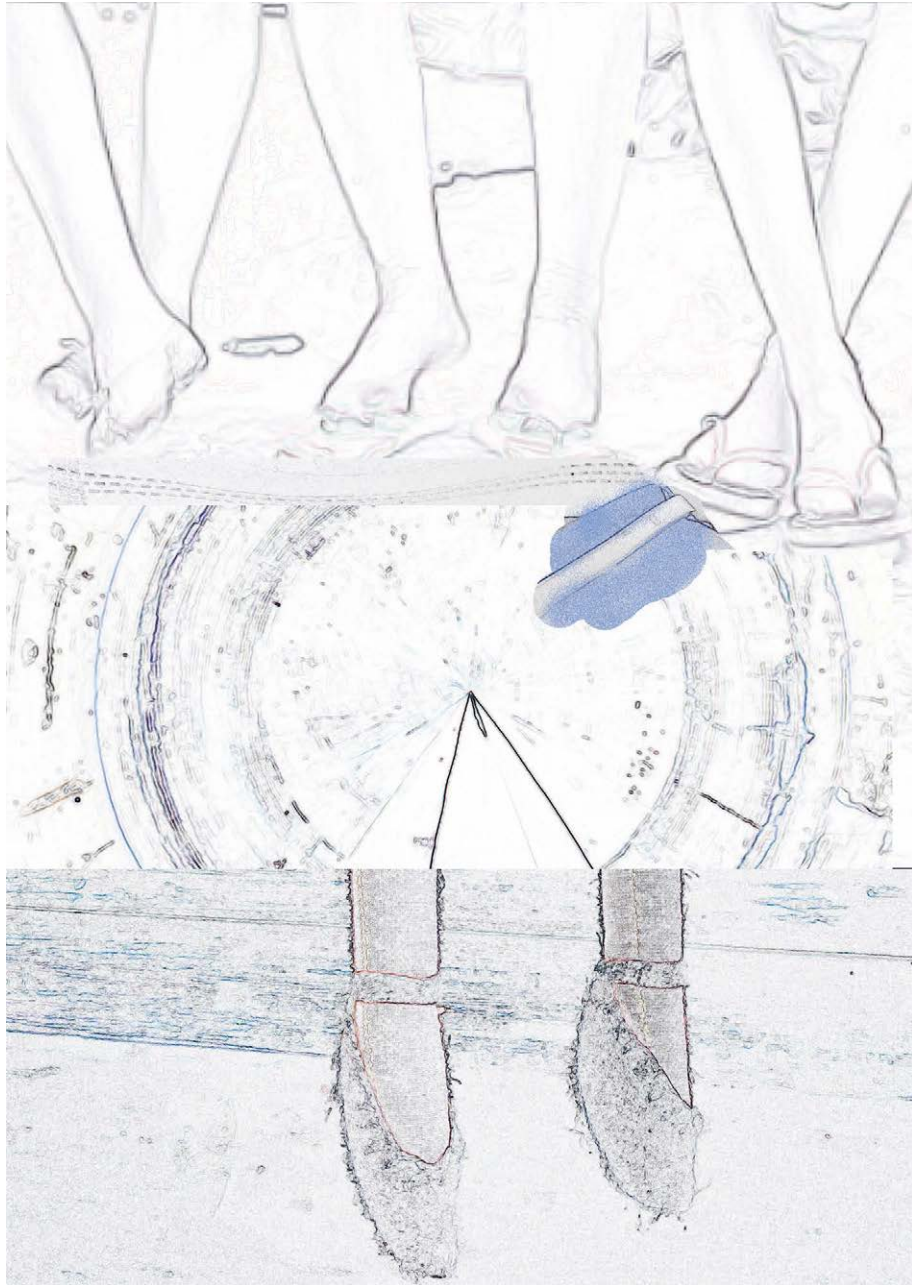
- 1. Tendu.** Neste movimento uma das pernas fica esticada ao lado, à frente ou atrás do corpo. Afasta-se a perna na direção pretendida, arrastando também o respectivo pé. Levanta-se primeiro o calcanhar e, em seguida a planta do pé, mantendo a ponta do pé apoiada no chão.
- 2. Bonecas.** As bonecas, e suas variantes masculinas, diferenciam-se de outros tipos de bonecos que representam outras formas de vida, como animais do mundo real, do mundo da fantasia, da literatura, do cinema ou do imaginário popular.
- 3. Natureza morta** faz referência ao efeito terminal que resulta da extinção do processo homeostático em um ser vivo; e com ele o fim da vida dos seres que habitam no mundo.
- 4. Máscaras.** A história do equipamento de proteção respiratória pode ser rastreada até o século 16, quando Leonardo da Vinci sugeriu que um pano de um fino tecido embebido em água poderia proteger os marinheiros de uma arma tóxica feita de pó que ele havia projetado.











Mídia Índia

A Mídia Índia é projeto de formação de uma rede de comunicação descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas inerentes a questão indígena no Brasil, respeitando as especificidades de cada povo, partir da lógica colaborativa de compartilhamento e de comunicação, conectando e empoderando jovens indígenas de todo o país. Possibilita a troca de tecnologias, experiências e principalmente a representatividade indígena nos meios de comunicação com a difusão de suas lutas e como mais uma ferramenta de exigência de direitos. A ideia surgiu em 2015 depois de um Curso de formação em Audiovisual na terra indígena Arariboia três dos participantes decidiram forma a rede Mídia Índia, para ser um ponto focal do movimento indígena, dando visibilidade usando a comunicação como ferramenta de luta.

O projeto é lançado oficialmente em abril de 2017 na maior mobilização anual de indígena do Brasil, o Acampamento Terra Livre. A partir dali, somado a apoio de coletivos e redes de comunicação ativistas já existentes, forma-se um grupo de 10 jovens que começa seu processo de formação e empoderamento das ferramentas de mídia e comunicação.

A proposta do projeto é fortalecer a Mídia Índia como um veículo de comunicação oficial da causa indígena, ampliar a difusão e visibilidade da luta dos povos, da sua busca por direitos e por terras. É um dos únicos veículos de comunicação formado por indígenas, coordenado por indígenas e com foco da luta indígena. O projeto também pretende qualificar sua equipe por meio de capacitação e formação com oficinas e encontros durante o ano em parceria com Organizações indígenas como Coiab e Apib e Mídias Livres como a Mídia NINJA, o projeto Coisa de índio e outros.

Mídia Índia

Indian Media is a project for the formation of a decentralized communication network that produces and disseminates content and agendas related to the indigenous issue in Brazil, respecting the specificities of each people, based on the collaborative logic of sharing and communication. It connects and empowers young indigenous people from all over the country. The project enables the exchange of technologies, experiences, and, most importantly, indigenous representativity in the media, disseminating their struggles and serving as another tool for demanding rights. The idea emerged in 2015 after an Audiovisual training course in the Arariboia indigenous land, where three of the participants decided to form the Indian Media network, to be a focal point of the indigenous movement, giving visibility by using communication as a tool for struggle.

The project was officially launched in April 2017 at Brazil's largest annual indigenous mobilization, the Free Land Camp. From there, with the support of existing activist communication collectives and networks, a group of 10 young people began their process of training and empowerment in media and communication tools.

The project's proposal is to strengthen Indian Media as an official communication vehicle for the indigenous cause, to expand the diffusion and visibility of the people's struggle, their search for rights, and lands. It is one of the only communication vehicles formed by indigenous people, coordinated by indigenous people, and focused on the indigenous struggle. The project also aims to qualify its team through training and development with workshops and meetings throughout the year in partnership with indigenous organizations such as Coiab and Apib and Free Media like Mídia NINJA, the Coisa de índio project, and others.

Mídia Índia

Medios Indígenas es un proyecto para la formación de una red de comunicación descentralizada que produce y difunde contenidos y agendas relacionadas con la cuestión indígena en Brasil, respetando las especificidades de cada pueblo, basado en la lógica colaborativa de compartir y comunicar. Conecta y empodera a jóvenes indígenas de todo el país. El proyecto permite el intercambio de tecnologías, experiencias y, lo más importante, la representatividad indígena en los medios de comunicación, difundiendo sus luchas y sirviendo como otra herramienta para exigir derechos. La idea surgió en 2015 después de un curso de formación audiovisual en la tierra indígena Arariboia, donde tres de los participantes decidieron formar la red Medios Indígenas, para ser un punto focal del movimiento indígena, dando visibilidad utilizando la comunicación como herramienta de lucha.

El proyecto se lanzó oficialmente en abril de 2017 en la mayor movilización indígena anual de Brasil, el Campamento Tierra Libre. Desde allí, con el apoyo de colectivos y redes de comunicación activistas ya existentes, un grupo de 10 jóvenes comenzó su proceso de formación y empoderamiento en herramientas de medios y comunicación.

La propuesta del proyecto es fortalecer Medios Indígenas como un vehículo de comunicación oficial para la causa indígena, ampliar la difusión y visibilidad de la lucha de los pueblos, su búsqueda de derechos y tierras. Es uno de los únicos vehículos de comunicación formados por indígenas, coordinados por indígenas y enfocados en la lucha indígena. El proyecto también tiene como objetivo calificar a su equipo a través de capacitación y formación con talleres y encuentros durante el año en colaboración con organizaciones indígenas como Coiab y Apib y Medios Libres como Mídia NINJA, el proyecto Coisa de índio y otros.

Mídia Índia

Médias Indiens est un projet de formation d'un réseau de communication décentralisé qui produit et diffuse du contenu et des agendas liés à la question indigène au Brésil, en respectant les spécificités de chaque peuple, basé sur la logique collaborative de partage et de communication. Il connecte et autonomise les jeunes autochtones de tout le pays. Le projet permet l'échange de technologies, d'expériences et, surtout, la représentativité autochtone dans les médias, diffusant leurs luttes et servant d'autre outil pour exiger des droits. L'idée a émergé en 2015 après un cours de formation en audiovisuel dans la terre indigène Arariboia, où trois des participants ont décidé de former le réseau Médias

Indiens, pour être un point focal du mouvement autochtone, donnant de la visibilité en utilisant la communication comme outil de lutte.

Le projet a été officiellement lancé en avril 2017 lors de la plus grande mobilisation annuelle autochtone du Brésil, le Camp Terre Libre. De là, avec le soutien de collectifs et de réseaux de communication activistes existants, un groupe de 10 jeunes a commencé leur processus de formation et d'autonomisation dans les outils de médias et de communication.

La proposition du projet est de renforcer Médias Indiens comme un véhicule de communication officiel pour la cause autochtone, d'élargir la diffusion et la visibilité de la lutte des peuples, leur recherche de droits et de terres. C'est l'un des seuls véhicules de communication formés par des autochtones, coordonnés par des autochtones et axés sur la lutte autochtone. Le projet vise également à qualifier son équipe par le biais de la formation et du développement avec des ateliers et des réunions tout au long de l'année en partenariat avec des organisations autochtones telles que Coiab et Apib et des Médias Libres comme Mídia NINJA, le projet Coisa de índio et d'autres.































Arte Indígena Contemporânea

In Memoriam

Jaider Esbell
Arte Indígena Contemporânea
(1979-2021)

Jaider Esbell foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo, produtor cultural e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas. Foi um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo e um dos artistas macuxis mais renomados de Roraima, trabalhando com a arte a vivência indígena. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, e viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

Contemporary Indigenous Art

In Memoriam

Jaider Esbell
Contemporary Indigenous Art
(1979-2021)

Jaider Esbell was a Brazilian writer, artist, art educator, geographer, cultural producer, and curator, and an activist for indigenous rights. He was one of the highlights of the 34th São Paulo Biennial and one of the most renowned Macuxi artists from Roraima, working with indigenous life through art. He was born in Normandia, state of Roraima, and lived there until he was 18 years old, in what is now the Raposa – Serra do Sol Indigenous Land (TI Raposa – Serra do Sol).

Arte Indígena Contemporáneo

In Memoriam

Jaider Esbell
Arte Indígena Contemporáneo
(1979-2021)

Jaider Esbell fue un escritor, artista, educador artístico, geógrafo, productor cultural y curador brasileño y un activista por los derechos indígenas. Fue uno de los destacados de la 34^a Bienal de São Paulo y uno de los artistas macuxis más renombrados de Roraima, trabajando con la experiencia indígena a través del arte. Nació en Normandia, estado de Roraima, y vivió allí hasta los 18 años, en lo que ahora es la Tierra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

Art Indigène Contemporain

In Memoriam

Jaider Esbell
Art Indigène Contemporain
(1979-2021)

Jaider Esbell était un écrivain, artiste, éducateur artistique, géographe, producteur culturel et commissaire brésilien, ainsi qu'un activiste des droits indigènes. Il a été l'un des points forts de la 34ème Biennale de São Paulo et l'un des artistes macuxis les plus renommés de Roraima, travaillant avec l'expérience indigène à travers l'art. Il est né à Normandia, état de Roraima, et y a vécu jusqu'à ses 18 ans, dans ce qui est aujourd'hui la Terre Indigène Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).





21
DAVID ESSEL













20
JA/DEF
ESBELL







Mitos e Lendas do Cordel

Nireuda Longobardi

Nireuda Longobardi é potiguar, mora com a família em São Paulo. Estudou educação artística e habilitação em artes plásticas na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, e especialização em gestão, planejamento e educação ambiental pela UNISA.

Ilustra e escreve livros infantis e juvenis para diversas editoras. Começou a ilustrar livros em 2002. Em 2009 lançou o seu primeiro livro, texto e imagens “Mitos e lendas do Brasil em cordel” (Paulus). Vários dos seus livros foram selecionados pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) para catálogos de Bologna, Frankfurt, representando o Brasil. As xilogravuras que ilustram o livro “A canção do tio Dito” (Paulus) foram selecionadas pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para participar da BIB – Bienal de Ilustração de Bratislava, Eslováquia, 2017; o seu novo livro “O homem sem alma” (Editora do Brasil) 2019 recebeu o selo Seleção da Cátedra UNESCO de Leitura PUC - Rio 2019 e o Altamente Recomendável 2020. Atualmente trabalha em seu ateliê como professora de artes, xilogravadora, ilustrando, escrevendo novas histórias e desenvolvendo capas de cds e cordéis.

Ministra oficinas, bate-papos em diversas instituições como: SESIs, SESCs, SENACs, Casas de cultura, bibliotecas, livrarias, universidades, escolas e espaços culturais.

Contatos: e-mail: nireuda@gmail.com

- Instagram: @nireudalongobardi

- Facebook: Nireuda Longobardi Blog: <http://nireuda.blogspot.com>

- 55 (11) 99249.3423

Myths and Legends in Cordel

Nireuda Longobardi

Nireuda Longobardi is from Rio Grande do Norte and lives with her family in São Paulo. She studied Art Education with a specialization in Plastic Arts at the Fine Arts College of São Paulo and has a postgraduate degree in management, planning, and environmental education from UNISA. She illustrates and writes children's and young adult books for various publishers. She began illustrating books in 2002. In 2009, she launched her first book, both text and images, "Myths and Legends of Brazil in Cordel" (Paulus). Several of her books have been selected by FNLIJ (National Foundation for Children's and Youth Books) for Bologna, Frankfurt catalogs, representing Brazil. The woodcuts that illustrate the book "A canção do tio Dito" (Paulus) were selected by FNLIJ to participate in the BIB - Bratislava Biennial of Illustrations, Slovakia, 2017; her new book "The Man Without a Soul" (Editora do Brasil), 2019 received the Selection Seal of the UNESCO Chair of Reading PUC - Rio 2019 and Highly Recommended 2020. She currently works in her studio as an art teacher, woodcut artist, illustrating, writing new stories, and developing CD covers and cordels. She conducts workshops and talks at various institutions such as SESIs, SESCOs, SENACs, cultural houses, libraries, bookstores, universities, schools, and cultural spaces.

Contacts:

- Email: nireuda@gmail.com
- Instagram: @nireudalongobardi
- Facebook: Nireuda Longobardi
- Blog: <http://nireuda.blogspot.com>
- Phone: 55 (11) 99249.3423

Mitos y Leyendas en Cordel

Nireuda Longobardi

Nireuda Longobardi es de Río Grande del Norte y vive con su familia en São Paulo. Estudió Educación Artística con especialización en Artes Plásticas en la Facultad de Bellas Artes de São Paulo y tiene un posgrado en gestión, planificación y educación ambiental por UNISA. Ilustra y escribe libros para niños y jóvenes para varias editoriales. Comenzó a ilustrar libros en 2002. En 2009, lanzó su primer libro, tanto texto como imágenes, “Mitos y Leyendas de Brasil en Cordel” (Paulus). Varios de sus libros han sido seleccionados por la FNLIJ (Fundación Nacional del Libro Infantil y Juvenil) para catálogos de Bolonia, Frankfurt, representando a Brasil. Las xilografías que ilustran el libro “La canción del tío Dito” (Paulus) fueron seleccionadas por la FNLIJ para participar en la BIB – Bienal de Ilustración de Bratislava, Eslovaquia, 2017; su nuevo libro “El hombre sin alma” (Editora do Brasil), 2019 recibió el Sello de Selección de la Cátedra UNESCO de Lectura PUC - Río 2019 y Altamente Recomendable 2020. Actualmente trabaja en su taller como profesora de arte, xilógrafa, ilustrando, escribiendo nuevas historias y desarrollando portadas de CDs y cordels. Da talleres y charlas en diversas instituciones como SESIs, SESCs, SENACs, casas de cultura, bibliotecas, librerías, universidades, escuelas y espacios culturales.

Contactos:

- Email: nireuda@gmail.com
- Instagram: @nireudalongobardi
- Facebook: Nireuda Longobardi
- Blog: <http://nireuda.blogspot.com>
- Teléfono: 55 (11) 99249.3423

Mythes et Légendes en Cordel

Nireuda Longobardi

Nireuda Longobardi est originaire du Rio Grande do Norte et vit avec sa famille à São Paulo. Elle a étudié l'éducation artistique avec une spécialisation en arts plastiques à la Faculté des Beaux-Arts de São Paulo et a un diplôme d'études supérieures en gestion, planification et éducation environnementale de l'UNISA. Elle illustre et écrit des livres pour enfants et jeunes pour divers éditeurs. Elle a commencé à illustrer des livres en 2002. En 2009, elle a publié son premier livre, à la fois texte et images, "Mythes et Légendes du

Brésil en Cordel" (Paulus). Plusieurs de ses livres ont été sélectionnés par la FNLIJ (Fondation Nationale du Livre pour Enfants et Jeunes) pour les catalogues de Bologne, Francfort, représentant le Brésil. Les gravures sur bois qui illustrent le livre "La chanson de l'oncle Dito" (Paulus) ont été sélectionnées par la FNLIJ pour participer à la BIB – Biennale d'Illustration de Bratislava, Slovaquie, 2017; son nouveau livre "L'homme sans âme" (Editora do Brasil), 2019 a reçu le Sceau de Sélection de la Chaire UNESCO de Lecture PUC - Rio 2019 et Très Recommandé 2020. Elle travaille actuellement dans son atelier en tant que professeure d'art, graveuse sur bois, illustrant, écrivant de nouvelles histoires, et développant des couvertures de CD et des cordels. Elle anime des ateliers et des conférences dans diverses institutions telles que les SESIs, les SECs, les SENACs, les maisons de la culture, les bibliothèques, les librairies, les universités, les écoles et les espaces culturels.

Contacts :

- Email : nireuda@gmail.com
- Instagram : @nireudalongobardi
- Facebook : Nireuda Longobardi
- Blog : <http://nireuda.blogspot.com>
- Téléphone : 55 (11) 99249.3423





















Narrativa Verbo-Visual Pandêmica

Luisa Gunther

A prioridade neste ensaio foi em criar uma narrativa verbo-visual dedicada a apresentar a produção realizada durante a pandemia, fazendo uma mistura entre os conteúdos de dois perfis do Instagram: @luisagunther e @geomitica (...) as fotos são do cotidiano conturbado de uma mulher envolvida com as demandas óbvias do dia. Já os verbetes e afirmações profiláticas são do @geomitica, perfil criado durante a pandemia na doce ilusão de ser possível realizar pesquisa-visual propositiva e colaborativa em/para rede social.

Bio

Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atua como pesquisadora no PPG-Arte, na linha de pesquisa -Deslocamentos e Espacialidades-. Por entre diferentes e distintos interesses, desenvolve considerações verbovisuais em: desenho/grafismo/ilustração; metodologias para o ensino de artes; escritos de artista/livroobjeto/intermídia; métodos de pesquisa em artes; performance/fotodança/dança contemporânea; panfletagem e mecanismos de circulação; sociologia da arte e crítica cultural.

Pandemic Verbo-Visual Narrative

Luisa Gunther

The priority in this essay was to create a verbo-visual narrative dedicated to presenting the production carried out during the pandemic, mixing the contents of two Instagram profiles: @luisagunther and @geomitica (...) the photos are from the tumultuous everyday life of a woman involved with the obvious demands of the day. The entries and prophylactic affirmations are from @geomitica, a profile created during the pandemic under the sweet illusion that it was possible to carry out propositional and collaborative visual research on/for social media.

Bio

Professor at the Department of Visual Arts of the University of Brasília, she works as a researcher in the PPG-Art, in the research line -Displacements and Spatialities-. Among different and distinct interests, she develops verbo-visual considerations in: drawing/graphism/illustration; methodologies for teaching arts; artist writings/artbook/intermedia; research methods in arts; performance/photo dance/contemporary dance; pamphleteering and circulation mechanisms; sociology of art and cultural criticism.

Narrativa Verbo-Visual Pandémica

Luisa Gunther

La prioridad en este ensayo fue crear una narrativa verbo-visual dedicada a presentar la producción realizada durante la pandemia, mezclando los contenidos de dos perfiles de Instagram: @luisagunther y @geomitica (...) las fotos son de la vida cotidiana tumultuosa de una mujer involucrada con las demandas obvias del día. Las entradas y afirmaciones profilácticas son de @geomitica, un perfil creado durante la pandemia bajo la dulce ilusión de que era posible llevar a cabo una investigación visual propositiva y colaborativa en/para las redes sociales.

Bio

Profesora del Departamento de Artes Visuales de la Universidad de Brasíla, trabaja como investigadora en el PPG-Arte, en la línea de investigación -Desplazamientos y Espacialidades-. Entre diferentes e distintos intereses, desarrolla consideraciones verbovisuales en: dibujo/grafismo/ilustración; metodologías para la enseñanza de las artes; escritos de artista/libroobjeto/intermedia; métodos de investigación en artes; performance/fotodanza/danza contemporánea; panfletismo y mecanismos de circulación; sociología del arte y crítica cultural.

Narrative Verbo-Visuelle Pandémique

Luisa Gunther

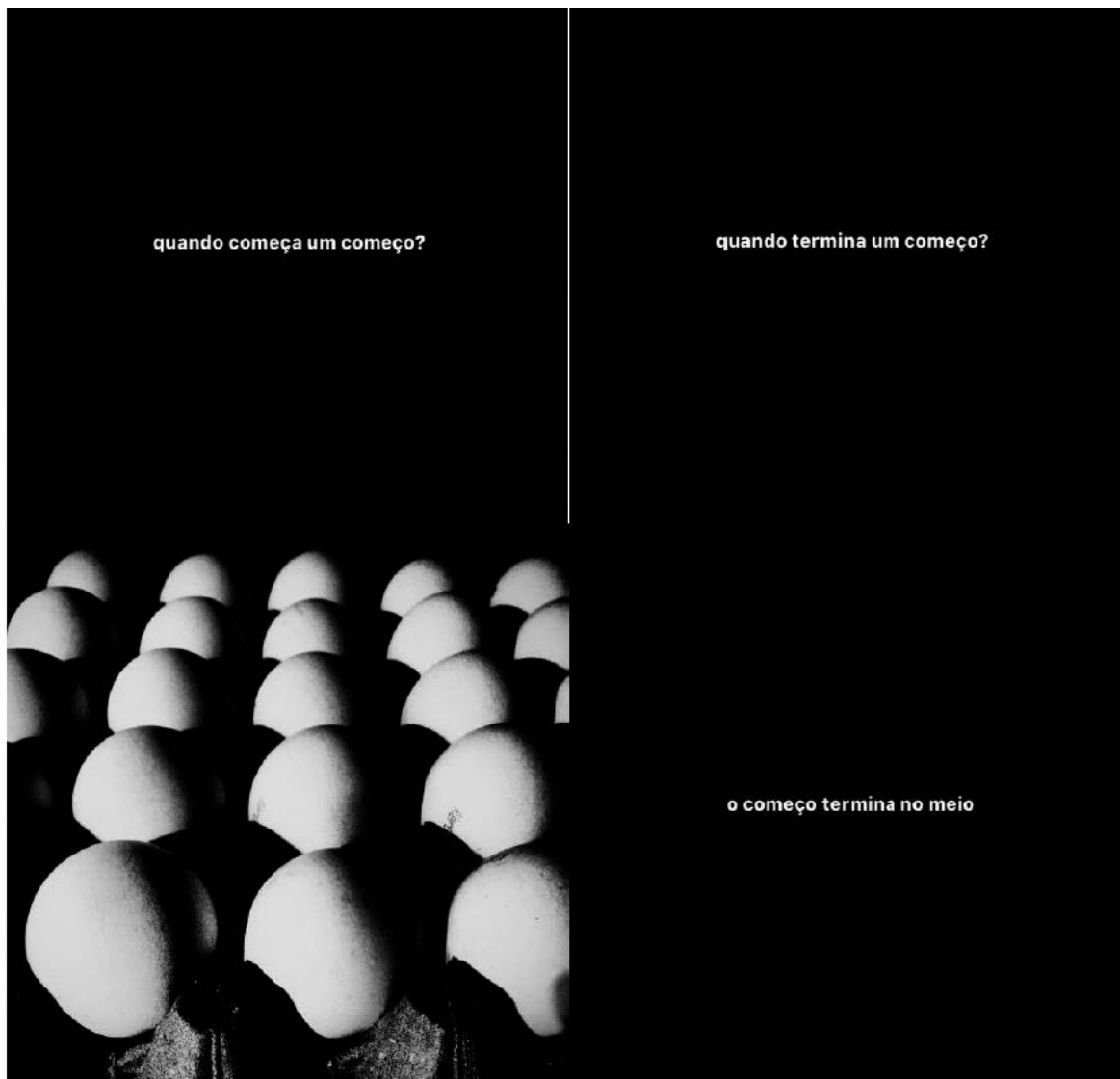
La priorité dans cet essai était de créer une narrative verbo-visuelle dédiée à présenter la production réalisée pendant la pandémie, en mélangeant les contenus de deux profils Instagram : @luisagunther et @geomitica (...) les photos sont du quotidien tumultueux d'une femme impliquée avec les demandes évidentes du jour. Les entrées et affirmations prophylactiques sont de @geomitica, un profil créé pendant la pandémie sous la douce illusion qu'il était possible de mener une recherche visuelle propositionnelle et collaborative sur/pour les médias sociaux.

Bio

Professeure au Département des Arts Visuels de l'Université de Brasília, elle travaille en tant que chercheuse dans le PPG-Art, dans la ligne de recherche -Déplacements et Spatialités-. Parmi différents et distincts intérêts, elle développe des considérations verbo-visuelles en : dessin/graphisme/illustration; méthodologies pour l'enseignement des arts; écrits d'artiste/livreobjet/intermédia; méthodes de recherche en arts; performance/photo danse/danse contemporaine; pamphlétaire et mécanismes de circulation; sociologie de l'art et critique culturelle.

notas sobre o silêncio (ou) sou o apego que rasga as entranhas do mundo coo se houvesse
outra camada de sentido para a voracidade entediada que me seduz.

Luisa Günther VIS|UnB



geo.mí.ti.ca [verbo]

- 1. proposta de ação colaborativa;**
- 2. toda ação é um pensamento;**
- 3. nem todo pensamento é ação, mesmo que
movimente forças, energias e espectros;**
- 4. intuição é luxo cósmico;**
- 5. sentir é demanda;**
- 6. fugir para dentro é regalia;**
- 7. o lado de fora é o único absoluto;**
- 8. somos nosso próprio exterior;**
- 9. o eu é um outro (Artaud)**

des.lo.cá.LOGOS [substantivo abstrato]

- 1. devaneio;**
- 2. invenção;**
- 3. intenção;**
- 4. mentiras sinceras;**
- 5. poética profilática;**
- 5. precisão onírica**



mun.do.LOGiA [adjetivo]

- 1. variação puritana de "mundORGiA";**
- 2. desejo de ocupar os quatro cantos;**
- 3. impossível regresso;**
- 4. ausência de fronteiras;**
- 5. viagem astral -ou- transporte**

todo lugar começa como espaço

todo lugar é tempo



todo lugar contém uma ausência



au.sên.cia [substantivo próprio]

- 1. uma falta presente;**
- 2. oportunidade de introspecção;**
- 3. abismo do íntimo;**
- 4. oráculo.**



pre.sen.ça [substantivo abstrato]

- 1. digressão sobre o estar;**
- 2. não há garantia de coisa alguma;**
- 3. afirmação de alteridade;**
- 4. efêmero.**

todo fim é um começo

todo fim foi um começo



todo fim será um começo?

aqui.e.agora [adjetivo]

- 1. mantra universal;**
- 2. demanda existencial;**
- 3. simplicidade encarnada;**
- 4. anti-futurismo;**
- 5. oráculo.**

DIÁSPORA AFRICANA

Christus Nóbrega

DIÁSPORA AFRICANA, 2020

Foto-performance

O Caramujo-Africano, também conhecido como Rainha-da-África, é um molusco oriundo do continente que dá origem a seu nome. Ele pode pesar cerca de 200 gramas e medir até 20 centímetros de altura. Por seu excesso de peso, o animal foi introduzido ilegalmente no Brasil na década de 80, no Paraná, com o objetivo de gerar lucro ao substituir a iguaria europeia escargot.

Levado para outras regiões do Brasil, também de forma clandestina, o caramujo-africano acabou não sendo bem aceito pelo paladar dos consumidores locais. Para agravar a situação de exclusão, o cultivo do animal também foi proibido pelo IBAMA, fazendo com que muitos de seus traficantes/fazendeiros soltassem o animal na natureza de forma irresponsável.

Sem predadores naturais e com uma grande resistência e excelente capacidade de reprodução o caramujo-africano se adaptou bem em todo território nacional. Por serem exógeno ao ecossistema local viraram hospedeiros de duas espécies de vermes capazes de provocar grave doenças em humanos.

Por isso, são percebidos hoje como uma praga pelos órgãos reguladores nacionais os quais orientam seu extermínio com uso de sal marinho. O sal em contato com o animal desidrata-o, matando-o em segundos. É importante lembrar que o sal é extraído do mar, por sistema simples de evaporação da água.

Bio

Artista e Professor do Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Arte Contemporânea pela UnB. Leciona e orienta nos curso de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição. Sua pesquisa poética parte das teorias do território e da viagem, atravessadas por ideias de ficção e memória, história social e individual. Utiliza a residência artística e a alteridade como métodos. Vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais.

AFRICAN DIASPORA

Christus Nóbrega

AFRICAN DIASPORA, 2020
Photo-performance

The African Giant Snail, also known as the African Queen, is a mollusk originally from the continent that gives it its name. It can weigh about 200 grams and measure up to 20 centimeters in height. Due to its excessive weight, the animal was illegally introduced into Brazil in the 1980s, in Paraná, with the aim of generating profit by replacing the European delicacy escargot.

Transported to other regions of Brazil, also clandestinely, the African snail was not well accepted by the palate of local consumers. To worsen the situation of exclusion, the cultivation of the animal was also prohibited by IBAMA, leading many of its traffickers/farmers to release the animal irresponsibly into the wild.

Without natural predators and with great resistance and excellent reproductive capacity, the African snail adapted well throughout the national territory. As they are exogenous to the local ecosystem, they became hosts to two species of worms capable of causing severe diseases in humans.

Therefore, they are perceived today as a pest by national regulatory bodies, which advise their extermination using sea salt. The salt in contact with the animal dehydrates it, killing it within seconds. It is important to remember that salt is extracted from the sea, through a simple system of water evaporation.

Bio

Artist and Professor at the Department of Visual Arts (VIS) of the University of Brasília (UnB). Doctor and Master in Contemporary Art from UnB. He teaches and advises in the Post-Graduate Arts program of the same institution. His poetic research starts from theories of territory and travel, intersected by ideas of fiction and memory, social and individual history. He utilizes artistic residency and alterity as methods. He has been regularly participating in national and international exhibitions.

DIÁSPORA AFRICANA

Christus Nóbrega

DIÁSPORA AFRICANA, 2020

Foto-performance

El Caracol Gigante Africano, también conocido como la Reina de África, es un molusco originario del continente que le da su nombre. Puede pesar unos 200 gramos y medir hasta 20 centímetros de altura. Debido a su excesivo peso, el animal fue introducido ilegalmente en Brasil en la década de 1980, en Paraná, con el objetivo de generar beneficios reemplazando la delicadeza europea del caracol.

Transportado a otras regiones de Brasil, también de manera clandestina, el caracol africano no fue bien aceptado por el paladar de los consumidores locales. Para agravar la situación de exclusión, el cultivo del animal también fue prohibido por el IBAMA, llevando a muchos de sus traficantes/granjeros a liberar irresponsablemente el animal en la naturaleza.

Sin depredadores naturales y con una gran resistencia y excelente capacidad reproductiva, el caracol africano se adaptó bien en todo el territorio nacional. Al ser exógenos al ecosistema local, se convirtieron en huéspedes de dos especies de gusanos capaces de provocar graves enfermedades en humanos.

Por eso, hoy son percibidos como una plaga por los organismos reguladores nacionales, que aconsejan su exterminio utilizando sal marina. La sal en contacto con el animal lo deshidrata, matándolo en segundos. Es importante recordar que la sal se extrae del mar, mediante un sistema simple de evaporación del agua.

Bio

Artista y Profesor del Departamento de Artes Visuales (VIS) de la Universidad de Brasilia (UnB). Doctor y Maestro en Arte Contemporáneo por la UnB. Enseña y asesora en el programa de Postgrado en Artes de la misma institución. Su investigación poética parte de las teorías del territorio y del viaje, atravesadas por ideas de ficción y memoria, historia social e individual. Utiliza la residencia artística y la alteridad como métodos. Ha participado regularmente en exposiciones nacionales e internacionales.

DIASPORA AFRICAINE

Christus Nóbrega
DIASPORA AFRICAINE, 2020
Photo-performance

L'Escargot Géant Africain, également connu sous le nom de Reine d'Afrique, est un mollusque originaire du continent qui lui donne son nom. Il peut peser environ 200 grammes et mesurer jusqu'à 20 centimètres de hauteur. En raison de son poids excessif, l'animal a été introduit illégalement au Brésil dans les années 1980, au Paraná, dans le but de générer des bénéfices en remplaçant la délicatesse européenne de l'escargot.

Transporté vers d'autres régions du Brésil, également de manière clandestine, l'escargot africain n'a pas été bien accepté par le palais des consommateurs locaux. Pour aggraver la situation d'exclusion, la culture de l'animal a également été interdite par l'IBAMA, conduisant de nombreux trafiquants/agriculteurs à relâcher l'animal de manière irresponsable dans la nature.

Sans prédateurs naturels et avec une grande résistance et une excellente capacité de reproduction, l'escargot africain s'est bien adapté sur tout le territoire national. Étant exogènes à l'écosystème local, ils sont devenus les hôtes de deux espèces de vers capables de causer de graves maladies chez les humains.

C'est pourquoi ils sont perçus aujourd'hui comme un fléau par les organismes régulateurs nationaux, qui conseillent leur extermination en utilisant du sel marin. Le sel en contact avec l'animal le déshydrate, le tuant en quelques secondes. Il est important de se rappeler que le sel est extrait de la mer, par un système simple d'évaporation de l'eau.

Bio

Artiste et Professeur au Département des Arts Visuels (VIS) de l'Université de Brasília (UnB). Docteur et Maître en Art Contemporain par l'UnB. Il enseigne et conseille dans le programme de Post-Graduation en Arts de la même institution. Sa recherche poétique part des théories du territoire et du voyage, traversées par des idées de fiction et de mémoire, d'histoire sociale et individuelle. Il utilise la résidence artistique et l'altérité comme méthodes. Il participe régulièrement à des expositions nationales et internationales.

















O que o vento ainda não levou

Susana Dobal

As portas estão fechadas e o mundo arde ao redor, arde tanto que as labaredas entram pelas telas do computador e do celular e terminam inflamando também o lar, os objetos, os livros, a papelada, as plantas, as tigelas, os alimentos, tudo amalgamado com as notícias, marinando em uma fusão que une intimidade e ultraje. Vozes e imagens externas povoam os rituais cotidianos: ardem as florestas, flexibiliza-se o porte de armas, nega-se a ciência. Os fatos aparecem como peças dispersas que uma vez reunidas ganham uma incômoda coerência. Menosprezando a pandemia, a necropolítica reinante inventa paliativos inúteis, opõe-se ao uso de máscaras onde elas eram obrigatórias, veta ajuda para prevenção à Covid-19 a indígenas e a presidiários. Enquanto isso, filmes sobre a época do nazismo trazem um burburinho de eterno retorno. A pandemia vai afetando o cenário doméstico do confinamento: se antes eram as vidas privadas que se expunham na rede, agora é a vida pública que se imiscui na vida privada. Reuniões profissionais físgam a intimidade do lar; o movimento contrário, porém, é ainda mais intenso. O mundo virou do avesso e não foi só porque o absurdo vigora nas situações mais diversas: quando o lado de fora veio para dentro, uma onda de espanto trouxe um sabor infame para dentro das painéis.

Bio

Susana Dobal é fotógrafa e professora na Universidade de Brasília. Participou de diversas exposições e esteve entre os finalistas premiados do Prêmio Mestre d'Armas (Planaltina, 2016) e Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger (2019) – categoria Inovação e Experimentação. Co-coordena um grupo de pesquisa sobre Narrativas e Experimentações Visuais certificado junto ao CNPq.

What the Wind Has Not Yet Taken

Susana Dobal

The doors are closed, and the world burns around us, burns so much that the flames enter through the screens of computers and cell phones and end up igniting the home, objects, books, paperwork, plants, bowls, food, everything amalgamated with the news, marinating in a fusion that unites intimacy and outrage. External voices and images populate daily rituals: forests burn, gun carrying is relaxed, science is denied. The facts appear as scattered pieces that once assembled gain an uncomfortable coherence. Disregarding the pandemic, the reigning necropolitics invents useless palliatives, opposes the use of masks where they were mandatory, vetoes assistance for Covid-19 prevention to indigenous peoples and prisoners. Meanwhile, films about the Nazi era bring a murmur of eternal return. The pandemic affects the domestic setting of confinement: if before it was private lives that were exposed on the net, now it is public life that intrudes into private life. Professional meetings hook into the intimacy of the home; the opposite movement, however, is even more intense. The world has turned upside down, and it's not just because the absurd prevails in the most diverse situations: when the outside came in, a wave of astonishment brought an infamous taste into the pots.

Bio

Susana Dobal is a photographer and professor at the University of Brasília. She has participated in various exhibitions and was among the awarded finalists of the Mestre d'Armas Prize (Planaltina, 2016) and the National Photography Prize Pierre Verger (2019) – Innovation and Experimentation category. She co-coordinates a research group on Narratives and Visual Experimentations certified by CNPq.

Lo que el viento aún no se llevó

Susana Dobal

Las puertas están cerradas y el mundo arde alrededor, arde tanto que las llamas entran por las pantallas de los ordenadores y los teléfonos móviles y terminan incendiando también el hogar, los objetos, los libros, los papeles, las plantas, los cuencos, los alimentos, todo amalgamado con las noticias, marinando en una fusión que une la intimidad y el ultraje. Voces e imágenes externas pueblan los rituales cotidianos: arden los bosques, se flexibiliza la tenencia de armas, se niega la ciencia. Los hechos aparecen como piezas dispersas que una vez reunidas adquieren una incómoda coherencia. Menospreciando la pandemia, la necropolítica reinante inventa paliativos inútiles, se opone al uso de mascarillas donde eran obligatorias, veta la ayuda para la prevención de Covid-19 a indígenas y presos. Mientras tanto, películas sobre la época del nazismo traen un murmullo de eterno retorno. La pandemia afecta el escenario doméstico del confinamiento: si antes eran las vidas privadas las que se exponían en la red, ahora es la vida pública la que se inmiscuye en la vida privada. Las reuniones profesionales capturan la intimidad del hogar; el movimiento contrario, sin embargo, es aún más intenso. El mundo se ha vuelto del revés y no solo porque lo absurdo prevalezca en las situaciones más diversas: cuando el exterior entró, una ola de asombro trajo un sabor infame a las ollas.

Bio

Susana Dobal es fotógrafa y profesora en la Universidad de Brasília. Ha participado en varias exposiciones y estuvo entre los finalistas premiados del Premio Mestre d'Armas (Planaltina, 2016) y del Premio Nacional de Fotografía Pierre Verger (2019) – categoría Innovación y Experimentación. Co-coordina un grupo de investigación sobre Narrativas y Experimentaciones Visuales certificado por el CNPq.

Ce que le vent n'a pas encore emporté

Susana Dobal

Les portes sont fermées et le monde brûle autour de nous, brûle tellement que les flammes pénètrent à travers les écrans d'ordinateurs et de téléphones portables et finissent par enflammer également la maison, les objets, les livres, les papiers, les plantes, les bols, les aliments, tout amalgamé avec les nouvelles, mariné dans une fusion qui unit l'intimité et l'outrage. Des voix et des images extérieures peuplent

les rituels quotidiens : les forêts brûlent, l'assouplissement de la possession d'armes, le déni de la science. Les faits apparaissent comme des pièces éparpillées qui, une fois assemblées, acquièrent une cohérence inconfortable. Méprisant la pandémie, la nécropolitique régnante invente des palliatifs inutiles, s'oppose à l'utilisation de masques là où ils étaient obligatoires, met son veto à l'aide pour la prévention du Covid-19 aux indigènes et aux prisonniers. Pendant ce temps, les films sur l'époque du nazisme apportent un murmure de retour éternel. La pandémie affecte le cadre domestique du confinement : si auparavant c'étaient les vies privées qui étaient exposées sur le net, maintenant c'est la vie publique qui s'immisce dans la vie privée. Les réunions professionnelles accrochent l'intimité du foyer ; le mouvement contraire, cependant, est encore plus intense. Le monde s'est retourné, et ce n'est pas seulement parce que l'absurde prévaut dans les situations les plus diverses : lorsque l'extérieur est entré, une vague de stupéfaction a apporté un goût infâme aux casseroles.

Bio

Susana Dobal est photographe et professeur à l'Université de Brasília. Elle a participé à diverses expositions et a été parmi les finalistes récompensés du Prix Mestre d'Armas (Planaltina, 2016) et du Prix National de Photographie Pierre Verger (2019) – catégorie Innovation et Expérimentation. Elle co-coordonne un groupe de recherche sur les Narratives et Expérimentations Visuelles certifié par le CNPq.



EM DOIS ANOS MAIS DE 20 ATOS FORAM EDITADOS PARA FACILITAR ACESSO ÀS ARMAS
PRESIDENTE COMENTA MORTES NA PANDEMIA: "MORRE GENTE TODO DIA, DE UMA SÉRIE DE CAUSAS. É A VIDA."





FOGO DESMATA MAIS DE 20 MILHÕES DE HECTARES NO BRASIL EM 2020

ÁREA DEVASTADA DA AMAZÔNIA, CERRADO, MATA ATLÂNTICA E PANTANAL JUNTOS É MAIOR DO QUE O ESTADO DO PARANÁ



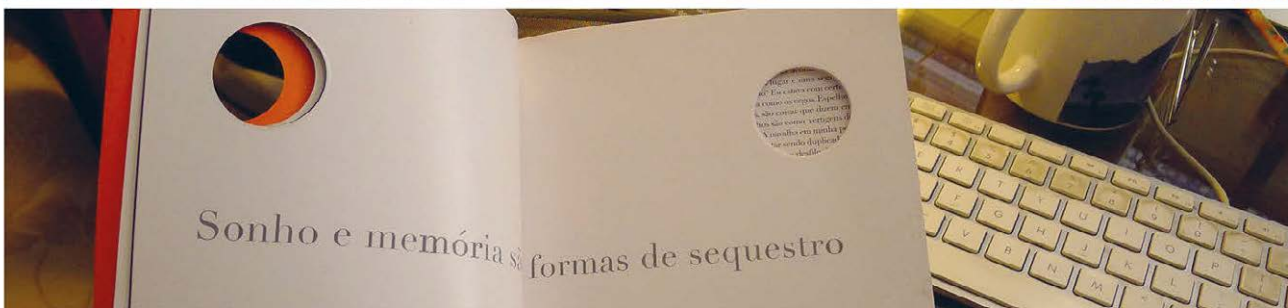
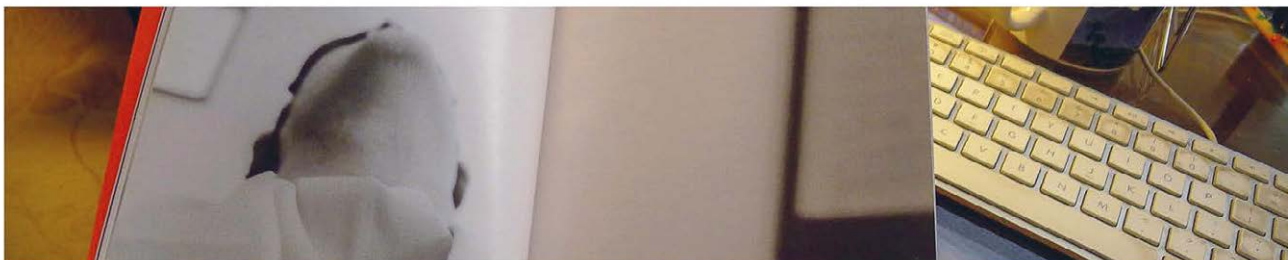


MINISTRA DE DIREITOS HUMANOS ALERTA QUE FEMINISTAS INFILTRADAS NO MINISTÉRIO DA SAÚDE QUE DEFENDEM ABORTO RELACIONADO AO ZICA VÍRUS REIVINDICARÃO ABORTO PARA QUEM TEVE CORONA VÍRUS



ÃO É ÉPOCA COM MAIOR INCIDÊNCIA DE RAIOS NO BRASIL

■ BRASIL REGISTRA 1.109 MORTES E 61 MIL CASOS DE COVID EM 24 HORAS ■ PALMEIRAS 01:3



GOVERNO IMPÕE REITOR QUE TEVE MENOS DE 10% DE VOTOS DA COMUNIDADE ACADÊMICA
REITORIA DA UFPB É OCUPADA PELOS ALUNOS – PUBLICAÇÃO ESTÁ SUSPensa



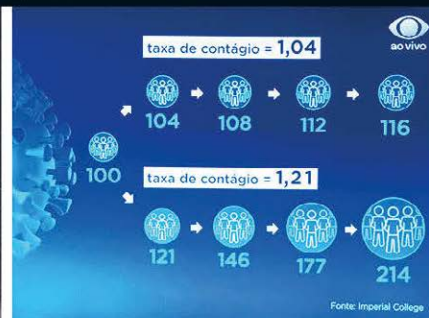
GOVERNO VETA MEDIDAS DE PROTEÇÃO PARA COMUNIDADES INDÍGENAS DURANTE A PANDEMIA

MORTALIDADE POR COVID-19 ENTRE INDÍGENAS É 16% MAIOR





**BOCAS QUE ATRIBUEM AS MAIS INSANAS FANTASIAS PEDÓFILAS A SEUS DESAFETOS
PROPAGAM TERMOS COMO "ESQUERDOPATAS"**





Na pilha, havia livros de autores que não eram judeus nem marxistas,



RELATÓRIO REVELA QUE GOVERNO PROMOVEU 580 OFENSAS A PROFISSIONAIS E EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO ANO PASSADO

ASSINATURAS DE TODOS OS JORNAIS E REVISTAS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ESTÃO CANCELADOS DESDE JANEIRO DE 2020



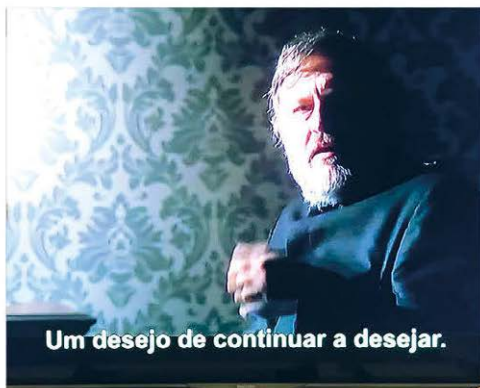
LIBERDADE DE IMPRENSA

ATAQUES À IMPRENSA NO BRASIL BATERAM RECORDE EM 2020



VARIANTE DO AMAZONAS CHEGA A SP; CIENTISTAS PEDEM MAIS PROTEÇÃO 23:35





Um desejo de continuar a desejar.



“VAMOS PRODUZIR ESPERANÇA PARA CORAÇÕES AFLITOS”

EXÉRCITO JUSTIFICA PAGAR 167% A MAIS POR INSUMO PARA PRODUZIR CLOROQUINA SEM EFICÁCIA COMPROVADA





CARREATA EM APOIO AO PRESIDENTE, CONTRA O CONGRESSO E O STF PERCORRE A ESPLANADA

STF SUSPENDE RESOLUÇÃO DE ALÍQUOTA ZERO PARA IMPORTAÇÃO DE REVÓLVORES E PISTOLAS





**ENQUANTO OS EUA CELEBRAM A VITÓRIA DO BIDEN
POR AQUI AGUARDAMOS QUE DIAS MELHORES VIRÃO**



Fotografia, Fantasia: imaginação dos extraquadros

Já faz bastante tempo que venho me dedicado aos mesmos temas: paisagens, eventos e retratos. No meio disso, gosto de observar a luz como algo natural e a partir dela ir ao encontro de uma expressão realista. Mas gosto também de ir ao encontro das abstrações e, em alguns momentos, me deixar levar pela fantasia vendo seres que habitam a matéria que ganham vida na imaginação dos extraquadros. De fato, a pandemia me levou a praticar montagens e intervenções nas imagens com a pós-produção, mas isso eu já fazia no laboratório de fotografia experimentando as possibilidades criativas da relação físico-química da fotografia. O estado pandêmico recolocou isso no horizonte de possibilidades, principalmente, quando nós voltamos para o estoque de imagens arquivadas que esperam o momento de vir à luz novamente. Temos também a descoberta das mídias sociais, a fotografia como elemento comunicacional para o compartilhamento e os encontros... e reencontros com pessoas queridas que, por motivos vários, estão distantes. Enfim, tudo isso serve para amainar o isolamento até que uma vacina e o bom senso se faça presente e possamos voltar aos momentos dos encontros de fato.

Bio

Com trânsito no mundo das Artes, Duda Bentes é Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (2020). Já fotógrafo, graduou-se como Bacharel em Ciências Sociais (1990) e recebeu o título de Mestre em Comunicação (1997), diplomas outorgados pela UnB. Atualmente é Professor Adjunto lotado no Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação da UnB.

Photography, Fantasy: Imagination Beyond the Frame

I have been dedicated to the same themes for a long time: landscapes, events, and portraits. In the midst of this, I like to observe light as something natural and from there find a realistic expression. But I also enjoy delving into abstractions and, at times, letting myself be carried away by fantasy, seeing beings that inhabit the material and come to life in the imagination beyond the frame. Indeed, the pandemic led me to practice montages and interventions in images with post-production, but this is something I already did in the photography laboratory, experimenting with the creative possibilities of the physical-chemical relationship of photography. The pandemic state has brought this back into the realm of possibilities, especially when we return to the stock of archived images waiting for their moment to come to light again. There's also the discovery of social media, photography as a communicational element for sharing, and (re) encounters with loved ones who, for various reasons, are distant. In short, all this serves to mitigate the isolation until a vaccine and common sense prevail, and we can return to the moments of real encounters.

Bio

With a background in the world of Arts, Duda Bentes holds a Ph.D. in Communication from the University of Brasília (2020). As a photographer, he graduated with a Bachelor's degree in Social Sciences (1990) and obtained a Master's degree in Communication (1997), both from UnB. He is currently an Adjunct Professor in the Department of Audiovisuals and Advertising at the Faculty of Communication of UnB.

Fotografía, Fantasía: Imaginación Más Allá del Marco

Hace mucho tiempo que me dedico a los mismos temas: paisajes, eventos y retratos. En medio de esto, me gusta observar la luz como algo natural y a partir de ella encontrar una expresión realista. Pero también disfruto adentrarme en las abstracciones y, en ocasiones, dejarme llevar por la fantasía, viendo seres que habitan la materia y cobran vida en la imaginación más allá del marco. De hecho, la pandemia me llevó a practicar montajes e intervenciones en las imágenes con la posproducción, pero esto ya lo hacía en el laboratorio de fotografía, experimentando con las posibilidades creativas de la relación físico-química de la fotografía. El estado pandémico ha vuelto a poner esto en el horizonte de posibilidades, especialmente cuando volvemos al stock de imágenes archivadas que esperan su momento para salir a la luz nuevamente. También está el descubrimiento de las redes sociales, la fotografía como elemento comunicacional para compartir, y los encuentros... y reencuentros con seres queridos que, por diversos motivos, están lejos. En resumen, todo esto sirve para mitigar el aislamiento hasta que una vacuna y el sentido común prevalezcan, y podamos volver a los momentos de encuentros reales.

Bio

Con tránsito en el mundo de las Artes, Duda Bentes es Doctor en Comunicación por la Universidad de Brasilia (2020). Como fotógrafo, se graduó como Licenciado en Ciencias Sociales (1990) y obtuvo el título de Maestro en Comunicación (1997), ambos diplomas otorgados por la UnB. Actualmente es Profesor Adjunto en el Departamento de Audiovisuales y Publicidad de la Facultad de Comunicación de la UnB.

Photographie, Fantaisie : Imagination au-delà du Cadre

Je me suis consacré aux mêmes thèmes pendant longtemps : paysages, événements et portraits. Au milieu de cela, j'aime observer la lumière comme quelque chose de naturel et à partir de là trouver une expression réaliste. Mais j'aime aussi plonger dans les abstractions et, parfois, me laisser emporter par la fantaisie, en voyant des êtres qui habitent la matière et prennent vie dans l'imagination au-delà du cadre. En effet, la pandémie m'a amené à pratiquer des montages et des interventions sur les images avec la post-production, mais c'est quelque chose que je faisais déjà dans le laboratoire de photographie, expérimentant avec les possibilités créatives de la relation physique-chimique de la photographie. L'état pandémique a remis cela dans le champ des possibilités, surtout lorsque nous revenons au stock d'images archivées qui attendent leur moment pour être révélées à nouveau

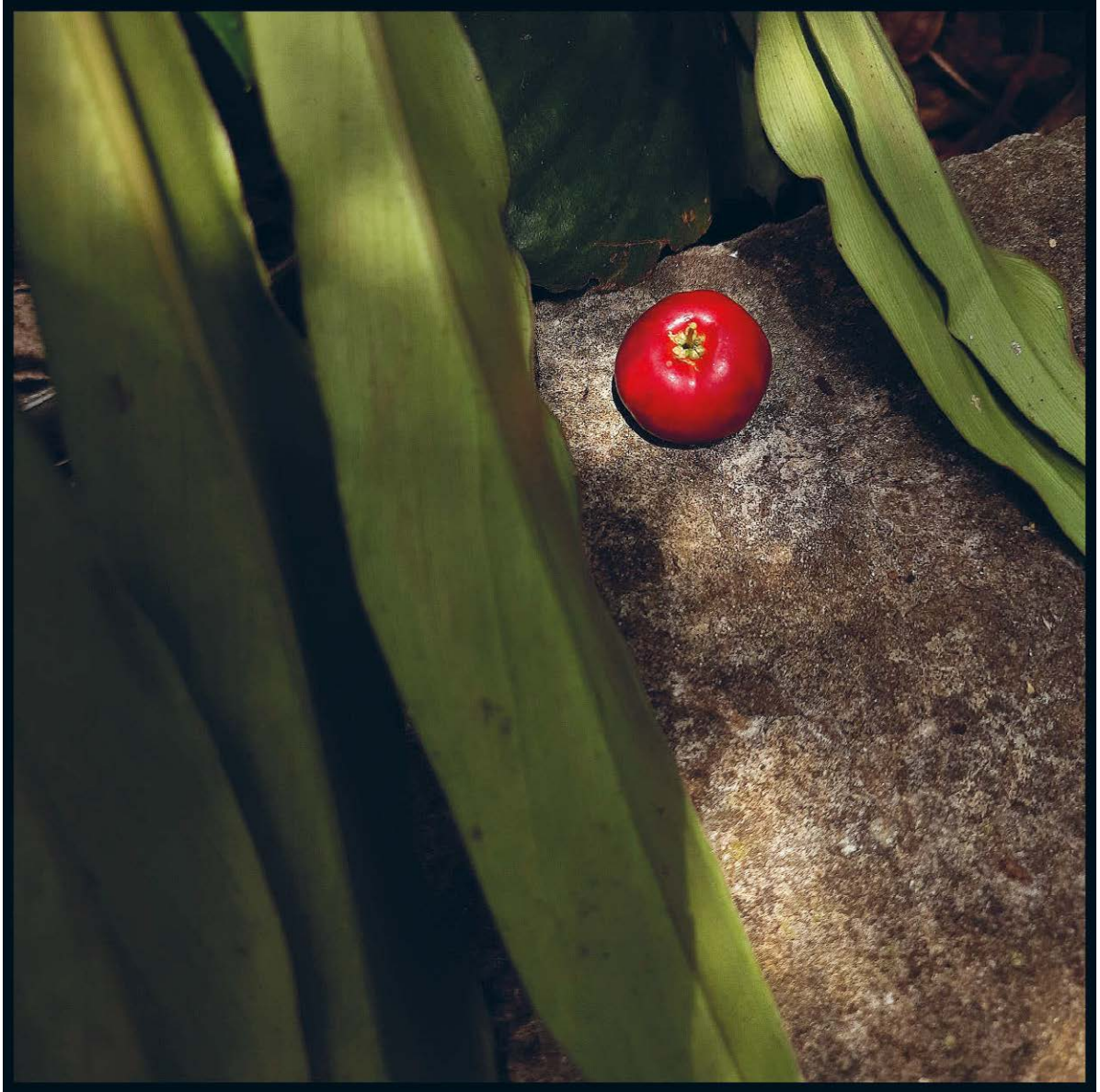
. Il y a aussi la découverte des médias sociaux, la photographie comme élément de communication pour partager, et les rencontres... et retrouvailles avec des êtres chers qui, pour diverses raisons, sont éloignés. En bref, tout cela sert à atténuer l'isolement jusqu'à ce qu'un vaccin et le bon sens prévalent, et nous puissions revenir aux moments de vraies rencontres.

Bio

Avec un parcours dans le monde des Arts, Duda Bentes est Docteur en Communication de l'Université de Brasília (2020). En tant que photographe, il est diplômé d'une Licence en Sciences Sociales (1990) et a obtenu un Master en Communication (1997), tous deux décernés par l'UnB. Il est actuellement Professeur Adjoint au Département de l'Audiovisuel et de la Publicité de la Faculté de Communication de l'UnB.













Foi no CLSW
ou no SMU?

Qualquer...
eu devia ter ficado
EM CASA!







Novo Modernismo: cor e espiritualidade pós-humana

Rodolfo Ward

Este ensaio tem início no Parque da Cidade, em Brasília-DF, considerado o maior parque urbano da América Latina. Era março de 2020 e a pandemia estava iniciando no Brasil. Não sabíamos muita coisa sobre ela e nem a levávamos a sério. Depois de caminhar e refletir sobre a vida, resolvi fotografar o Parque de Diversões, tirei uma fotografia com meu celular da roda gigante utilizando a técnica de baixa velocidade para captar mais cores. Nuvens de chuva estavam se formando e o céu estava lindo, o contraste e intensidade das cores dão dramaticidade, as pessoas se divertindo... Nem parecia que viria uma tempestade... A continuação do ensaio é sobre os meses que se seguiram. As nuvens se fecharam mais e uma tempestade repentina atingiu Brasília. Ninguém estava preparado. O caos logo tomou conta e a sociedade enfrentou o colapso por falta de abastecimento. Fronteiras foram fechadas. Os indivíduos passaram a não pensar mais na coletividade, o antigo ditado popular reflete bem isso: “se o angú é pouco meu pirão primeiro”... Entramos no período de isolamento e caos social. Ninguém estava preparado para ficar só consigo mesmo e ser separado de sua função social.

Esse ensaio pandêmico marca minha renovação estética como produtor de imagens, de narrativas visuais e criador de novas realidades fantásticas. Utilizo a cor como elemento chave para compor minhas imagens, a saturação como atrativo visual e a composição dinâmica da imagem para fazer o olhar do observador circular em pontos diversos da imagem. As cores das imagens não são as cores captadas pelo olho humano e nem estão presentes neste plano. São cores de uma realidade digital, do ciberespaço e do mundo virtual acessível pela utilização da Ayuhasca. As imagens produzidas por dispositivo celular e editadas em aplicativos de edição do próprio celular também marcam essa transmutação pós-humanística ao mesmo tempo que conversa com a fotografia modernista que tinha como “objetivo dotar a fotografia de um projeto artístico autônomo alinhado às aspirações remodeladoras da arte moderna e redefinir as bases estéticas por meio de experimentações técnicas próprias ao médium” (Itaú Cultural, 2022). O celular se torna co-autor se formos pensar contemporaneamente. O Celular é hoje uma extensão do corpo, dos olhos, do cérebro, da memória... É uma prótese que faz parte do corpo. As fotografias trazem essas questões que vão além da estética visual, adentram na estética filosófica do nosso tempo. Hoje o homem está mais próximo da máquina ou da natureza? A inteligência artificial dos big datas preveem o futuro ou apenas escutam tudo o que dizemos e propõe novas metanarrativas de vida com base em cálculos?

Queremos refletir para além da arquitetura. Esse momento que ficamos enclausurados em casa foi para mim um momento de grande reflexão e criação. Este projeto é prova disso. Queremos questionar e trazer ao público a imprescindibilidade de se buscar novos tipos de relação entre tecnologia, arte, sociedade e natureza que superem a atual polarização progresso versus preservação e tecnologia versus natureza... Humano, Natureza, Tecnologia, Arte, Registro, Técnica ... Reflitam, Apreciem ...

Bio

Rodolfo “The South American Sensation” é Artista, produtor cultural e pesquisador transdisciplinar. Doutor em Artes Visuais (2023) e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019) com período de bolsa Sanduíche no Departamento de World Arts and Cultures/Dance da University of California, Los Angeles - UCLA (2022-2023), financiado pelo CNPq. Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018). Coursou como aluno regular o Mestrado em Ciências do Ambiente, linha de pesquisa: Natureza, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2015). Autor das obras Arte e Inovação em Tempos de Pandemia (2023), Wawekrurê: distintos olhares (1. ed. em 2015 e 2. ed. em 2019), ambas, editadas pela editora do Senado Federal. Do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT (2017) e Organizador dos Cadernos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares Ceam/UnB eds. 36, 37, 38 e 39 (2022). Foi Primeiro Secretário da Associação de Artistas Visuais do Estado do Tocantins (Avisto) e Membro do Conselho de Cultura do Município de Palmas-TO. Participou de mais de 40 exposições no Brasil e exterior.

Nuevo Modernismo: Color y Espiritualidad Poshumana

****Rodolfo Ward****

Este ensayo comienza en el Parque de la Ciudad, en Brasilia, DF, considerado el parque urbano más grande de América Latina. Era marzo de 2020 y la pandemia recién comenzaba en Brasil. No sabíamos mucho al respecto y no lo tomábamos en serio. Después de caminar y reflexionar sobre la vida, decidí fotografiar el Parque de Diversiones, tomé una foto con mi celular de la noria utilizando una velocidad de obturación lenta para capturar más colores. Las nubes de lluvia se estaban formando y el cielo era hermoso; el contraste y la intensidad de los colores añadían drama, la gente se estaba divirtiendo... No parecía que se avecinaba una tormenta. La continuación del ensayo trata sobre los meses que siguieron. Las nubes se cerraron y una tormenta repentina golpeó a Brasilia. Nadie estaba preparado. El caos se apoderó rápidamente y la sociedad enfrentó el colapso debido a la falta de suministros. Se cerraron las fronteras. Las personas dejaron de pensar en lo colectivo, como dice el viejo refrán: “si mi comida es escasa, yo primero” ... Entramos en un período de aislamiento y caos social. Nadie estaba preparado para estar solo consigo mismo y separado de su función social.

Este ensayo pandémico marca mi renovación estética como productor de imágenes, creador de narrativas visuales y fabricante de nuevas realidades fantásticas. Utilizo el color como un elemento clave para componer mis imágenes, la saturación como un atractivo visual y la composición dinámica de la imagen para guiar la mirada del espectador hacia varios puntos de la imagen. Los colores en las imágenes no son los colores vistos por el ojo humano ni presentes en este plano. Son colores de una realidad digital, el ciberespacio y el mundo virtual accesible a través del uso de la Ayahuasca. Las imágenes son producidas por un dispositivo celular y editadas en las aplicaciones de edición del propio teléfono, marcando esta transmutación poshumana mientras se relaciona con la fotografía modernista que buscaba “dotar a la fotografía de un proyecto artístico autónomo alineado con las aspiraciones renovadoras del arte moderno y redefinir las bases estéticas a través de experimentaciones técnicas específicas del medio” (Itaú Cultural, 2022). El teléfono celular se convierte en un coautor en términos contemporáneos. El teléfono celular es ahora una extensión del cuerpo, de los ojos, del cerebro, de la memoria... Es una prótesis que forma parte del cuerpo. Las fotografías plantean preguntas que van más allá de la estética visual y se adentran en la estética filosófica de nuestro tiempo. Hoy en día, ¿el hombre está más cerca de la máquina o de la naturaleza? ¿La inteligencia artificial de los grandes datos predice el futuro o simplemente escucha todo lo que decimos y propone nuevas metanarrativas de vida basadas en cálculos?

Queremos reflexionar más allá de la arquitectura. El tiempo que pasamos confinados en casa fue un momento de profunda reflexión y creación para mí. Este proyecto es prueba de ello. Queremos cuestionar y llevar al público la necesidad de buscar nuevos tipos de relaciones entre tecnología, arte, sociedad y naturaleza que vayan más allá de la actual polarización entre progreso y preservación, y tecnología y naturaleza... Humano, Naturaleza, Tecnología, Arte, Registro, Técnica... Reflexionen, Aprecien...

****Biografía****

Rodolfo “The South American Sensation” es artista, productor cultural e investigador transdisciplinario. Obtuvo un doctorado en Artes Visuales (2023) y una maestría en Arte Contemporáneo con énfasis en Arte y Tecnología de la Universidad de Brasilia - UnB (2019), con un período de beca en el Departamento de World Arts and Cultures/Dance de la Universidad de California, Los Ángeles - UCLA (2022-2023), financiado por el CNPq. También tiene títulos de posgrado en Relaciones Internacionales del Instituto de Relaciones Internacionales IREL/UnB (2020) y en Análisis Político y Políticas Públicas del Instituto de Ciencia Política - IPOL/UnB (2018). Realizó estudios regulares en Ciencias Ambientales, con un enfoque en Naturaleza, Cultura y Sociedad en la Universidad Federal de Tocantins - UFT (2015). Es autor de las obras “Arte e Innovación en Tiempos de Pandemia” (2023) y “Wawekrurê: Perspectivas Distintas” (1.ª edición en 2015 y 2.ª edición en 2019), ambas publicadas por la Editorial del Senado Federal. También contribuyó al libro “Narrativas y Representaciones: Interdisciplinariedad en Comunicación” publicado por la Editorial de la Universidad Federal de Tocantins - EDUFT (2017) y es el organizador de los Cuadernos del Centro de Estudios Avanzados Multidisciplinarios Ceam/UnB ediciones 36, 37, 38 y 39 (2022). Se desempeñó como Primer Secretario de la Asociación de Artistas Visuales del Estado de Tocantins (Aviso) y fue miembro del Consejo de Cultura del Municipio de Palmas-TO. Ha participado en más de 40 exposiciones en Brasil y en el extranjero.

New Modernism: Color and Post-Human Spirituality

****Rodolfo Ward****

This essay begins in the City Park, Brasília-DF, considered the largest urban park in Latin America. It was March 2020, and the pandemic was just starting in Brazil. We didn't know much about it, and we didn't take it seriously. After walking and reflecting on life, I decided to photograph the Amusement Park, taking a picture with my cell phone of the Ferris wheel using a slow shutter speed to capture more colors. Rain clouds were forming, and the sky was beautiful; the contrast and intensity of the colors added drama, people were having fun... It didn't seem like a storm was coming. The continuation of the essay is about the following months. The clouds closed in, and a sudden storm hit Brasília. No one was prepared. Chaos quickly took over, and society faced collapse due to a lack of supplies. Borders were closed. Individuals stopped thinking about the collective, as the old saying goes: "if my meal is scarce, I come first" ... We entered a period of isolation and social chaos. No one was prepared to be alone with themselves and separated from their social function.

This pandemic essay marks my aesthetic renewal as an image producer, visual narrative creator, and maker of new fantastic realities. I use color as a key element to compose my images, saturation as a visual attraction, and dynamic image composition to guide the viewer's gaze to various points in the image. The colors in the images are not the colors seen by the human eye nor present in this plane. They are the colors of a digital reality, cyberspace, and the virtual world accessible through the use of Ayahuasca. The images are produced by a cell phone device and edited in the phone's editing apps, marking this post-humanistic transmutation while engaging with modernist photography that aimed to "endow photography with an autonomous artistic project aligned with the renovating aspirations of modern art and redefine aesthetic foundations through medium-specific technical experiments" (Itaú Cultural, 2022). The cell phone becomes a co-author in contemporary terms. The cell phone is now an extension of the body, eyes, brain, memory... It is a prosthesis that is part of the body. The photographs raise questions that go beyond visual aesthetics and delve into the philosophical aesthetics of our time. Today, is man closer to the machine or to nature? Do big data's artificial intelligence predict the future or merely listen to everything we say and propose new metanarratives of life based on calculations?

We want to reflect beyond architecture. The time we spent confined at home was a moment of deep reflection and creation for me. This project is proof of that. We want to question and bring to the public the

necessity of seeking new types of relationships between technology, art, society, and nature that go beyond the current polarization of progress vs. preservation and technology vs. nature... Human, Nature, Technology, Art, Record, Technique... Reflect, Appreciate...

****Bio****

Rodolfo “The South American Sensation” is an artist, cultural producer, and transdisciplinary researcher. He holds a Ph.D. in Visual Arts (2023) and a Master’s in Contemporary Art with a focus on Art and Technology from the University of Brasília - UnB (2019), with a sandwich period at the Department of World Arts and Cultures/Dance at the University of California, Los Angeles - UCLA (2022-2023), funded by CNPq. He also holds postgraduate degrees in International Relations from the Institute of International Relations IREL/UnB (2020) and Political Analysis and Public Policies from the Institute of Political Science - IPOL/UnB (2018). He pursued regular studies in Environmental Sciences, with a focus on Nature, Culture, and Society at the Federal University of Tocantins - UFT (2015). He is the author of the works “Art and Innovation in Times of Pandemic” (2023) and “Wawekrurê: Distinct Perspectives” (1st edition in 2015 and 2nd edition in 2019), both published by the Federal Senate Publishing House. He also contributed to the book “Narratives and Representations: Interdisciplinarity in Communication” published by the University of Tocantins Publishing House - EDUFT (2017) and organized the Cadernos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares Ceam/UnB editions 36, 37, 38, and 39 (2022). He served as the First Secretary of the Visual Artists Association of the State of Tocantins (Avisto) and was a member of the Culture Council of Palmas-TO Municipality. He has participated in over 40 exhibitions in Brazil and abroad.

Nouveau Modernisme : Couleur et Spiritualité Post-Humaine

Rodolfo Ward

Cet essai commence au Parque da Cidade, à Brasília, DF, considéré comme le plus grand parc urbain d'Amérique latine. C'était en mars 2020 et la pandémie venait de commencer au Brésil. Nous n'en savions pas beaucoup à ce sujet et ne la prenions pas au sérieux. Après avoir marché et réfléchi à la vie, j'ai décidé de photographier le Parque de Diversões, j'ai pris une photo avec mon téléphone portable de la grande roue en utilisant une vitesse d'obturation lente pour capturer plus de couleurs. Les nuages de pluie se formaient et le ciel était magnifique ; le contraste et l'intensité des couleurs ajoutaient du drame, les gens s'amusaient... On aurait dit qu'il n'y avait pas de tempête à venir. La suite de l'essai traite des mois qui ont suivi. Les nuages se sont refermés et une tempête soudaine a frappé Brasília. Personne n'était préparé. Le chaos a rapidement pris le dessus et la société a été confrontée à l'effondrement en raison du manque d'approvisionnement. Les frontières ont été fermées. Les gens ont cessé de penser au collectif, comme le dit le vieux proverbe : "si ma portion est petite, je la prends en premier"... Nous sommes entrés dans une période d'isolement et de chaos social. Personne n'était préparé à rester seul avec soi-même et à être séparé de sa fonction sociale.

Cet essai pandémique marque ma rénovation esthétique en tant que producteur d'images, créateur de récits visuels et fabricant de nouvelles réalités fantastiques. J'utilise la couleur comme un élément clé pour composer mes images, la saturation comme un attrait visuel et la composition dynamique de l'image pour guider le regard du spectateur vers différents points de l'image. Les couleurs dans les images ne sont pas celles vues par l'œil humain ni présentes dans ce plan. Ce sont des couleurs d'une réalité numérique, du cyberspace et du monde virtuel accessibles grâce à l'utilisation de l'ayahuasca. Les images sont produites par un téléphone portable et éditées dans les applications de retouche photo du téléphone lui-même, marquant ainsi cette transmutation post-humaine tout en étant en dialogue avec la photographie moderniste qui cherchait à "doter la photographie d'un projet artistique autonome conforme aux aspirations réformatrices de l'art moderne et à redéfinir les bases esthétiques par le biais d'expérimentations techniques spécifiques au médium" (Itaú Cultural, 2022). Le téléphone portable devient un co-auteur dans une perspective contemporaine. Le téléphone portable est désormais une extension du corps, des yeux, du cerveau, de la mémoire... C'est une prothèse qui fait partie du corps. Les photographies posent des questions qui vont au-delà de l'esthétique visuelle et s'enfoncent dans l'esthétique philosophique de notre époque. Aujourd'hui, l'homme est-il plus proche de la machine ou de la

nature ? L'intelligence artificielle des mégadonnées prédit-elle l'avenir ou écoute-t-elle simplement tout ce que nous disons et propose-t-elle de nouvelles métanarrations de vie basées sur des calculs ?

Nous voulons réfléchir au-delà de l'architecture. Le temps passé en confinement à la maison a été pour moi un moment de réflexion profonde et de création. Ce projet en est la preuve. Nous voulons remettre en question et sensibiliser le public à la nécessité de rechercher de nouveaux types de relations entre la technologie, l'art, la société et la nature qui dépassent la polarisation actuelle entre progrès et préservation, et entre technologie et nature... Humain, Nature, Technologie, Art, Enregistrement, Technique... Réfléchissez, Appréciez...

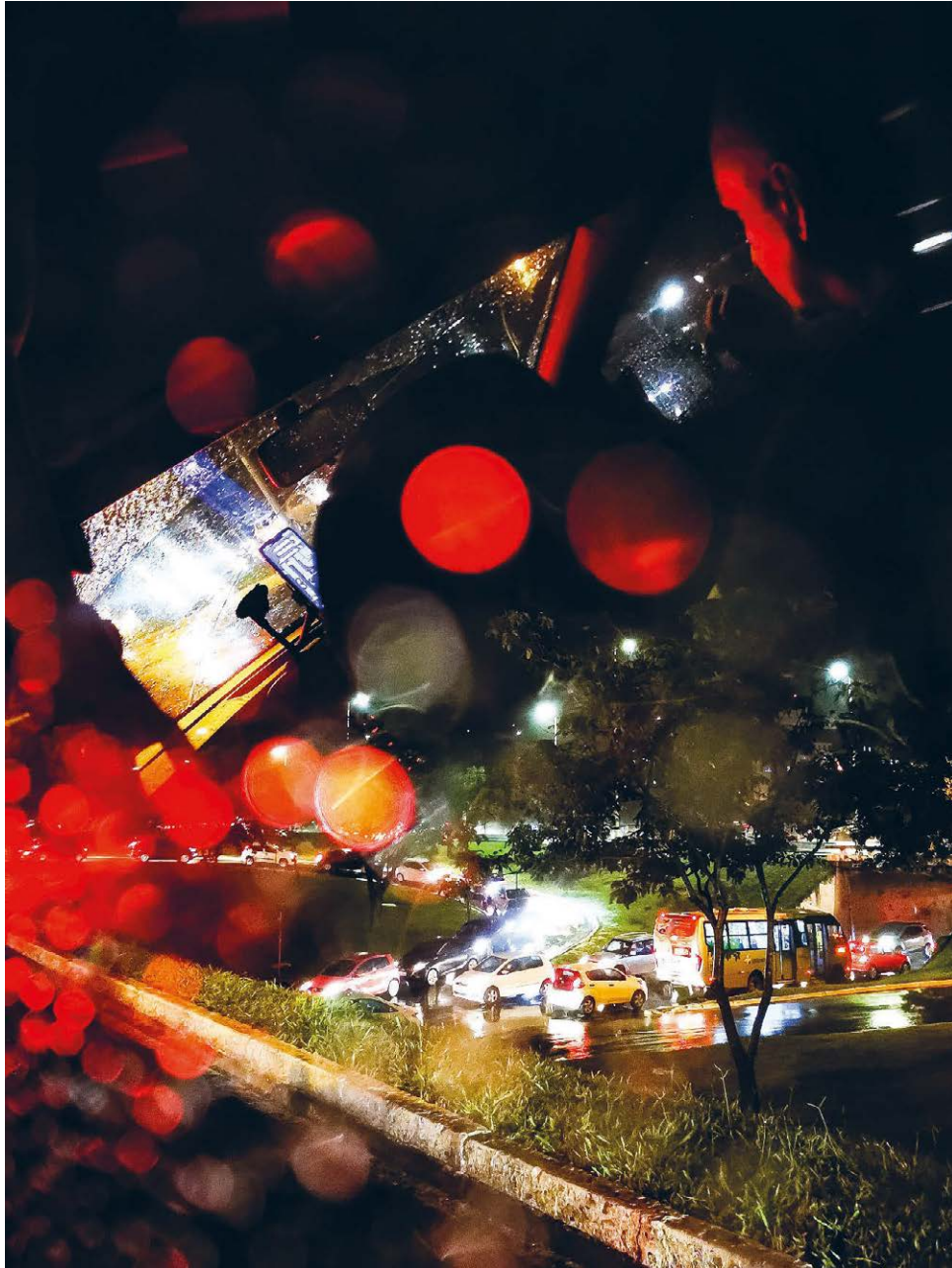
****Biographie****

Rodolfo “The South American Sensation” est artiste, producteur culturel et chercheur transdisciplinaire. Il est titulaire d'un doctorat en Arts Visuels (2023) et d'une maîtrise en Art Contemporain avec une spécialisation en Art et Technologie de l'Université de Brasília - UnB (2019), avec une période de bourse au Département des Arts du Monde et des Cultures/Danse de l'Université de Californie, Los Angeles - UCLA (2022-2023), financée par le CNPq. Il est également titulaire d'un diplôme de troisième cycle en Relations Internationales de l'Institut des Relations Internationales IREL/UnB (2020) et d'un diplôme de troisième cycle en Analyse Politique et Politiques Publiques de l'Institut de Science Politique - IPOL/UnB (2018). Il a suivi des études régulières en Sciences de l'Environnement, avec une spécialisation en Nature, Culture et Société à l'Université Fédérale de Tocantins - UFT (2015). Il est l'auteur des ouvrages “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” (2023) et “Wawekrurê: distintos olhares” (1re édition en 2015 et 2e édition en 2019), tous deux publiés par la maison d'édition du Sénat fédéral. Il a contribué au livre “Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação” publié par la maison d'édition de l'Université Fédérale de Tocantins - EDUFT (2017) et il est l'éditeur des Cahiers du Centre d'Études Avancées Multidisciplinaires Ceam/UnB numéros 36, 37, 38 et 39 (2022). Il a été le Premier Secrétaire de l'Association des Artistes Visuels de l'État de Tocantins (Avisto) et membre du Conseil de la Culture de la Municipalité de Palmas-TO. Il a participé à plus de 40 expositions au Brésil et à l'étranger.









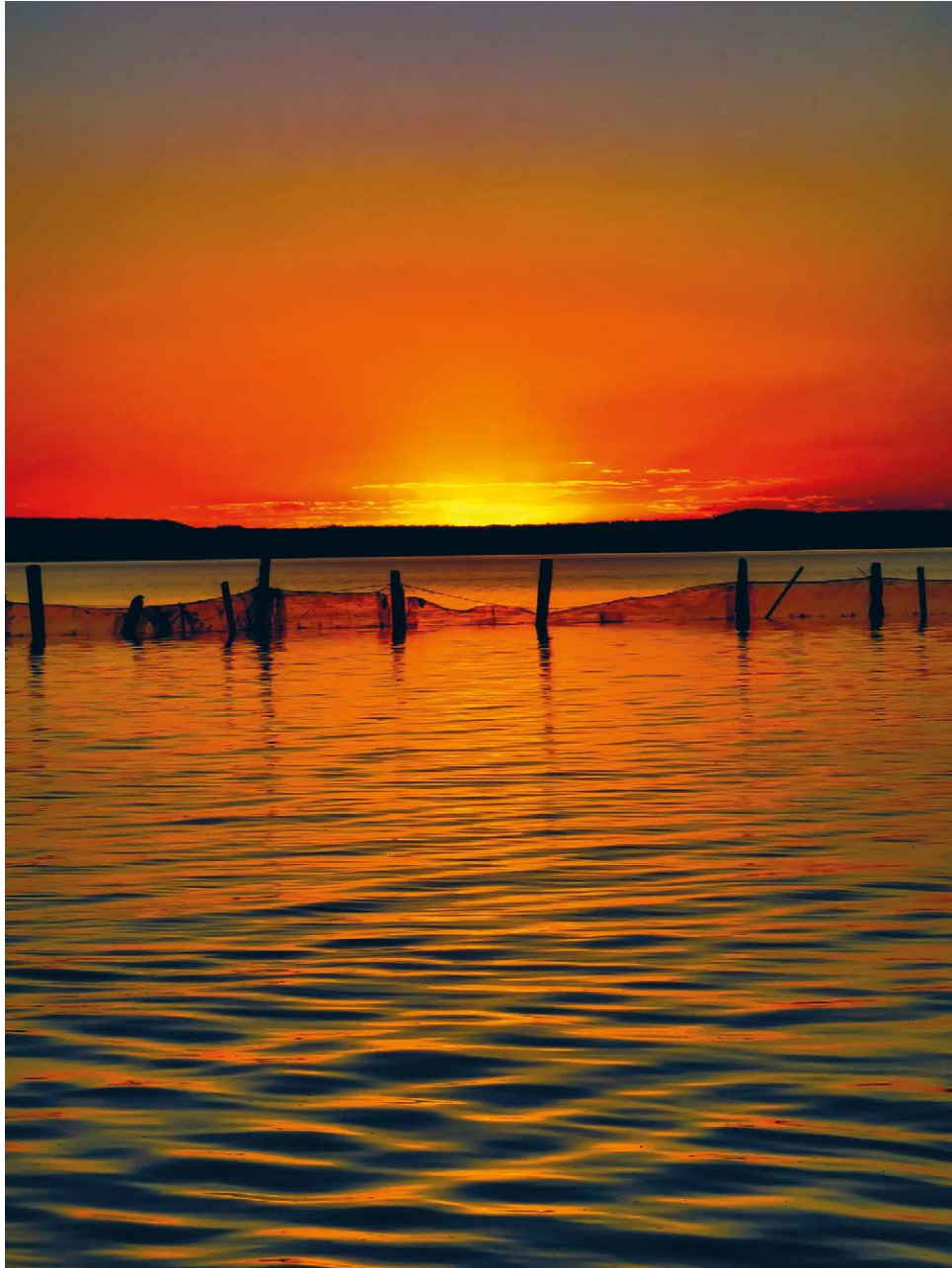




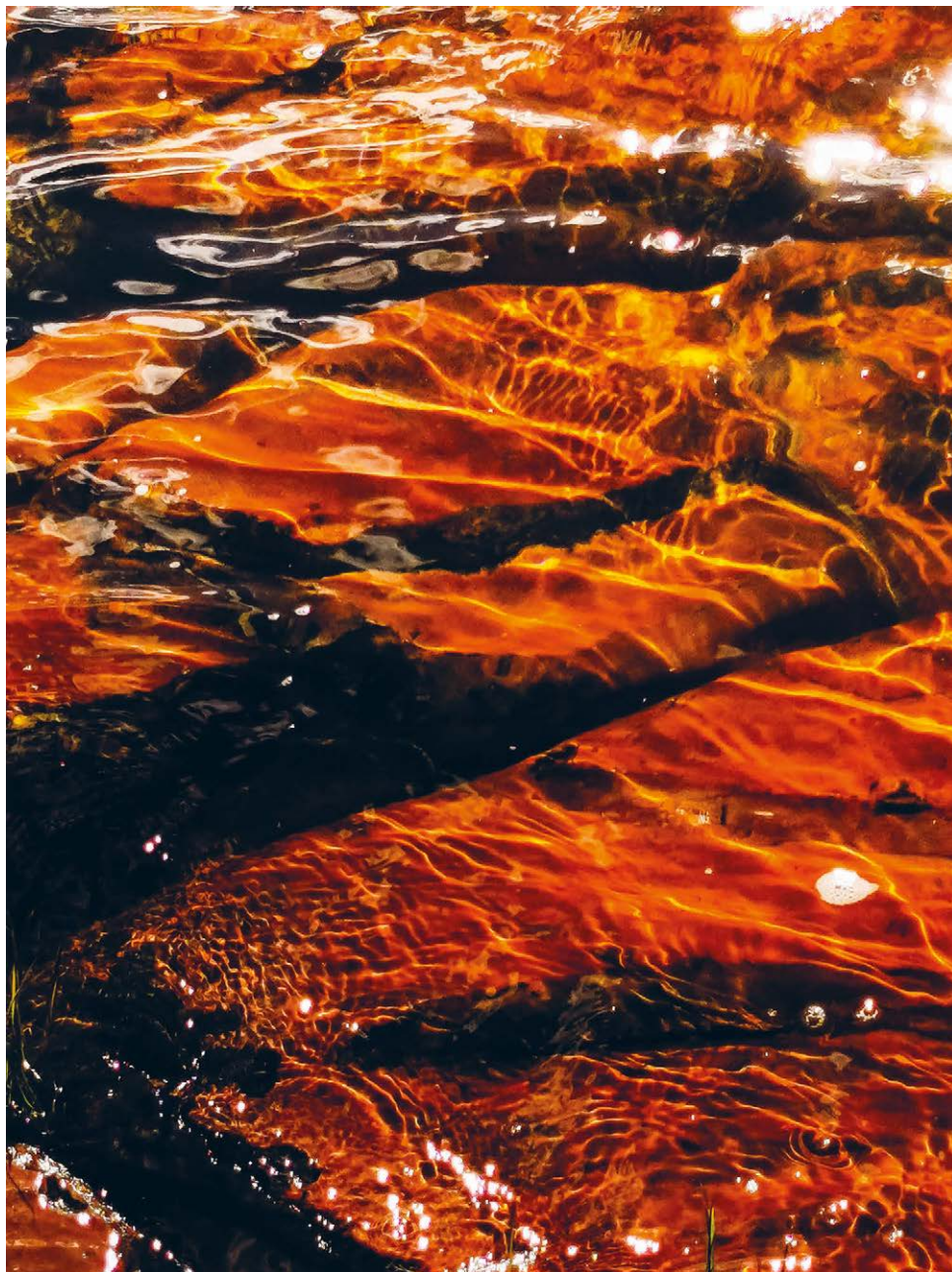


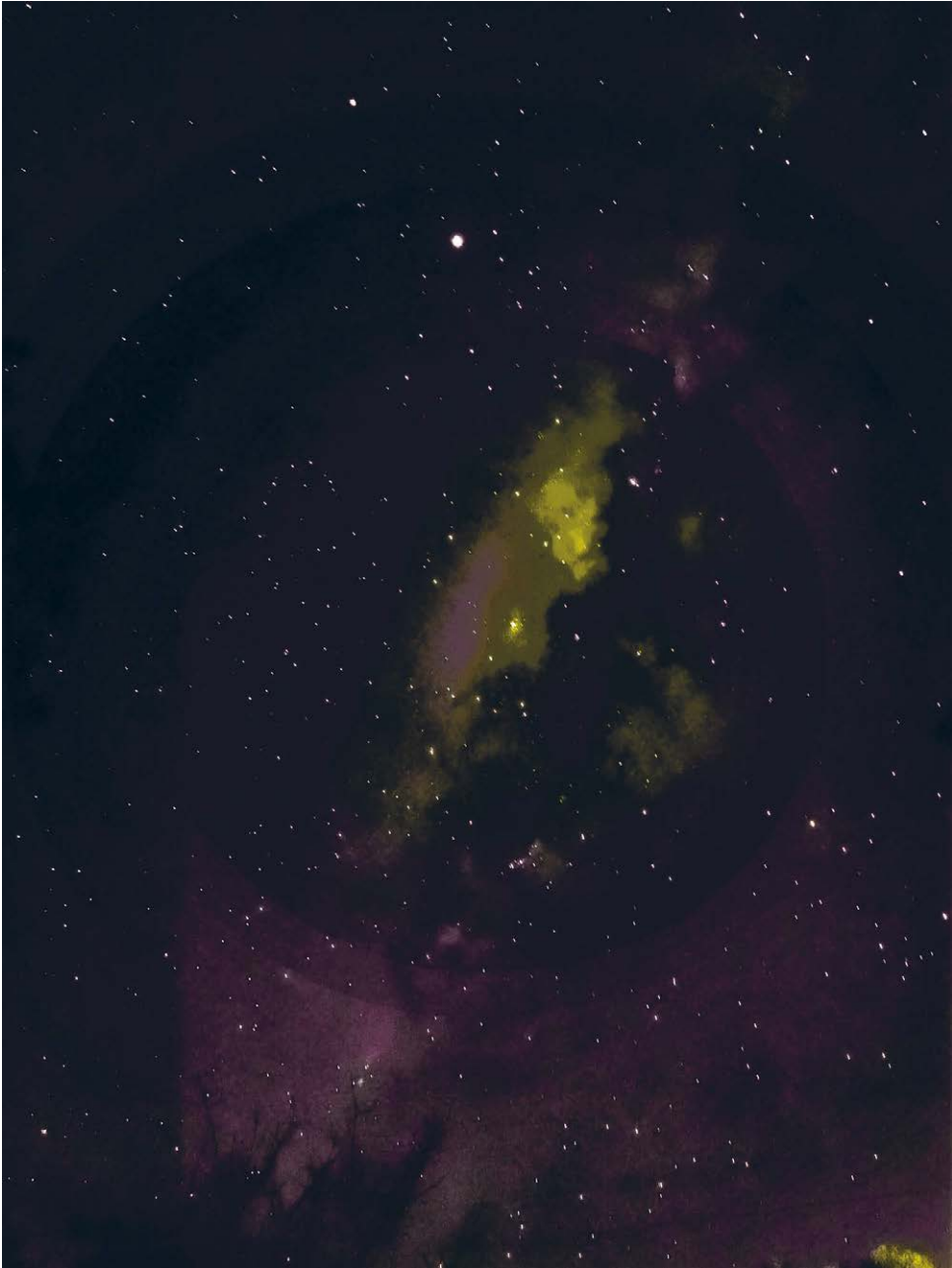












Arte Indígena Contemporânea

Daiara Tukano

Obras:

- > A criação do sol (2020), 21 x 29.7 cm, jenipapo em papel
- > A grande avó cria o mundo e nascem os cinco trovões na maloca do universo (2020), 21 x 29.7 cm, jenipapo em papel
- > Bela adormecida (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Dinari e o Jacamim (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Mani, minha raiz é mandioca (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Semente encantada (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > A mãe universal se banha no Lago de Leite (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel

Bio

Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na amazônia brasileira, nascida em São Paulo. Artista, ativista, educadora e comunicadora. Mestre em direitos humanos pela Universidade de Brasília - UnB; pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas; Coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil - www.radioyande.com . Estuda a cultura, história e espiritualidade tradicional de seu povo junto à sua família. Reside em Brasília, DF.

Contemporary Indigenous Art

Daiara Tukano

Artworks:

- > The creation of the sun (2020), 21 x 29.7 cm, genipap on paper
- > The great grandmother creates the world and the five thunderbolts are born in the maloca of the universe (2020), 21 x 29.7 cm, genipap on paper
- > Sleeping Beauty (2020), 21 x 29.7 cm, marker on paper
- > Dinari and the Jacamim (2020), 21 x 29.7 cm, marker on paper
- > Mani, my root is cassava (2020), 21 x 29.7 cm, marker on paper
- > Enchanted seed (2020), 21 x 29.7 cm, marker on paper
- > The universal mother bathes in the Lake of Milk (2020), 21 x 29.7 cm, marker on paper

Bio

Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, from the Tukano Indigenous people – Yé'pá Mahsã, Eremiri Hãusiro Parameri clan from the Upper Rio Negro in the Brazilian Amazon, born in São Paulo. Artist, activist, educator, and communicator. Master's degree in human rights from the University of Brasília - UnB; researches the right to memory and truth of Indigenous peoples; Coordinator of Rádio Yandê, the first Indigenous web radio in Brazil - www.radioyande.com. Studies the culture, history, and traditional spirituality of her people with her family. Resides in Brasília, DF.

Arte Indígena Contemporánea

Daiara Tukano

Obras de arte:

- > La creación del sol (2020), 21 x 29.7 cm, genipapé en papel
- > La bisabuela crea el mundo y nacen los cinco truenos en la maloca del universo (2020), 21 x 29.7 cm, genipapé en papel
- > La bella durmiente (2020), 21 x 29.7 cm, marcador en papel
- > Dinari y el Jacamim (2020), 21 x 29.7 cm, marcador en papel
- > Mani, mi raíz es la mandioca (2020), 21 x 29.7 cm, marcador en papel
- > Semilla encantada (2020), 21 x 29.7 cm, marcador en papel
- > La madre universal se baña en el Lago de Leche (2020), 21 x 29.7 cm, marcador en papel

Biografía

Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, del pueblo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clan Eremiri Hãusiro Parameri del Alto Río Negro en la Amazonia brasileña, nacida en São Paulo. Artista, activista, educadora y comunicadora. Maestría en derechos humanos por la Universidad de Brasilia - UnB; investiga el derecho a la memoria y la verdad de los pueblos indígenas; Coordinadora de Rádio Yandê, la primera radio web indígena de Brasil - www.radioyande.com. Estudia la cultura, historia y espiritualidad tradicional de su pueblo junto a su familia. Reside en Brasilia, DF.

Art Indigène Contemporain

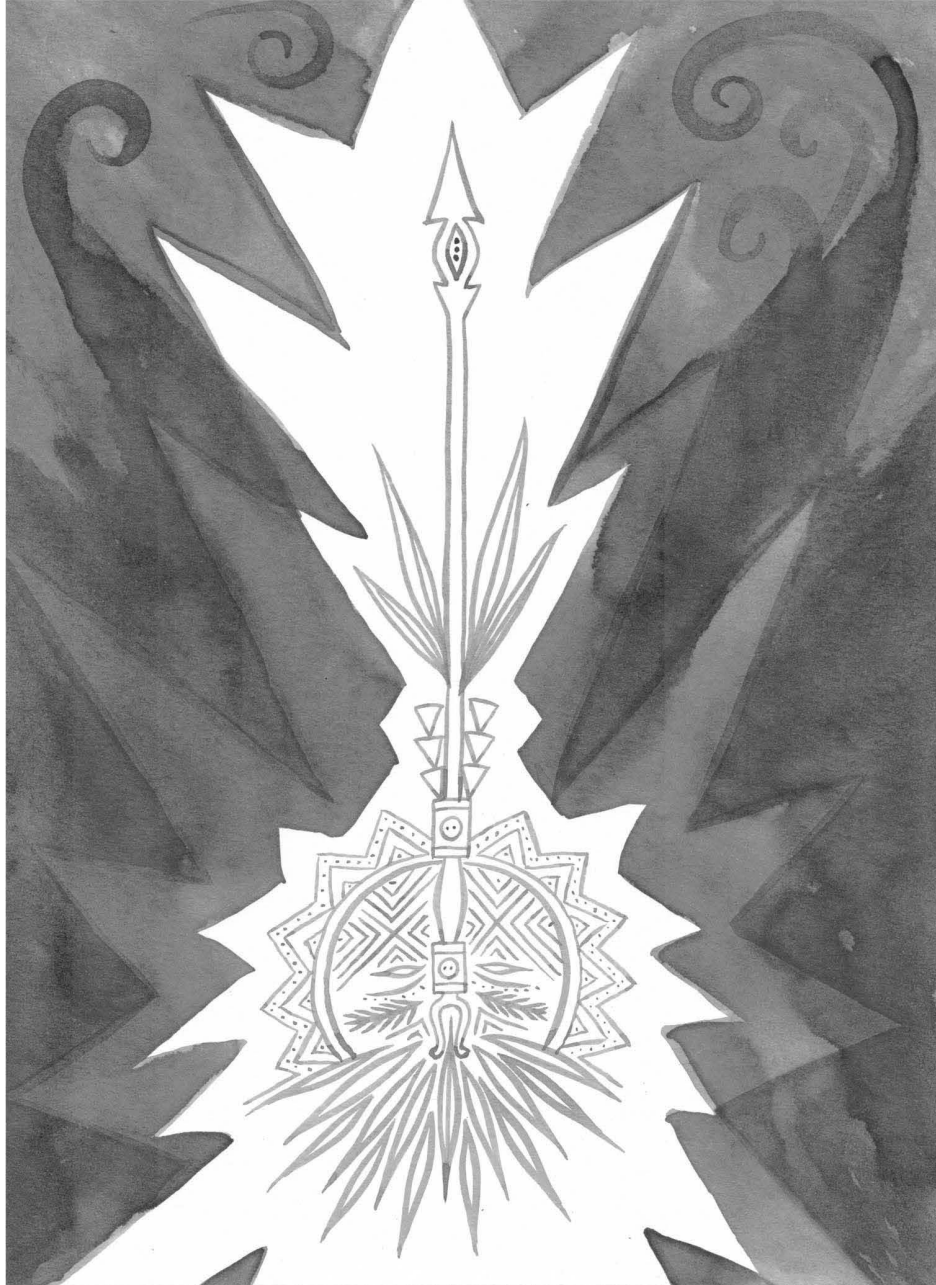
Daiara Tukano

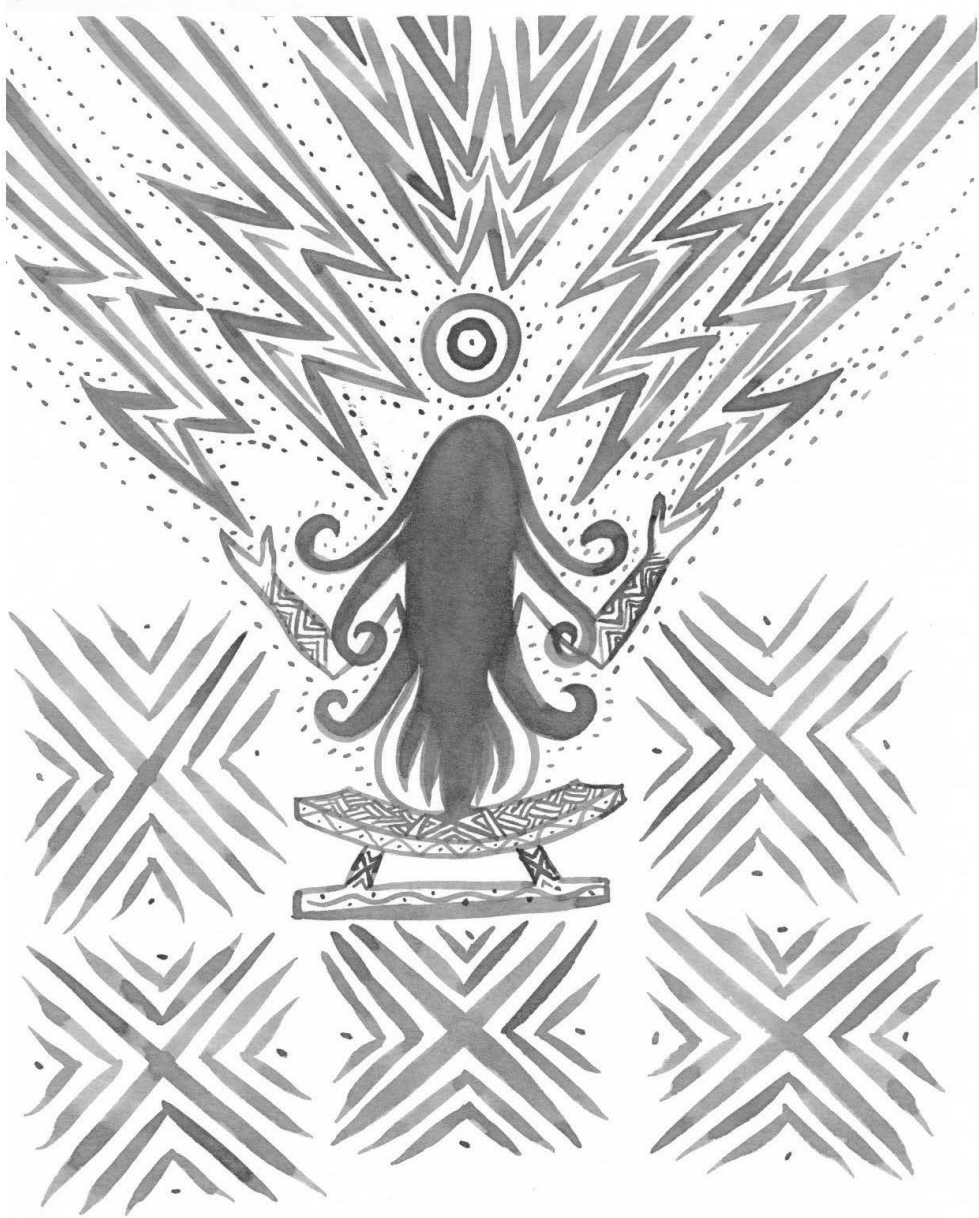
Œuvres d'art :

- > La création du soleil (2020), 21 x 29.7 cm, genipapé sur papier
- > L'arrière-grand-mère crée le monde et les cinq éclairs naissent dans la maloca de l'univers (2020), 21 x 29.7 cm, genipapé sur papier
- > La Belle au bois dormant (2020), 21 x 29.7 cm, marqueur sur papier
- > Dinari et le Jacamim (2020), 21 x 29.7 cm, marqueur sur papier
- > Mani, ma racine est le manioc (2020), 21 x 29.7 cm, marqueur sur papier
- > Graine enchantée (2020), 21 x 29.7 cm, marqueur sur papier
- > La mère universelle se baigne dans le Lac de Lait (2020), 21 x 29.7 cm, marqueur sur papier

Biographie

Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, du peuple indigène Tukano – Yé'pá Mahsã, clan Eremiri Hãusiro Parameri de l'Upper Rio Negro en Amazonie brésilienne, née à São Paulo. Artiste, militante, éducatrice et communicatrice. Maîtrise en droits de l'homme de l'Université de Brasília - UnB ; recherche sur le droit à la mémoire et à la vérité des peuples autochtones ; Coordinatrice de Rádio Yandê, la première webradio autochtone du Brésil - www.radioyande.com. Étudie la culture, l'histoire et la spiritualité traditionnelle de son peuple avec sa famille. Résidente à Brasília, DF.















Máscaras para rituais do mundo em crise

Denilson Baniwa

Os mais velhos dizem que o “Senhor das Doenças*” tem uma pelagem parecida com a do bicho-preguiça e quando encontra um espírito doente o abraça e sufoca até o luto, tal como um bicho-preguiça agarra numa embaubeira. Se nada for feito e o pajé não for forte o suficiente para negociar com o “Senhor das Doenças”, o espírito do doente se vai para sempre. Dizem que o mundo em que vivemos é decorrente das grandes guerras entre os seres humanos e o mundo natural. Tornamos este planeta um contraste do mundo dos Cosmos, por isso precisamos dos pajés, benzedores e todos aqueles que fazem a comunicação com o Universo, tornando assim a nossa vida segura neste planeta.

Porém, muitas vezes esquecemos que vivemos num lugar finito e que precisa de cuidados, negamos o bem viver e lidamos por muito tempo com a emancipação de sistemas de poder. Caímos em desventura e chegam até nós os sinais do “Senhor das Doenças”.

Com a chegada de nossos “descobridores” vieram novos desafios, doenças que não estávamos acostumados a ver. Mundos acabaram, povos foram extintos, aldeias que acabaram para sempre. Tivemos que aprender novos rituais e métodos para acalmar o Senhor das doenças. Antibióticos, vacinas, remédios em embalagens de plástico ou vidro pareceram boas pussangas. Mas, não o acalmaram. Este é o momento em que revivemos a crise pujante da dor. O Covid-19 por ser algo nunca visto, nos leva a criar novos rituais de cura e cuidados para que possamos acalmar novamente o Senhor das Doenças.

As máscaras sagradas que aprendemos com nossos Avós-Universo feitas de madeira, fibras, argila, cuias, penas de pássaros que serviram como lembrança do tempo da gênese e de respeito aos nossos criadores, são senhas de acesso para o Cosmos, o invisível, o sagrado, o sobrenatural, tão importantes para manter a ordem do caos, com o que alegamos e acalmamos o Universo, passam, hoje, por uma atualização nos vários povos indígenas. Fomos obrigados a usar máscaras cirúrgicas ou feitas de tecidos costurados, até então desconhecidas por nós para nos proteger do espírito da Covid-19 e claro, junto com as máscaras vieram as regras de como usá-las com

eficiência, pois não basta colocar a máscara no rosto é preciso saber as senhas de acesso aos modos de proteção. Uma atualização de firmware que o “Senhor das Doenças” nos disponibilizou.

Estes rituais hoje não vieram pelas bocas de nossos Avós, no mundo moderno chegam impressos em folhetos ou pela televisão, que também mostram como os rituais devem ser feitos passo-a-passo ao que também mostram o que acontece se não cumprirmos os rituais corretamente, não mais com metáforas e figuras de linguagem, mas com os vídeos dos mortos sendo enterrados em covas abertas às pressas. Aterrorador. Um horror! Não estávamos preparados. Mas, ainda há tempo para sobrevivermos.

Embora os rituais agora sejam quase como entregas de fé, temos chances. Lavar as mãos metodicamente, higienizar-se com álcool em gel 70% entre outros pequenos rituais que se fazem parte de uma regra a ser seguida obrigatoriamente.

Uma quarentena, nada de encontros sociais nem saídas de casa. Se não é casado e não mora junto, nada de sexo. Sem visitas aos parentes pro almoço de domingo, muito menos barzinho às sextas com o pessoal do trabalho. Mantenha uma alimentação saudável, beba água, faça exercícios. Mantenha sua imunidade boa. Para uma proteção maior, usem máscaras sempre. Máscaras de rituais do mundo em crise.

Que o Senhor das Doenças veja que estamos cumprindo todos os rituais e possa se acalmar logo e nosso povo sobreviverá a mais este fim de mundo.

*“Senhor das Doenças” é uma tradução para português que uso aqui como proteção espiritual, não quero que Ele saiba que estou falando seu nome por aí sem permissão.

Bio

Denilson Baniwa, nasceu em Mariuá, Rio Negro, Amazonas. É indígena, comunicador e artista parido no Movimento Indígena Amazônico. Em trânsito pelos mundos experimenta seus processos artísticos e a partir da antropofagia e autofagia da arte busca o entendimento do Outro, seja ele humano ou não.

****Masks for Rituals in a World in Crisis****

****Denilson Baniwa****

The elders say that the “Lord of Diseases*” has fur similar to that of a sloth, and when it encounters a sick spirit, it embraces and suffocates it like a sloth clings to an embaubeira tree. If nothing is done, and the shaman is not strong enough to negotiate with the “Lord of Diseases,” the spirit of the sick person will be gone forever. They say that the world we live in is the result of the great wars between humans and the natural world. We have turned this planet into a contrast to the Cosmos, which is why we need shamans, healers, and all those who communicate with the Universe, making our lives safe on this planet.

However, we often forget that we live in a finite place that needs care. We deny the good life and deal with the emancipation of power systems for a long time. We fall into misfortune, and the signs of the “Lord of Diseases” come to us.

With the arrival of our “discoverers,” new challenges arose, diseases we were not used to seeing. Worlds ended, peoples were extinct, villages that disappeared forever. We had to learn new rituals and methods to appease the Lord of Diseases. Antibiotics, vaccines, medicines in plastic or glass containers seemed like good magic spells. But they didn’t calm him. This is the moment when we relive the thriving crisis of pain. Covid-19, being something never seen before, leads us to create new rituals of healing and care so that we can calm the Lord of Diseases once again.

The sacred masks that we learned from our Universe-Grandparents, made of wood, fibers, clay, gourds, bird feathers, which served as a reminder of the time of genesis and respect for our creators, are access codes to the Cosmos, the invisible, the sacred, the supernatural, so important to maintain the order of chaos, with which we delight and calm the Universe. Today, these masks undergo an update in various indigenous communities. We were forced to wear surgical masks or masks made of sewn fabrics, hitherto unknown to us, to protect ourselves from the spirit of Covid-19. Of course, with the masks came the rules on how to use them effectively, as putting on a mask is not enough; you need to know the access codes to the modes of protection. A firmware update that the “Lord of Diseases” made available to us.

These rituals today do not come from the mouths of our Grandparents; in the modern world, they arrive printed on leaflets or through television, which also show how the rituals should be performed step by step, and they also show what happens if we do not follow the rituals correctly, no longer with metaphors and figures of speech, but with videos of the dead being hastily buried in graves. Terrifying. Horrifying! We were not prepared. But there is still time for us to survive.

Although the rituals are now almost like acts of faith, we have a chance. Methodically wash your hands, sanitize with 70% alcohol gel, among other small rituals that are part of a mandatory rule to be followed.

Quarantine, no social gatherings or leaving the house. If you are not married and do not live together, no sex. No visits to relatives for Sunday lunch, let alone going to the bar on Fridays with your coworkers. Maintain a healthy diet, drink water, exercise. Keep your immunity strong. For greater protection, always wear masks. Masks for rituals in a world in crisis.

May the Lord of Diseases see that we are following all the rituals, and may He calm down soon, and our people will survive yet another world's end.

*"Lord of Diseases" is a translation into Portuguese that I use here for spiritual protection; I don't want Him to know that I'm mentioning His name without permission.

Bio

Denilson Baniwa was born in Mariuá, Rio Negro, Amazonas. He is an indigenous communicator and artist born in the Amazon Indigenous Movement. In transit through different worlds, he experiences his artistic processes and, through the cannibalism and self-cannibalism of art, seeks to understand the Other, whether human or not.

Máscaras para Rituales en un Mundo en Crisis

Denilson Baniwa

Los ancianos dicen que el “Señor de las Enfermedades*” tiene un pelaje similar al del perezoso y que cuando encuentra un espíritu enfermo, lo abraza y lo sofoca como un perezoso se aferra a una embaubeira.

Si no se hace nada y el chamán no es lo suficientemente fuerte para negociar con el “Señor de las Enfermedades”, el espíritu del enfermo se irá para siempre. Dicen que el mundo en el que vivimos es el resultado de las grandes guerras entre los seres humanos y el mundo natural. Hemos convertido este planeta en un contraste con el Cosmos, por eso necesitamos chamanes, sanadores y todos aquellos que se comunican con el Universo, haciendo que nuestras vidas estén seguras en este planeta.

Sin embargo, a menudo olvidamos que vivimos en un lugar finito que necesita cuidados. Negamos la buena vida y lidiamos durante mucho tiempo con la emancipación de los sistemas de poder. Caemos en la desgracia y nos llegan las señales del “Señor de las Enfermedades”.

Con la llegada de nuestros “descubridores”, surgieron nuevos desafíos, enfermedades a las que no estábamos acostumbrados a ver. Mundos terminaron, pueblos fueron extinguidos, aldeas que desaparecieron para siempre. Tuvimos que aprender nuevos rituales y métodos para apaciguar al Señor de las Enfermedades. Los antibióticos, las vacunas, los medicamentos en envases de plástico o vidrio parecían buenos hechizos mágicos. Pero no lo calmaron. Este es el momento en el que revivimos la crisis floreciente del dolor. Covid-19, al ser algo nunca antes visto, nos lleva a crear nuevos rituales de curación y cuidado para que podamos calmar al Señor de las Enfermedades una vez más.

Las máscaras sagradas que aprendimos de nuestros Abuelos-Universo, hechas de madera, fibras, arcilla, calabazas, plumas de aves, que servían como un recordatorio de la época de la génesis y del respeto a nuestros creadores, son códigos de acceso al Cosmos, a lo invisible, a lo sagrado, a lo sobrenatural, tan importantes para mantener el orden del caos, con lo que deleitamos y calmamos al Universo. Hoy, estas máscaras se someten a una actualización en varias comunidades indígenas. Nos vimos obligados a usar mascarillas quirúrgicas o mascarillas de

tela cosidas, hasta ahora desconocidas para nosotros, para protegernos del espíritu de Covid-19. Por supuesto, con las mascarillas vienen las reglas sobre cómo usarlas correctamente, ya que no basta con ponerse una máscara en el rostro; es necesario conocer los códigos de acceso a los modos de protección. Una actualización de firmware que el “Señor de las Enfermedades” puso a nuestra disposición.

Hoy en día, estos rituales no provienen de las bocas de nuestros Abuelos; en el mundo moderno, llegan impresos en folletos o a través de la televisión, que también muestran cómo deben realizarse los rituales paso a paso, y también muestran lo que sucede si no seguimos los rituales correctamente, ya no con metáforas y figuras retóricas, sino con videos de los muertos siendo enterrados apresuradamente en tumbas. Aterrador. ¡Horroroso! No estábamos preparados. Pero todavía hay tiempo para que sobrevivamos.

Aunque los rituales hoy son casi como actos de fe, tenemos una oportunidad. Lávese las manos metódicamente, desinfectese con gel de alcohol al 70%, entre otros pequeños rituales que forman parte de una regla obligatoria que debe seguirse.

Cuarentena, sin reuniones sociales ni salir de casa. Si no está casado y no vive junto, no hay sexo. No visite a los parientes para el almuerzo del domingo, y mucho menos vaya al bar los viernes con sus compañeros de trabajo. Mantenga una dieta saludable, beba agua, haga ejercicio. Mantenga su inmunidad fuerte. Para una mayor protección, use siempre mascarillas. Máscaras para rituales en un mundo en crisis.

Que el Señor de las Enfermedades vea que estamos siguiendo todos los rituales y que se calme pronto, y nuestro pueblo sobrevivirá a otro fin del mundo.

“Señor de las Enfermedades” es una traducción al portugués que utilizo aquí para protección espiritual; no quiero que Él sepa que estoy mencionando Su nombre sin permiso.

****Bio****

Denilson Baniwa, nació en Mariuá, Río Negro, Amazonas. Es indígena, comunicador y artista nacido en el Movimiento Indígena Amazónico. En tránsito por diferentes mundos, experimenta sus procesos artísticos y, a través de la antropofagia y autofagia del arte, busca comprender al Otro, ya sea humano o no.

Des Masques pour les Rituels dans un Monde en Crise

Denilson Baniwa

Les anciens disent que le “Seigneur des Maladies*” a une fourrure similaire à celle du paresseux et qu’il étreint et étouffe un esprit malade comme un paresseux s’accroche à un embaubeira. Si rien n’est fait et que le chamane n’est pas assez fort pour négocier avec le “Seigneur des Maladies”, l’esprit du malade partira pour toujours. On dit que le monde dans lequel nous vivons est le résultat des grandes guerres entre les êtres humains et le monde naturel. Nous avons transformé cette planète en un contraste avec le Cosmos, c’est pourquoi nous avons besoin de chamans, de guérisseurs et de tous ceux qui communiquent avec l’Univers, ce qui rend nos vies sûres sur cette planète.

Cependant, nous oublions souvent que nous vivons dans un endroit fini qui a besoin de soins. Nous refusons la vie bonne et nous luttons depuis longtemps pour l’émancipation des systèmes de pouvoir.

Nous tombons dans le malheur et les signaux du “Seigneur des Maladies” nous parviennent. Avec l’arrivée de nos “découvreurs”, de nouveaux défis sont apparus, des maladies que nous n’avions pas l’habitude de voir. Des mondes se sont terminés, des peuples ont été exterminés, des villages ont disparu pour toujours. Nous avons dû apprendre de nouveaux rituels et méthodes pour apaiser le Seigneur des Maladies. Les antibiotiques, les vaccins, les médicaments en plastique ou en verre semblaient être de bons sorts magiques. Mais cela ne l’a pas apaisé. C’est le moment où nous revivons la crise florissante de la douleur. Covid-19, étant quelque chose d’inédit, nous amène à créer de nouveaux rituels de guérison et de soins pour apaiser à nouveau le Seigneur des Maladies.

Les masques sacrés que nous avons appris de nos Grands-Parents-Univers, fabriqués en bois, en fibres, en argile, en Calebasses, en plumes d’oiseaux, qui servaient de rappel de l’époque de la genèse et du respect envers nos créateurs, sont des codes d’accès au Cosmos, à l’invisible, au sacré, au surnaturel, si importants pour maintenir l’ordre du chaos, avec ce que nous réjouissons et apaisons l’Univers.

Aujourd'hui, ces masques font l'objet d'une mise à jour dans différentes communautés indigènes. Nous avons été contraints d'utiliser des masques chirurgicaux ou des masques en tissu cousus, jusqu'alors inconnus de nous, pour nous protéger de l'esprit du Covid-19. Bien sûr, avec les masques viennent les règles sur la façon de les utiliser correctement, car il ne suffit pas de mettre un masque sur le visage; il faut connaître les codes d'accès aux modes de protection. Une mise à jour du micrologiciel que le "Seigneur des Maladies" nous a mise à disposition.

Aujourd'hui, ces rituels ne proviennent pas de la bouche de nos Grands-Parents; dans le monde moderne, ils sont imprimés dans des brochures ou diffusés à la télévision, qui montrent également comment les rituels doivent être réalisés étape par étape, et montrent également ce qui se passe si nous ne suivons pas correctement les rituels, non plus avec des métaphores et des figures de style, mais avec des vidéos de morts enterrés à la hâte. Terrifiant. Horrible ! Nous n'étions pas préparés. Mais il est encore temps pour nous de survivre.

Bien que les rituels d'aujourd'hui ressemblent presque à des actes de foi, nous avons une chance. Lavez-vous les mains méthodiquement, désinfectez-vous avec un gel alcoolisé à 70 %, entre autres petits rituels qui font partie d'une règle obligatoire à suivre.

Quarantaine, pas de réunions sociales ni de sorties de la maison. Si vous n'êtes pas marié et ne vivez pas ensemble, pas de sexe. Pas de visites aux parents pour le déjeuner du dimanche, et encore moins de sortie au bar le vendredi avec vos collègues de travail. Maintenez une alimentation saine, buvez de l'eau, faites de l'exercice. Gardez une bonne immunité. Pour une protection accrue, portez toujours un masque. Masques pour les rituels dans un monde en crise.

Que le Seigneur des Maladies voie que nous suivons tous les rituels et puisse se calmer bientôt, et notre peuple survivra à une autre fin du monde.

* Le "Seigneur des Maladies" est une traduction en portugais que j'utilise ici pour la protection spirituelle; je ne veux pas qu'Il sache que je prononce Son nom sans permission.

****Biographie****

Denilson Baniwa, est né à Mariuá, dans le Rio Negro, en Amazonie. Il est autochtone, communicateur et artiste né au sein du Mouvement Indigène Amazonien. En transit à travers différents mondes, il expérimente ses processus artistiques et, grâce à l'anthropophagie et l'autophagie de l'art, cherche à comprendre l'Autre, qu'il soit humain ou non.

Obras:

Conselho dos 3 Pajés para depois da Pandemia
Xilogravura sobre Canson
Tamanho A3
Ano 2020

Yakaré - Tapuya
Infogravura
Tamanhos Variáveis
Ano 2021

Maracajá
Acrilica sobre tela
40x50cm
Ano 2021

Tudo é Gente
Acrilica sobre impressão fotográfica de
gravura do Rugendas
22x25cm
Ano 2021

Um rezo para sair de casa
Acrilica sobre tela
50x70cm
Ano 2020

Mártires Indígenas 2
Acrilica sobre tela
100x100cm
Ano 2021

Danse de sauvages de la mission de St. José
Colagem Digital
Tamanhos Variáveis
Ano 2021

Vacina para todos
Acrilica sobre tela
40x50cm
Ano 2021

Caçadores de Ficções Coloniais
Infogravura
Tamanhos Variáveis
Ano 2021

Máscaras para rituais do mundo em crise N 03
Fotografia
Tamanhos Variáveis
Ano 2020



DENILSON BANWA
2020



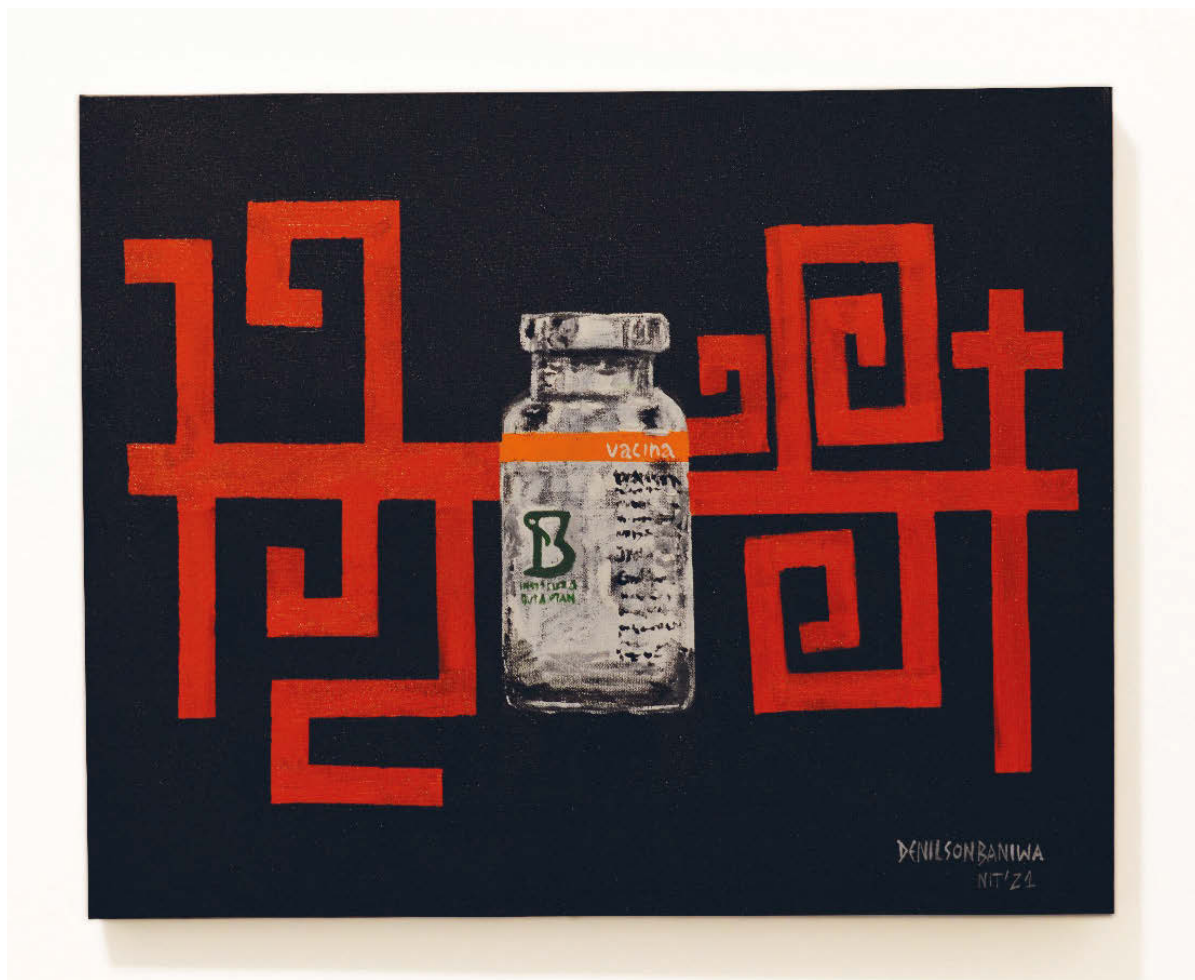




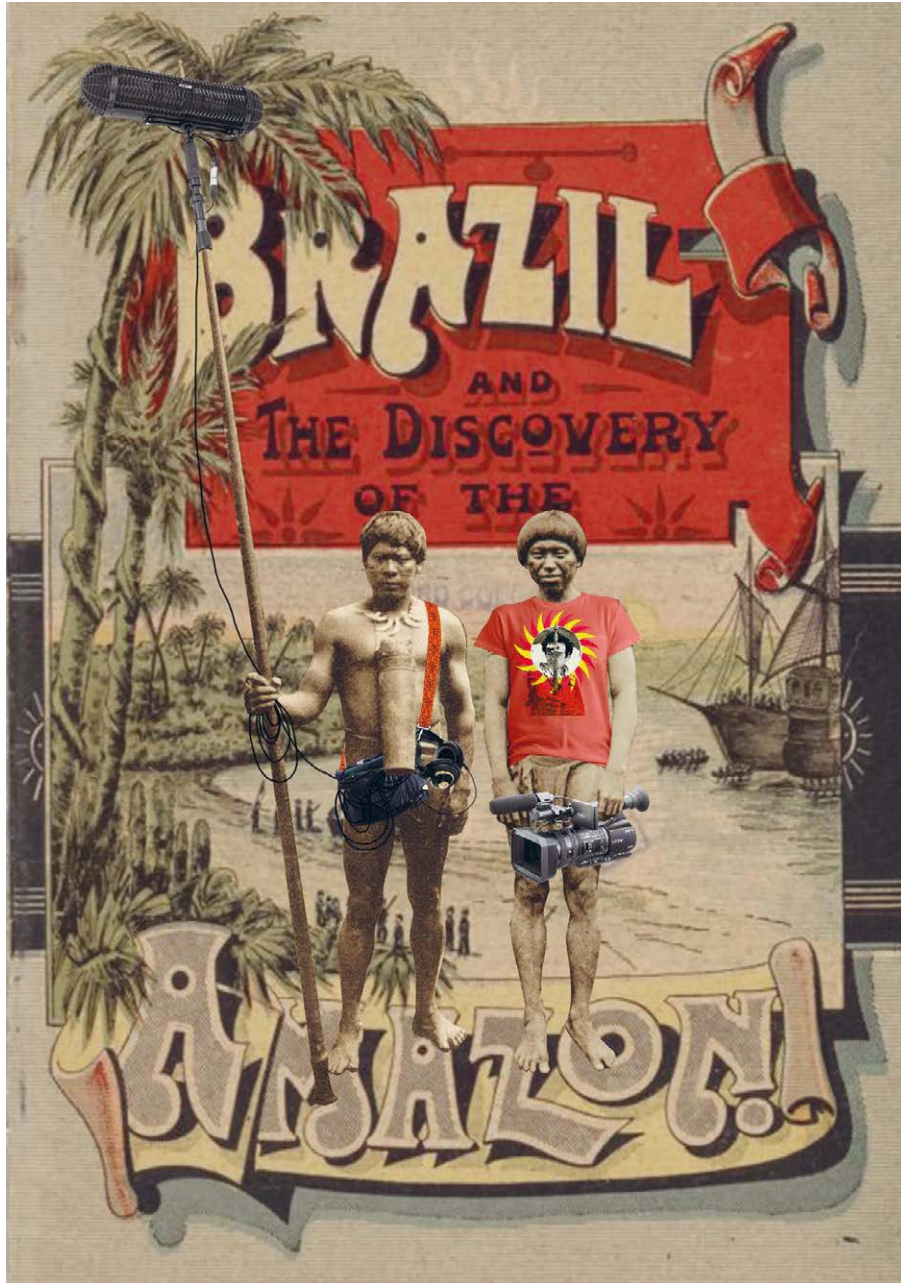




DANSE DE SAUVAGES DE LA MISSION DE S. JOSÉ.







“Desgaste”

Ester Cruz (nascida em 1998) é Fotógrafa, Diretora de Fotografia, Produtora e Web designer que reside em Brasília. Formada em Fotografia no Instituto Iesb, tem seu trabalho focado na estética negra, seus retratos são usados como uma busca para desenvolver um novo olhar ao negro, de uma forma além dos estereótipos e dando ênfase aos detalhes de cada especificidade da pele negra.

“Wear and Tear”

Ester Cruz (born in 1998) is a Photographer, Director of Photography, Producer, and Web Designer residing in Brasília. Graduated in Photography from the Iesb Institute, her work focuses on black aesthetics. Her portraits are used as an exploration to develop a new perspective on blackness, going beyond stereotypes and emphasizing the details of each specific aspect of black skin.

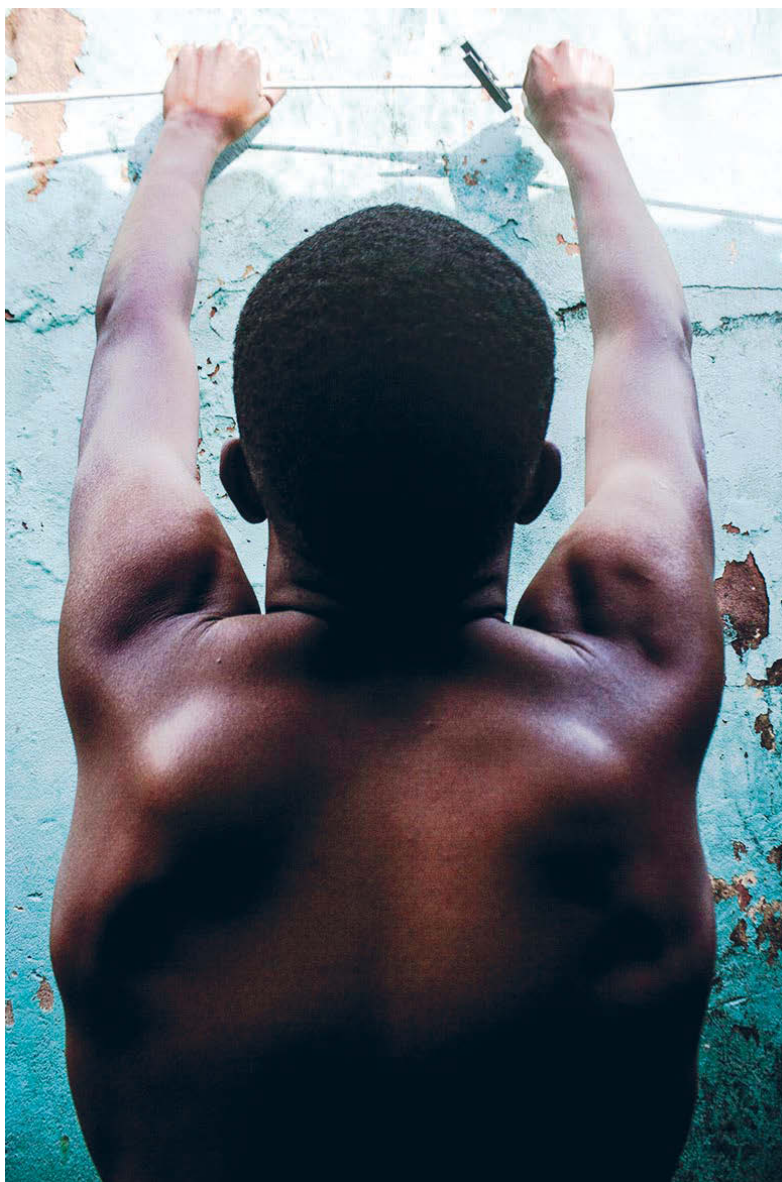
“Desgaste”

Ester Cruz (nacida en 1998) es una fotógrafa, directora de fotografía, productora y diseñadora web que reside en Brasilia. Graduada en Fotografía por el Instituto Iesb, su trabajo se centra en la estética negra. Sus retratos se utilizan como una exploración para desarrollar una nueva perspectiva sobre la negritud, yendo más allá de los estereotipos y enfatizando los detalles de cada aspecto específico de la piel negra.

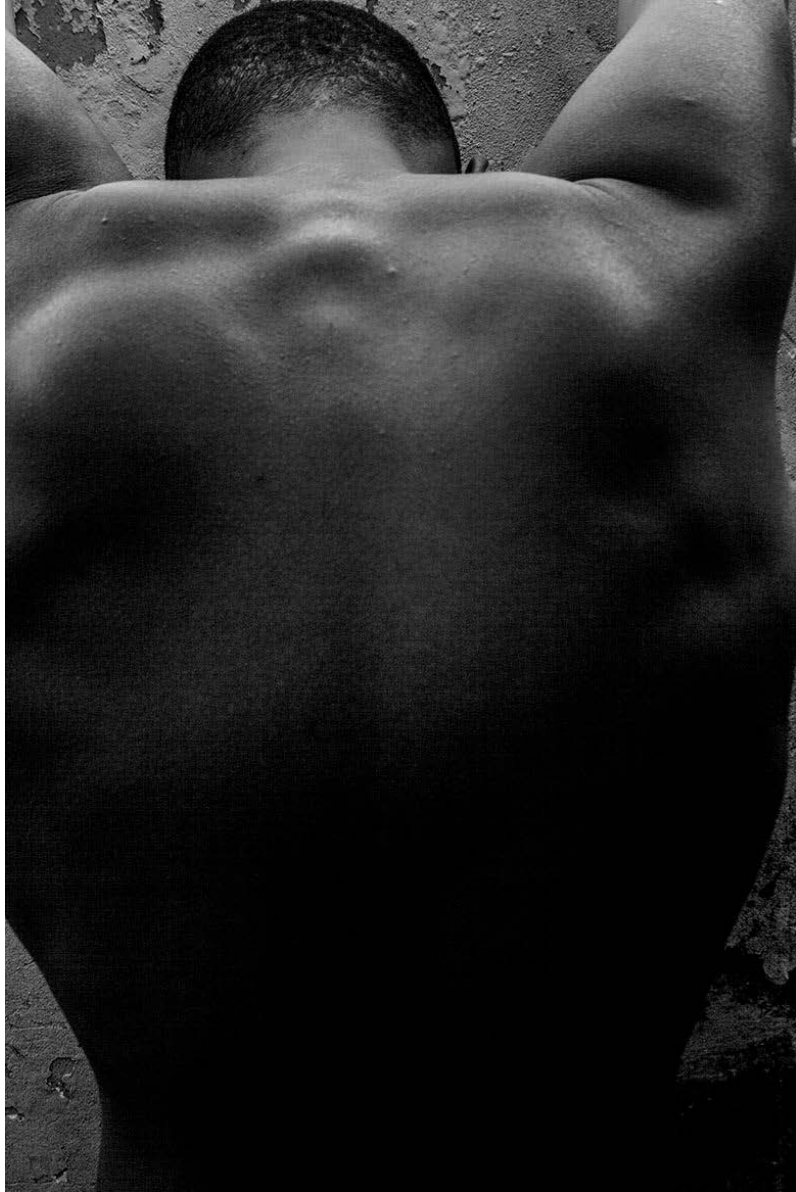
“Usure”

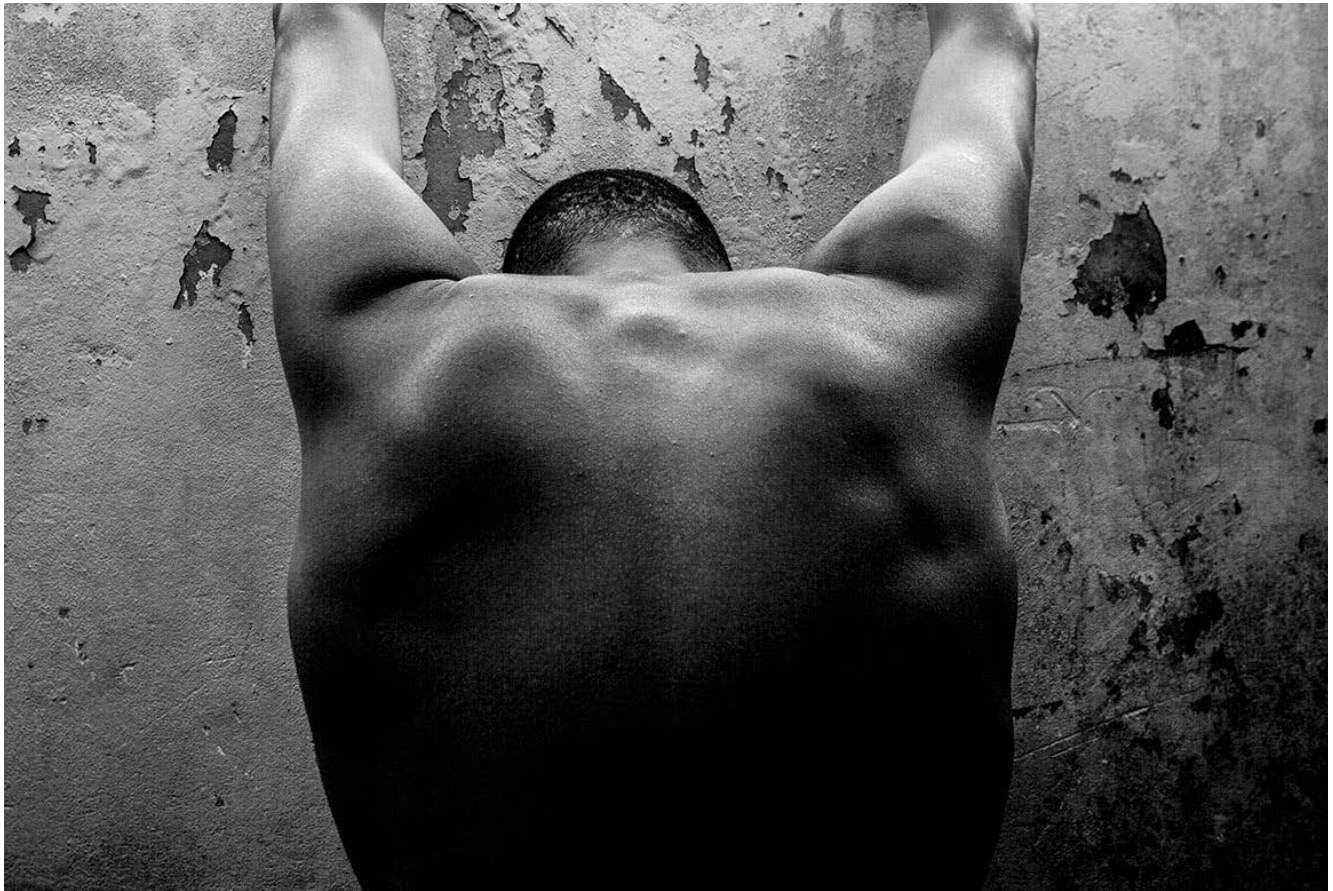
Ester Cruz (née en 1998) est photographe, directrice de la photographie, productrice et conceptrice web résidant à Brasília. Diplômée en photographie de l’Institut Iesb, son travail se concentre sur l’esthétique noire. Ses portraits sont utilisés comme une exploration pour développer une nouvelle perspective sur la noirceur, allant au-delà des stéréotypes et mettant l’accent sur les détails de chaque aspect spécifique de la peau noire.







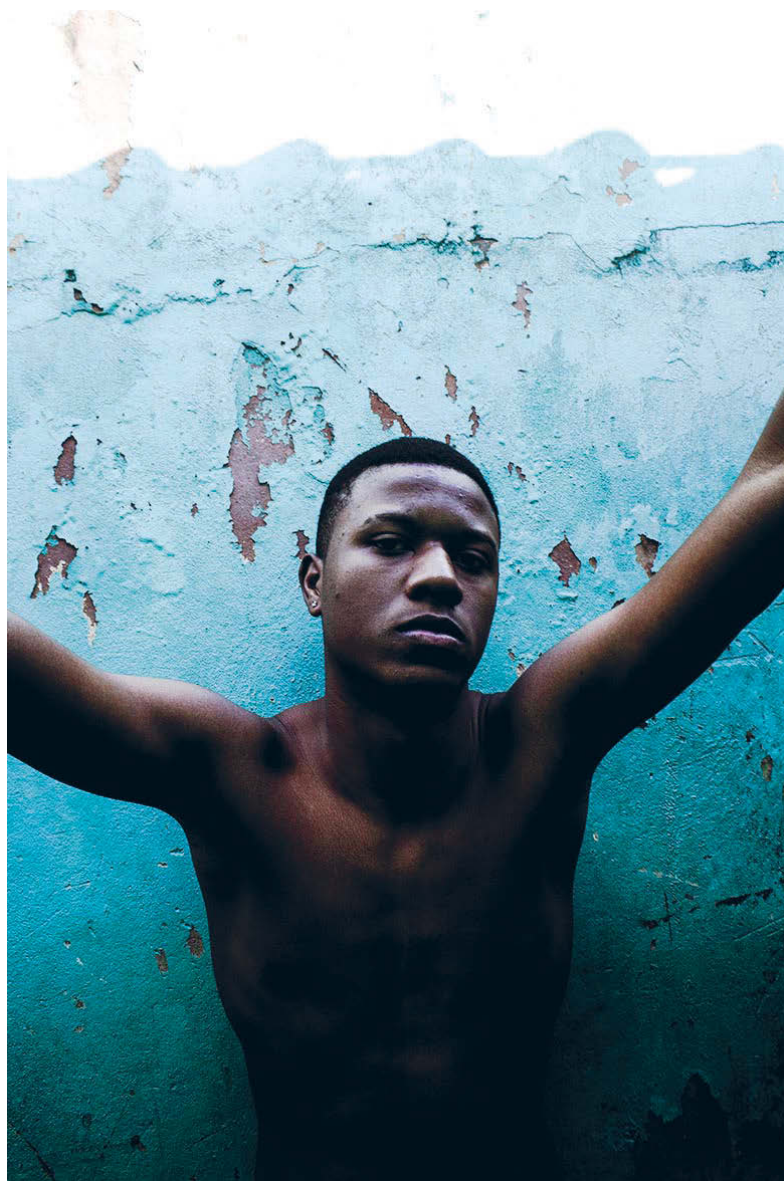












Folclore Afroamerindio e a Vida Cotidiana

Jackeline Romio

Foto 1. Laços de família. (2021)
Apresenta o bordado de mãe e filha.
Acrílico, folha de ouro e verniz, 30x40.

Foto 2. Altar dos mortos brasileiros por COVID-19 (2021)
Em homenagem às 600 mil vítimas de Covid-19 no Brasil.
Acrílico, folha de ouro e verniz, 30x40.

Foto 3. Mandala (2021)
Corpo feminino nas suas simetrias.
Acrílico, 30x40.

Foto 4. Vacina e Jacaré (2021)
Reflexão sobre a vacina no Brasil.
Acrílico, 30x40.

Foto 5. Iniciação (2020)
Nascimento do yahô de Shango.
Acrílico, 30x40.

Foto 6. Afrolatino-americanas (2020)
Meninas e mulheres Afro Latinoamericanas
Acrílico, 30x40.

Foto 7. Dias de veraneio (2021)
Felicidade na praia quando acabar o COVID-19.
Acrílico, 30x40.

Foto 8. Love computation S2 (2021)
Amor em tempos cibernéticos.
Acrílico, 30x40.

Foto 9. One love (2021)
Amor na praia deserta.
Acrílico, 30x40

Foto 10. Chinelo vermelho (2021)
Retrato do príncipe da altivez.
Acrílico, 30x40.

Foto 11. Indígena urbano (2021)
Retrato do homem de origem indígena da cidade.
Acrílico, 30x40.

Jackeline Romio é pintora, escritora e doutora em demografia. No campo das artes expressa através de desenhos em tela e grafite em muros a suas memórias de mulher afro-brasileira. É apaixonada pelo folclore afroamerindio e a vida cotidiana.











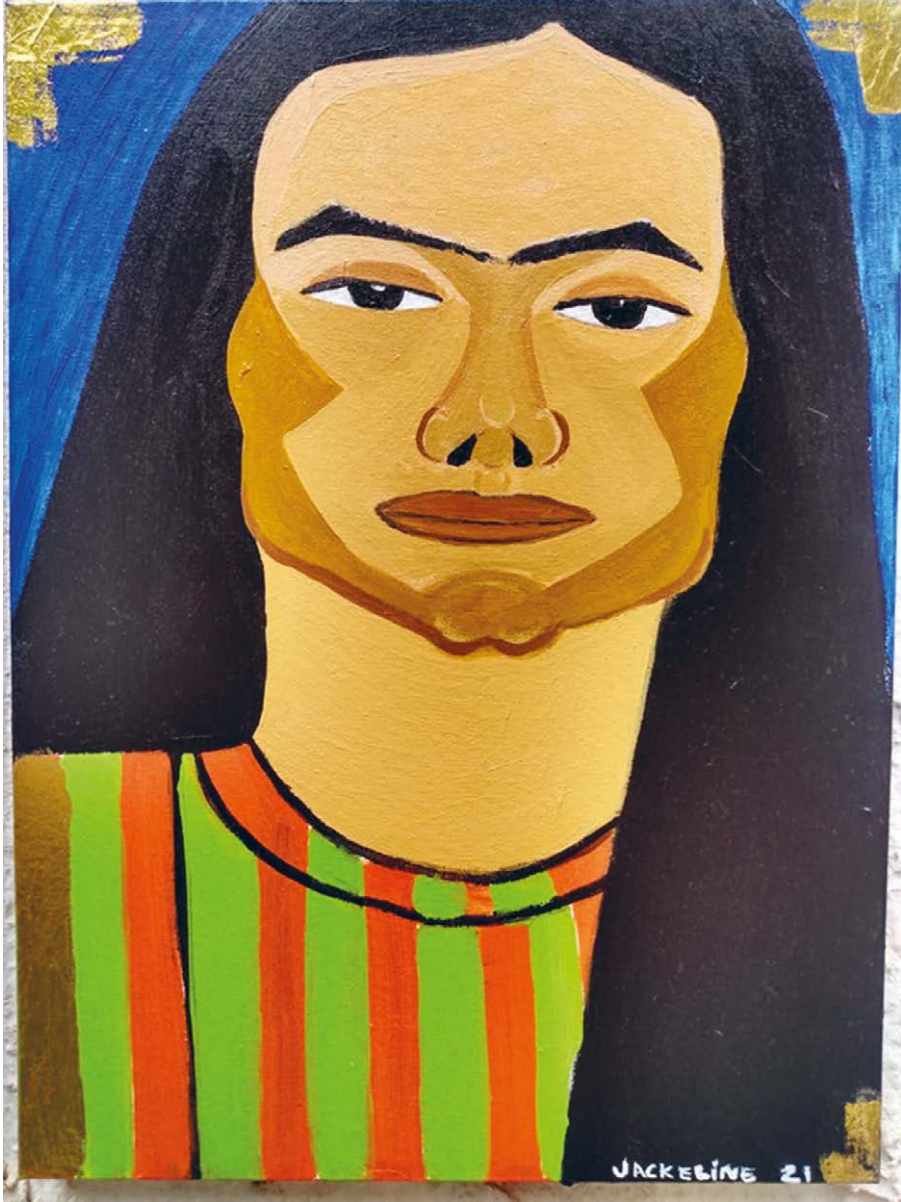












LabFront

Curadoria: Pablo Gobira

Assistência de curadoria e criação visual: Priscila Rezende Portugal

A partir de obras de membros do LabFront:

Pablo Gobira

Antônio Mozelli

Emanuelle Silva

Ítalo Travenzoli

Priscila Rezende Portugal

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira

Obras:

Instalação em realidade virtual imersiva “MUSEU EM CHAMAS” (2021)

PoemApp “COVID-19” (2020)

PoemApp “LAVE AS MÃOS” (2020)

Colagem digital “ENTRE O MUSEU E AS CHAMAS” (2020)

Jogo digital “SAD DEFENSE” (2019)

Descrição:

Este ensaio visual foi criado no ano de 2021 a partir de 5 obras produzidas no grupo de pesquisa, desenvolvimento e inovação Laboratório de Poéticas Fronteiriças (CNPq/UEMG). As obras nas quais ele se baseia foram compostas enquanto parte de projetos desenvolvidos entre os anos de 2018 e 2021. Esses projetos tiveram a participação de diversos outros membros do grupo, além das equipes envolvidas diretamente com a criação das obras. Além de serem realizadas de modo colaborativo, tais obras são operadores conceituais em discussões teórico-práticas desenvolvidas nos projetos. Caso queiram saber mais sobre o LabFront, nossas pesquisas, curadorias, outras obras e aplicações ou bibliografias disponíveis gratuitamente, recomendamos o acesso ao website do grupo de pesquisa: <http://labfront.tk>

LabFront

Curated by: Pablo Gobira

Curatorial assistance and visual creation: Priscila Rezende Portugal

Based on works by LabFront members:

Pablo Gobira

Antônio Mozelli

Emanuelle Silva

Ítalo Travenzoli

Priscila Rezende Portugal

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira

Works:

Immersive Virtual Reality Installation “MUSEUM ON FIRE” (2021)

PoemApp “COVID-19” (2020)

PoemApp “WASH YOUR HANDS” (2020)

Digital Collage “BETWEEN THE MUSEUM AND THE FLAMES” (2020)

Digital Game “SAD DEFENSE” (2019)

Description:

This visual essay was created in 2021 based on 5 works produced by the research, development, and innovation group “Laboratório de Poéticas Fronteiriças” (CNPq/UEMG). The works it is based on were composed as part of projects developed between 2018 and 2021. These projects involved the participation of various other group members, in addition to teams directly involved in the creation of the works. Besides being created collaboratively, these works are conceptual operators in theoretical-practical discussions developed in the projects. If you would like to know more about LabFront, our research, curations, other works and applications, or freely available bibliographies, we recommend visiting the research group’s website: <http://labfront.tk>

LabFront

Curaduría: Pablo Gobira

Asistencia curatorial y creación visual: Priscila Rezende Portugal

Basado en obras de miembros de LabFront:

Pablo Gobira

Antônio Mozelli

Emanuelle Silva

Ítalo Travenzoli

Priscila Rezende Portugal

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira

Obras:

Instalación de Realidad Virtual Inmersiva “MUSEO EN LLAMAS” (2021)

PoemApp “COVID-19” (2020)

PoemApp “LÁVATE LAS MANOS” (2020)

Collage Digital “ENTRE EL MUSEO Y LAS LLAMAS” (2020)

Juego Digital “DEFENSA TRISTE” (2019)

Descripción:

Este ensayo visual se creó en 2021 a partir de 5 obras producidas por el grupo de investigación, desarrollo e innovación “Laboratório de Poéticas Fronteiriças” (CNPq/UEMG). Las obras en las que se basa se compusieron como parte de proyectos desarrollados entre 2018 y 2021. Estos proyectos contaron con la participación de varios otros miembros del grupo, además de equipos directamente involucrados en la creación de las obras. Además de ser creadas de manera colaborativa, estas obras son operadores conceptuales en discusiones teórico-prácticas desarrolladas en los proyectos. Si desea obtener más información sobre LabFront, nuestras investigaciones, curadurías, otras obras y aplicaciones, o bibliografías disponibles de forma gratuita, le recomendamos visitar el sitio web del grupo de investigación: <http://labfront.tk>

LabFront

Commissariat : Pablo Gobira

Assistance à la commissariat et création visuelle : Priscila Rezende Portugal

Basé sur des oeuvres de membres de LabFront :

Pablo Gobira

Antônio Mozelli

Emanuelle Silva

Ítalo Travenzoli

Priscila Rezende Portugal

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira

OEuvres :

Installation de réalité virtuelle immersive “MUSÉE EN FEU” (2021)

PoemApp “COVID-19” (2020)

PoemApp “LAVEZ-VOUS LES MAINS” (2020)

Collage numérique “ENTRE LE MUSÉE ET LES FLAMMES” (2020)

Jeu numérique “DÉFENSE TRISTE” (2019)

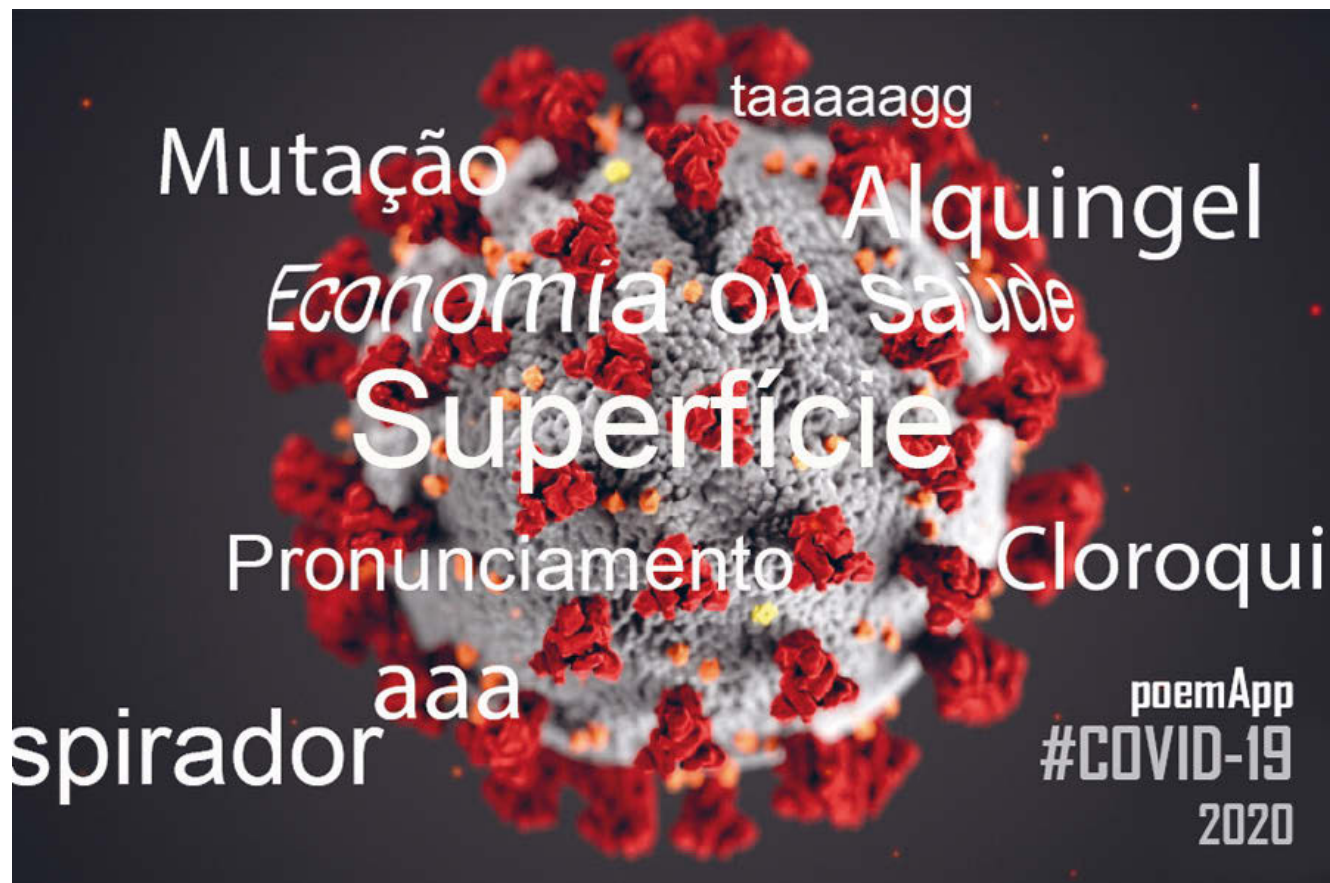
Description :

Cet essai visuel a été créé en 2021 à partir de 5 oeuvres produites par le groupe de recherche, de développement et d'innovation “Laboratório de Poéticas Fronteiriças” (CNPq/UEMG). Les oeuvres sur lesquelles il est basé ont été composées dans le cadre de projets développés entre 2018 et 2021. Ces projets ont impliqué la participation de divers autres membres du groupe, en plus des équipes directement impliquées dans la création des oeuvres. Outre leur création collaborative, ces oeuvres sont des opérateurs conceptuels dans les discussions théorico-pratiques développées dans les projets. Si vous souhaitez en savoir plus sur LabFront, nos recherches, nos expositions, nos autres oeuvres et applications, ou les bibliographies disponibles gratuitement, nous vous recommandons de visiter le site web du groupe de recherche : <http://labfront.tk>











Como lavar as mãos corretamente:

Pinus inalcançável em sua altivez.
0:38

■ Parar

← *Lavar as Mãos*

Como lavar as mãos corretamente:

Existência firme e logaritmica.
0:28

■ Parar

← *Lavar as Mãos*

Como lavar as mãos corretamente:

Navega quintessência escatológica.
0:16

■ Parar

← *Lavar as Mãos*

Como lavar as mãos corretamente:

Transforma espinhos em escuridão.
0:10

■ Parar

#LAVEASMÃOS 2020

← *Lavar as Mãos*

Como lavar as mãos corretamente:

Suas mãos estão limpas agora!
0:00

#CAMADAS Museu Nacional do Rio de Janeiro 2020



Parceria Transdisciplinar



MEDIA
LAB/UNB

MEDIA
LAB/BR

MEDIA
LAB/UFG



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO



UnB Decanato de Pesquisa e Inovação



Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa





BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

